Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!

Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

As Crianças da Ferrovia (Livro Completo)

Capítulo 1: O Começo de Tudo

Eles não eram crianças ligadas a ferrovias no início. Creio que nunca haviam pensado em ferrovias, exceto como meio de chegar até a Maskelyne and Cook's, a Casa dos Mistérios; ao Pantomime, ao Zoológico e ao museu da Madame Tussaud. Eram apenas crianças suburbanas comuns, que viviam com o pai e a mãe em uma casa normal de fachada de tijolos vermelhos, com vidro colorido na porta da frente, um corredor com piso de azulejos chamado de "hall", um banheiro com água quente e fria, campainhas elétricas, janelas francesas, muito branco na pintura da casa e "todas as comodidades modernas", como os corretores de imóveis costumam dizer.

Eram três crianças. Roberta era a mais velha. Claro que mães nunca têm filhos preferidos, mas se a mãe deles TIVESSE um favorito, talvez fosse Roberta. Depois vinha Peter, que desejava ser engenheiro quando crescesse; e a mais nova era Phyllis, que tinha as intenções mais puras.

A mãe não passava todo o tempo fazendo visitas entediantes a mulheres igualmente entediantes, nem

ficava sentada, sem fazer nada, esperando que as mulheres viessem visitá-la. Ela quase sempre estava por perto, pronta para brincar com as crianças, ler para elas e ajudá-las a fazer os deveres de casa. Além disso, costumava escrever histórias para elas enquanto estavam na escola e as lia em voz alta durante o chá. Também improvisava poemas engraçados para os aniversários deles ou outras grandes ocasiões, como o batizado dos novos gatinhos, ou a reforma da casinha de bonecas, ou a época em que se recuperavam de caxumba.

Essas três crianças sortudas sempre tinham tudo de que precisavam: roupas bonitas, lareiras aconchegantes, um maravilhoso quarto infantil cheio de brinquedos e um papel de parede com desenhos da Mãe Gansa. Tinham também uma babá gentil e alegre, e um cachorro chamado James, que era só deles. Também possuíam um pai simplesmente perfeito – nunca bravo, nunca injusto, e sempre disposto a brincar; pelo menos, se em algum momento ele NÃO estivesse disposto, sempre tinha uma ótima razão para isso e explicava o motivo de forma tão interessante e engraçada que as crianças sentiam que ele simplesmente não podia evitar.

Você pensaria que eles deveriam ser muito felizes. E realmente eram, mas não sabiam QUÃO felizes eram até que a bela vida na Villa Vermelha chegasse ao fim e eles tivessem que viver uma vida completamente diferente.

A terrível mudança veio de forma bastante repentina. Peter estava fazendo aniversário – dez anos. Entre os presentes, havia uma locomotiva de brinquedo mais

perfeita do que você poderia imaginar. Os outros presentes eram encantadores, mas a locomotiva era a mais charmosa de todas.
Seu encanto durou em plena perfeição por exatamente três dias. Então, devido à inexperiência de Peter, às boas intenções (um tanto precipitadas) de Phyllis, ou por algum outro motivo, a locomotiva de repente explodiu com um estrondo. James ficou tão assustado que correu embora e não voltou o dia inteiro. Todos os moradores da Arca de Noé que estavam no vagão foram reduzidos a pedaços, mas nada mais foi danificado além da pobre locomotiva e os sentimentos de Peter. Os outros disseram que ele chorou por causa disso - mas, é claro, meninos de dez anos não choram, por mais terríveis que sejam as tragédias que obscureçam seu destino. Ele disse que seus olhos estavam vermelhos porque estava resfriado. Isso acabou sendo verdade, embora Peter não soubesse quando disse isso. No dia seguinte, teve que ficar na cama. A mãe começou a temer que ele pudesse estar com sarampo, quando de repente ele sentou-se na cama e disse:
"Eu odeio mingau, odeio água de cevada, odeio pão com leite. Quero me levantar e comer algo de VERDADE."
"O que você gostaria?", perguntou a mãe.
"Uma torta de pombo," disse Pedro, entusiasmado, "uma grande torta de pombo. Uma muito grande."
Então, a Mamãe pediu à Cozinheira para fazer uma grande torta de pombo. A torta foi feita. E quando a torta foi feita, foi cozida. E quando foi cozida, Pedro comeu um pedaço. Depois disso, seu resfriado melhorou. Mamãe criou um poema para diverti-lo enquanto a torta

estava sendo feita. Começava dizendo o quão infeliz, mas digno, Pedro era, e então continuava assim:
Ele tinha uma máquina que amava
Com todo o seu coração e alma,
E se ele tivesse um desejo na terra,
Seria mantê-la inteira.
Um dia – meu amigo, prepare sua mente;
Estou chegando à pior parte –
De repente, um parafuso enlouqueceu,
E então a caldeira explodiu!
Com expressão sombria, ele a pegou
E levou para sua Mamãe,
Embora ele mesmo não pudesse supor
Que ela faria outra igual;
Para aqueles que pereceram nos trilhos,
Ele não parecia ligar,
Sua máquina era mais importante para ele
Do que todas as pessoas lá.
E agora você entende a razão
Pela qual nosso Pedro adoeceu:
Ele acalma sua alma com torta de pombo
Para aliviar sua dor tão cruel.
Ele se cobre com cobertores quentes
E dorme na cama até tarde,
Determinado a superar
Seu destino tão desagradável.
E se seus olhos estão um pouco vermelhos,
Seu resfriado deve ser a desculpa:
Ofereça-lhe torta; tenha certeza
De que ele nunca a recusará.

O Pai estava fora, no interior, havia três ou quatro dias. Todas as esperanças de Pedro para consertar sua afligida máquina estavam agora fixadas em seu Pai, pois o Pai era incrivelmente habilidoso com as mãos. Ele podia consertar todos os tipos de coisas. Muitas vezes, tinha atuado como veterinário para o cavalo de balanço de madeira; uma vez, ele salvou sua vida quando toda ajuda humana parecia em vão, e a pobre criatura era dada como perdida, e até mesmo o carpinteiro disse que não via como fazer algo. E foi o Pai que consertou o berço da boneca quando ninguém mais conseguiu; e, com um pouco de cola, alguns pedaços de madeira e um canivete, fez com que todos os animais da Arca de Noé ficassem tão firmes sobre suas patas quanto sempre foram, se não mais firmes.

Peter, com um heroico desinteresse, não disse nada sobre seu motor até depois de o pai ter jantado e fumado seu charuto pós-jantar. O desinteresse foi ideia da mãe, mas foi Peter quem pôs em prática. E isso exigiu uma boa dose de paciência também.

Finalmente, a mãe disse ao pai:

"Agora, querido, se você está completamente descansado e confortável, queremos contar sobre o grande acidente ferroviário e pedir seu conselho."

"Está bem" disse o pai. "Manda ver!"

Então, Peter contou a triste história e trouxe o que sobrou do motor.

"Hum "disse o pai, depois de examinar cuidadosamente o motor."

As crianças prenderam a respiração.

"Não há NENHUMA esperança?" disse Peter, com uma voz baixa e trêmula.
"Esperança? Claro que há! E muita!" disse o pai, animado. "Mas vai precisar de algo além de esperança "talvez um pouco de solda ou brasagem e uma válvula nova. Acho que é melhor deixarmos isso para um dia chuvoso. Em outras palavras, vou dedicar a tarde de sábado para isso, e todos vocês vão me ajudar."
"As meninas podem ajudar a consertar motores?" Peter perguntou, hesitante.
"Claro que podem. Meninas são tão inteligentes quanto meninos, e não se esqueça disso! Que tal você ser maquinista, Phil?"
"Meu rosto estaria sempre sujo, não estaria?" disse Phyllis, sem entusiasmo. "E aposto que eu quebraria alguma coisa."
"Eu adoraria" disse Roberta. "Você acha que eu poderia ser quando crescer, papai? Ou até mesmo uma auxiliar de foguista?"
"Você quer dizer foguista" disse o pai, mexendo no motor. "Bem, se você ainda quiser isso quando crescer, podemos pensar em fazer de você uma foguista. Eu me lembro de quando eu era garoto..."
Nesse momento, houve uma batida na porta da frente.
"Quem será!" disse o pai. "A casa de um inglês é seu castelo, é claro, mas bem que podiam construir vilas geminadas com fossos e pontes levadiças."
Ruth – a criada, que tinha cabelo ruivo – entrou e disse que havia dois cavalheiros que queriam falar com o patrão.
"Já os levei para a biblioteca, senhor" disse ela.

"Aposto que é a assinatura para o tributo ao pastor" disse a mãe. "Ou então é o fundo de férias do coral. Se desfaça deles rápido, querido. Isso atrapalha tanto uma noite, e já está quase na hora das crianças irem para a cama."
Mas o pai parecia não conseguir se livrar dos cavalheiros tão rapidamente.
"Bem que poderíamos ter um fosso e uma ponte levadiça" disse Roberta. "Assim, quando não quiséssemos visitas, era só levantar a ponte, e ninguém mais entraria. Aposto que o pai vai esquecer de quando era garoto se eles demorarem muito."
A mãe tentou fazer o tempo passar contando uma nova história de fadas sobre uma princesa de olhos verdes, mas era difícil porque eles conseguiam ouvir as vozes do pai e dos cavalheiros na biblioteca, e a voz do pai parecia mais alta e diferente da que ele geralmente usava ao falar com pessoas sobre homenagens e fundos de férias.
Então, o sino da biblioteca tocou, e todos suspiraram de alívio.
"Eles estão indo embora" disse Phyllis. "Ele tocou para que fossem acompanhados até a porta."
Mas, em vez de levar alguém para fora, Ruth entrou e, na opinião das crianças, parecia esquisita.
"Por favor, senhora," disse ela, "o Mestre quer que a senhora vá até o escritório. Ele está com uma aparência de quem viu a morte, senhora; acho que recebeu más notícias. É melhor a senhora se preparar para o pior "talvez seja uma morte na família ou um banco que faliu ou..."

"Já chega, Ruth," disse a Mãe gentilmente. "Pode ir."
Então, a Mãe foi até a biblioteca. Ouviu-se mais conversa. Depois, a campainha tocou novamente, e Ruth chamou um táxi. As crianças ouviram passos descendo as escadas e saindo. O táxi foi embora, e a porta da frente se fechou. Em seguida, a Mãe voltou. Seu rosto querido estava tão pálido quanto a gola de renda que usava, e seus olhos pareciam muito grandes e brilhantes. Sua boca era apenas uma linha fina de vermelho pálido – seus lábios estavam finos e completamente fora do seu formato normal.
"Está na hora de dormir," disse ela. "Ruth vai colocar vocês na cama."
"Mas você prometeu que poderíamos ficar acordados até mais tarde hoje porque o papai voltou para casa," disse Phyllis.
"O papai foi chamado para uma viagem de negócios," respondeu a Mãe. "Vamos, queridos, subam agora."
Eles a beijaram e foram. Roberta ficou mais um pouco para dar um abraço extra na Mãe e sussurrar:
"Não foram más notícias, não é, mamãe? Alguém morreu ou..."
"Ninguém morreu não," disse a Mãe, parecendo praticamente empurrar Roberta para longe. "Não posso te contar nada hoje à noite, meu amor. Vá, querida, vá AGORA."
Então Roberta foi.
Ruth escovou os cabelos das meninas e ajudou-as a se despir. (A Mãe quase sempre fazia isso pessoalmente.) Quando Ruth apagou o gás e as deixou, encontrou Peter, ainda vestido, esperando nas escadas.

"Ei, Ruth, o que está acontecendo?" ele perguntou.
"Não me pergunte nada que eu não vou te contar mentira nenhuma," respondeu a ruiva Ruth. "Vocês vão saber logo, logo."
Mais tarde naquela noite, a Mãe subiu e beijou as três crianças enquanto dormiam. Mas Roberta foi a única cujo beijo a acordou, e ela ficou quietinha como um ratinho, sem dizer nada.
"Se a Mamãe não quer que saibamos que estava chorando," disse ela para si mesma, enquanto ouvia na escuridão o som entrecortado da respiração da Mãe, "então NÃO vamos saber. É isso."
Na manhã seguinte, quando desceram para o café da manhã, a Mãe já havia saído.
"Foi para Londres," disse Ruth, e as deixou sozinhas com o café.
"Algo horrível está acontecendo," disse Peter, quebrando seu ovo. "Ruth me disse ontem à noite que logo saberíamos."
"VOCÊ perguntou pra ela?" disse Roberta com desprezo.
"Sim, eu fiz!", disse Peter, irritado. "Se você consegue ir para a cama sem se importar se a mamãe está preocupada ou não, eu não consigo. Pronto, falei."
"Eu acho que não deveríamos perguntar coisas aos empregados que a mamãe não nos conta", disse Roberta.
"Isso mesmo, Senhorita Santinha", disse Peter, "continue pregando."
"EU não sou santinha", disse Phyllis, "mas acho que desta vez Bobbie está certa."

"Claro. Ela sempre está. Na opinião dela mesma", disse Peter.
"Ah, NÃO FAÇA ISSO!", gritou Roberta, colocando sua colher de ovo de lado; "não vamos ser cruéis uns com os outros. Tenho certeza de que está acontecendo alguma calamidade terrível. Não vamos piorar as coisas!"
"Quem começou, eu gostaria de saber?", disse Peter.
Roberta fez um esforço e respondeu:
"Fui eu, suponho, mas..."
"Bem, então", disse Peter, triunfante. Mas antes de ir para a escola, ele deu um tapinha nas costas da irmã e disse para ela se animar.
As crianças voltaram para o almoço às uma hora, mas a mamãe não estava lá. E ela também não estava na hora do chá.
Foi quase sete horas antes que ela chegasse, parecendo tão mal e cansada que as crianças sentiram que não podiam fazer perguntas. Ela se afundou em uma poltrona. Phyllis tirou os longos alfinetes de seu chapéu, enquanto Roberta tirava suas luvas, e Peter desamarrava seus sapatos e pegava seus chinelos macios e aveludados.
Depois que ela tomou uma xícara de chá e Roberta colocou água-de-colônia em sua cabeça dolorida, a mamãe disse:
"Agora, meus queridos, eu quero lhes contar uma coisa. Aqueles homens ontem à noite trouxeram notícias muito ruins, e o papai vai ficar fora por algum tempo. Estou muito preocupada com isso e quero que todos me ajudem e não tornem as coisas mais difíceis para mim."

"Como se nós faríamos isso!", disse Roberta, segurando a mão da mamãe contra seu rosto.
"Vocês podem me ajudar muito", disse a mamãe, "sendo bons e felizes e não brigando quando eu estiver fora" Roberta e Peter trocaram olhares de culpa "pois terei que ficar fora bastante."
"Não vamos brigar. De verdade não vamos", disseram todos. E realmente fizeram isso.
"Então", continuou a mamãe, "eu quero que vocês não me façam perguntas sobre esse problema; e não perguntem a ninguém mais."
Peter encolheu-se e arrastou os sapatos no carpete.
"Vocês vão prometer isso também, não vão?", perguntou a mamãe.
"Eu perguntei à Ruth", disse Peter, de repente. "Sinto muito, mas perguntei."
"E o que ela disse?"
"Ela disse que eu saberia em breve."
"Não é necessário que vocês saibam nada sobre isso", disse a mamãe; "é sobre negócios, e vocês não entendem de negócios, não é?"
"Não", disse Roberta; "tem algo a ver com o Governo?" Pois o papai trabalhava em um Escritório do Governo.
"Sim", disse a mamãe. "Agora é hora de dormir, meus queridos. E NÃO se preocupem. Tudo vai dar certo no final."
"Então a senhora também não se preocupe, mamãe", disse Phyllis, "e todos nós seremos bons como ouro."
A mamãe suspirou e os beijou.
"Vamos começar a ser bons logo amanhã de manhã", disse Peter, enquanto subiam as escadas.

"Por que não AGORA?", perguntou Roberta.
"Não há nada para ser bom AGORA, sua boba", disse Peter.
"Podemos começar tentando SENTIR-SE bem", disse Phyllis, "e não insultar."
"Quem está insultando?", disse Peter. "A Bobbie sabe muito bem que quando eu digo 'boba', é o mesmo que se eu dissesse Bobbie."
"BEM", disse Roberta.
"Não, não quero dizer o que você está pensando. Quero dizer que é só um – como o papai chama isso? – um germe de carinho! Boa noite."
As meninas dobraram suas roupas com mais capricho do que de costume – o único jeito de serem boas que conseguiram imaginar.
"Ei", disse Phyllis, alisando seu avental, "você costumava dizer que era tão monótono, nada acontecia, como nos livros. Agora algo ACONTECEU."
"Eu nunca quis que algo acontecesse que deixasse a mamãe infeliz", disse Roberta. "Está tudo perfeitamente horrível."
Tudo continuou perfeitamente horrível por algumas semanas.
A mamãe estava quase sempre fora. As refeições eram monótonas e desleixadas. A empregada intermediária foi mandada embora, e a tia Emma veio de visita. Tia Emma era muito mais velha que a mamãe. Ela estava indo para o exterior para ser governanta. Estava muito ocupada preparando suas roupas, que eram muito feias, desbotadas, e estavam sempre espalhadas pela casa, enquanto a máquina de costura parecia zumbir

incessantemente, o dia inteiro e parte da noite. Tia Emma acreditava em manter as crianças "em seus devidos lugares". E eles mais do que retribuíam o sentimento. A ideia das crianças sobre o "lugar devido" da tia Emma era qualquer lugar em que elas não estivessem. Assim, viam muito pouco dela. Preferiam a companhia dos empregados, que eram mais divertidos.
A cozinheira, quando estava de bom humor, cantava canções cômicas, e a empregada doméstica, se acontecia de não estar ofendida com eles, podia imitar uma galinha que acaba de botar um ovo, uma garrafa de champanhe sendo aberta, e conseguia miar como dois gatos brigando.
Os empregados nunca disseram às crianças quais eram as más notícias que os cavalheiros tinham trazido para o papai. Mas viviam insinuando que poderiam contar muito, se quisessem – e isso não era nada confortável.
Um dia, quando Peter armou uma armadilha boba sobre a porta do banheiro, e ela funcionou lindamente enquanto Ruth passava, a criada de cabelo ruivo o pegou e deu um tapa em suas orelhas.
"Você vai acabar mal", disse ela furiosamente, "seu pirralho terrível! Se você não endireitar suas maneiras, vai acabar onde seu querido pai foi, estou te dizendo direto!"
Roberta repetiu isso para sua mãe, e no dia seguinte Ruth foi mandada embora.
Então veio a época em que a mãe voltou para casa, foi para a cama e ficou lá por dois dias. O médico veio, e as crianças vagavam tristemente pela casa, imaginando se o mundo estava acabando.

Uma manhã, a mãe desceu para o café da manhã, muito pálida e com linhas no rosto que antes não estavam lá. E ela sorriu o melhor que pôde e disse:
"Agora, meus queridos, tudo está resolvido. Vamos deixar esta casa e morar no campo. Uma casinha branca adorável. Tenho certeza de que vocês vão amar."
Seguiu-se uma semana agitada de empacotamento – não apenas roupas, como quando você vai para a praia, mas também cadeiras e mesas, cobrindo seus topos com sacos e suas pernas com palha.
Todo tipo de coisa foi empacotado, coisas que você não empacotaria se fosse para a praia: louças, cobertores, castiçais, tapetes, camas, panelas, e até mesmo grelhas e utensílios de lareira.
A casa ficou como um depósito de móveis. Acho que as crianças gostaram bastante disso. A mãe estava muito ocupada, mas não tão ocupada a ponto de não conversar com eles, ler para eles, e até fazer uma poesia para animar Phyllis quando ela caiu com uma chave de fenda e machucou a mão.
"Você não vai levar isso, mãe?" Roberta perguntou, apontando para o lindo armário embutido com tartaruga vermelha e latão.
"Não podemos levar tudo", disse a mãe.
"Mas parece que estamos levando todas as coisas feias", disse Roberta.
"Estamos levando as úteis", disse a mãe. "Vamos brincar de ser pobres por um tempo, minha querida."
Quando todas as coisas feias e úteis foram empacotadas e levadas em um caminhão por homens usando aventais verdes de baeta, as duas meninas, a mãe e a tia Emma

dormiram nos dois quartos de hóspedes, onde os móveis eram bonitos. Todas as camas deles haviam sido levadas. Uma cama improvisada foi montada no sofá da sala para Peter.
"Eu digo, isso é divertido", disse ele, contorcendo-se alegremente enquanto a mãe o cobria. "Eu gosto de mudanças! Queria que nos mudássemos uma vez por mês."
A mãe riu.
"Eu não!", disse ela. "Boa noite, Peterkin."
Quando ela se virou, Roberta viu seu rosto. Ela nunca esqueceu.
"Oh, mãe," ela sussurrou para si mesma enquanto se deitava, "como você é corajosa! Como eu te amo! Imagine ser corajosa o suficiente para rir quando está se sentindo assim!"
No dia seguinte, caixas foram embaladas, mais caixas e mais caixas; então, ao final da tarde, um táxi chegou para levá-los à estação.
A tia Emma foi se despedir deles. Eles sentiam como se fossem eles que estavam se despedindo dela, e ficaram felizes por isso.
"Mas, oh, aquelas pobres crianças estrangeiras que ela vai governar!" sussurrou Phyllis. "Eu não queria ser elas por nada!"
No começo, gostaram de olhar pela janela, mas, quando escureceu, começaram a ficar cada vez mais sonolentos, e ninguém sabia quanto tempo haviam passado no trem quando foram despertados pela mãe os sacudindo gentilmente e dizendo:
"Acordem, queridos. Chegamos."

Eles despertaram, frios e melancólicos, e ficaram tremendo na plataforma ventosa enquanto as bagagens eram retiradas do trem. Então a locomotiva, bufando e soprando, voltou a funcionar e arrastou o trem embora. As crianças observaram as luzes traseiras do furgão desaparecerem na escuridão.

Esse foi o primeiro trem que as crianças viram na ferrovia que, com o tempo, se tornaria tão querida para elas. Elas não imaginavam então como cresceriam para amar a ferrovia, e como logo ela se tornaria o centro de suas novas vidas, nem que maravilhas e mudanças ela traria para elas. Elas apenas tremiam, espirravam e esperavam que a caminhada até a casa nova não fosse longa. O nariz de Peter estava mais frio do que ele jamais se lembrava de ter estado. O chapéu de Roberta estava torto, e o elástico parecia mais apertado do que de costume. Os cadarços dos sapatos de Phyllis haviam desamarrado.

"Venham," disse a mãe, "temos que caminhar. Não há táxis por aqui."

A caminhada era escura e lamacenta. As crianças tropeçaram um pouco na estrada esburacada, e, uma vez, Phyllis caiu distraidamente em uma poça, sendo levantada molhada e infeliz. Não havia postes de luz na estrada, e o caminho era íngreme. A carroça seguia a passo de homem, e elas seguiam o som áspero de suas rodas. À medida que seus olhos se acostumavam com a escuridão, podiam ver os amontoados de caixas balançando vagamente à frente delas.

Um portão longo precisou ser aberto para a carroça passar, e depois disso o caminho parecia cruzar campos

"e agora descia um morro. Logo um grande vulto escuro e volumoso apareceu à direita.
"Ali está a casa", disse a mãe. "Eu me pergunto por que ela fechou os postigos."
"Quem é 'ela'?" perguntou Roberta.
"A mulher que contratei para limpar o lugar, organizar os móveis e preparar o jantar."
Havia um muro baixo e árvores dentro.
"Esse é o jardim," disse a mãe.
"Parece mais uma forma de assar cheia de repolhos pretos", disse Pedro.
A carroça continuou ao longo do muro do jardim e deu a volta para a parte de trás da casa, onde entrou ruidosamente em um pátio com paralelepípedos e parou na porta dos fundos.
Não havia luz em nenhuma das janelas.
Todos bateram na porta, mas ninguém apareceu.
O homem que conduzia a carroça disse que achava que a Sra. Viney já tinha ido para casa.
"Vejam, o trem de vocês chegou tão tarde," disse ele.
"Mas ela tem a chave," disse a Mãe. "O que vamos fazer?"
"Ah, ela deve ter deixado a chave debaixo da soleira da porta," disse o homem da carroça; "o pessoal daqui faz isso." Ele pegou a lanterna da carroça e se abaixou.
"Ah, está aqui mesmo," disse ele.
Ele destrancou a porta, entrou e colocou sua lanterna sobre a mesa.
"Tem alguma vela por aqui?" perguntou ele.
"Não sei onde está nada." A Mãe falou com um tom um pouco menos animado que de costume.

Ele riscou um fósforo. Havia uma vela na mesa, e ele a acendeu. À luz fraca da vela, as crianças viram uma cozinha grande e vazia, com um chão de pedra. Não havia cortinas nem tapete de lareira. A mesa da cozinha que tinham trazido de casa estava no meio da sala. As cadeiras estavam empilhadas em um canto, e as panelas, frigideiras, vassouras e louças em outro. Não havia fogo, e a grelha preta mostrava cinzas frias e mortas.
Quando o homem da carroça se virou para sair depois de trazer as caixas, ouviram um som de farfalhar e correria que parecia vir de dentro das paredes da casa.
"Ah, o que é isso?" gritaram as meninas.
"São só os ratos," disse o homem da carroça. E ele foi embora, fechando a porta, e a corrente de ar repentina apagou a vela.
"Ah, céus," disse Phyllis. "Eu queria que não tivéssemos vindo!" e ela derrubou uma cadeira.
"São SÓ os ratos!" disse Pedro, no escuro.

Capítulo 2: A Mina de Carvão de Peter

"Que divertido!" disse a Mãe, no escuro, tateando a mesa em busca dos fósforos. "Como os pobres ratinhos ficaram apavorados — não acredito que fossem ratos de verdade."
Ela acendeu um fósforo e reacendeu a vela, e todos se olharam sob sua luz vacilante e piscante.

"Bem", ela disse, "vocês sempre quiseram que algo acontecesse e agora aconteceu. Isso é uma verdadeira aventura, não é? Eu pedi à Sra. Viney para nos trazer pão, manteiga, carne e outras coisas, e para deixar o jantar pronto. Suponho que ela tenha posto tudo na sala de jantar. Então, vamos ver."

A sala de jantar ficava conectada à cozinha. Parecia muito mais escura do que a cozinha quando entraram com a única vela. Isso porque a cozinha tinha paredes caiadas, mas a sala de jantar era toda revestida de madeira escura do chão ao teto, e havia vigas pesadas e pretas no teto. O espaço era uma confusão de móveis empoeirados—os móveis da saleta de café da manhã da casa antiga onde eles viveram toda a vida. Parecia que fazia muito tempo e que ficava muito distante.

Havia a mesa, certamente, e cadeiras, mas não havia jantar.

"Vamos procurar nos outros cômodos", disse a Mãe; e eles procuraram. Em cada cômodo havia o mesmo tipo de arranjo improvisado com móveis, utensílios de lareira, louças espalhadas pelo chão e todo tipo de objetos estranhos, mas nada para comer; nem mesmo na despensa, onde havia apenas uma lata enferrujada de bolo e um prato quebrado com pó de giz misturado.

"Que mulher horrível!" disse a Mãe. "Ela simplesmente foi embora com o dinheiro e não nos deixou nada para comer."

"Então, não vamos jantar?" perguntou Phyllis, desanimada, pisando em uma saboneteira que estalou sob seu pé.

"Ah, vamos sim," disse a Mãe, "mas isso vai significar desembrulhar uma daquelas grandes caixas que colocamos no porão. Phyllis, tome cuidado por onde anda, querida. Peter, segure a vela."
A porta do porão dava para a cozinha. Havia cinco degraus de madeira que levavam para baixo. As crianças achavam que não era um porão de verdade, porque o teto era tão alto quanto o da cozinha. Um suporte de bacon pendia do teto. Havia madeira e carvão lá dentro. Também havia os grandes baús.
Peter segurava a vela, inclinada de lado, enquanto a Mãe tentava abrir o enorme caixote de madeira. Ele estava muito bem pregado.
"Onde está o martelo?" perguntou Peter.
"Aí está o problema," disse a Mãe. "Receio que esteja dentro da caixa. Mas tem uma pá de carvão—e ali está o atiçador da cozinha."
E com esses objetos, ela tentou abrir a caixa.
"Deixa que eu faço isso," disse Peter, achando que poderia fazer melhor. Todo mundo pensa assim quando vê outra pessoa mexendo no fogo, abrindo uma caixa ou desatando um nó em uma corda.
"Você vai machucar as mãos, Mamãe," disse Roberta; "deixa que eu faço."
"Eu queria que o Papai estivesse aqui," disse Phyllis; "ele abriria isso num piscar de olhos. Por que você está me chutando, Bobbie?"
"Eu não estava," disse Roberta.
Naquele momento, o primeiro dos longos pregos da caixa começou a sair com um rangido. Uma ripa foi levantada, depois outra, até que as quatro estavam soltas, com os

longos pregos brilhando ferozmente, como dentes de ferro, à luz da vela.
"Viva!" disse a Mãe; "aqui estão algumas velas—logo de cara! Meninas, vão acendê-las. Vocês encontrarão alguns pires e outros utensílios. Basta colocar um pouco de cera de vela no pires e fixar a vela nele."
"Quantas devemos acender?"
"Quantas quiserem," disse a Mãe, animada. "O mais importante é estar alegre. Ninguém consegue ser alegre no escuro, exceto corujas e arganazes."
Então as meninas acenderam as velas. A cabeça do primeiro fósforo voou e grudou no dedo de Phyllis; mas, como Roberta disse, foi apenas uma pequena queimadura, e ela poderia ter sido uma mártir romana e ter sido queimada inteira, se tivesse vivido nos tempos em que essas coisas eram comuns.
Quando a sala de jantar estava iluminada por quatorze velas, Roberta trouxe carvão e lenha e acendeu uma lareira.
"Está muito frio para maio," disse ela, sentindo como era algo adulto dizer isso.
A luz do fogo e das velas fez a sala de jantar parecer muito diferente, pois agora era possível ver que as paredes escuras eram de madeira, esculpidas aqui e ali em pequenas guirlandas e laços.
As meninas apressadamente "organizaram" o cômodo, o que significava colocar as cadeiras contra a parede e empilhar a bagunça em um canto, parcialmente escondendo-a com a grande poltrona de couro em que o Pai costumava sentar-se depois do jantar.

"Bravo!" exclamou a Mãe, entrando com uma bandeja cheia de coisas. "Agora sim! Vou pegar uma toalha de mesa e então—"
A toalha de mesa estava em uma caixa com uma trava adequada, que era aberta com uma chave, e não com uma pá. Quando a toalha foi colocada na mesa, um verdadeiro banquete foi servido sobre ela.
Todos estavam muito, muito cansados, mas todos se animaram ao ver o jantar simples e encantador. Havia biscoitos, do tipo Marie e do tipo simples, sardinhas, gengibre cristalizado, passas de uva culinárias, cascas cristalizadas, e marmelada.
"Que bom que a Tia Emma empacotou todas essas coisas do armário da despensa," disse a Mãe. "Agora, Phil, NÃO coloque a colher de marmelada entre as sardinhas."
"Não vou, Mamãe," respondeu Phyllis, colocando-a ao lado dos biscoitos Marie.
"Vamos fazer um brinde à saúde da Tia Emma," disse Roberta, de repente; "o que teríamos feito se ela não tivesse empacotado essas coisas? Um brinde à Tia Emma!"
E o brinde foi feito com vinho de gengibre diluído com água, servido em xícaras de chá decoradas com o padrão de salgueiro, porque os copos não puderam ser encontrados.
Todos sentiram que haviam sido um pouco injustos com a Tia Emma. Ela não era uma pessoa carinhosa como a Mãe, mas, afinal, foi ela quem pensou em empacotar as sobras de alimentos.
Também foi Tia Emma quem deixou todos os lençóis devidamente arejados; e os homens que transportaram

os móveis já haviam montado as camas, então logo o quarto estava pronto.
"Boa noite, amores," disse a Mãe. "Tenho certeza de que não há nenhum rato. Mas deixarei minha porta aberta, e, se aparecer um camundongo, basta gritar que eu virei dizer exatamente o que penso dele."
Então, ela foi para o seu quarto. Roberta despertou ouvindo o pequeno relógio de viagem soar duas horas. Sempre achava que ele tinha o som de um relógio de igreja muito distante. Também ouviu a Mãe ainda se movendo pelo quarto.
Na manhã seguinte, Roberta acordou Phyllis puxando gentilmente o cabelo dela, mas o suficiente para atingir seu objetivo.
"O que foi?" perguntou Phyllis, ainda meio adormecida.
"Acorde! acorde!" disse Roberta. "Estamos na casa nova—não se lembra? Sem empregados nem nada. Vamos nos levantar e começar a ser úteis. Já acordei Peter. Ele estará vestido tão rapidamente quanto nós."
Então, elas se vestiram silenciosamente e rapidamente. É claro que não havia água no quarto delas, por isso, quando desceram, lavaram-se o quanto acharam necessário, sob o cano da bomba no pátio. Uma bombeava e a outra se lavava. Foi molhado, mas divertido.
"É muito mais divertido do que lavar na bacia," disse Roberta. "Como as ervas daninhas brilham entre as pedras, e o musgo no telhado—ah, e as flores!"
O telhado da cozinha dos fundos inclinava-se até ficar bem baixo. Era feito de palha e tinha musgo, sempre-

vivas, ervas-de-pedreira e flores-de-muro, e até um tufo de íris roxas no canto mais distante.
"Isso é incomparavelmente mais bonito do que a Edgecombe Villa", disse Phyllis. "Fico pensando como será o jardim."
"Não podemos pensar no jardim ainda", disse Roberta, com energia determinada. "Vamos entrar e começar a trabalhar."
Eles acenderam o fogo e colocaram a chaleira no fogão, organizaram as louças para o café da manhã; não conseguiram encontrar todos os utensílios certos, mas um cinzeiro de vidro fez um excelente saleiro, e uma forma de assar quase nova pareceu servir para colocar o pão, se é que tinham algum.
Quando parecia não haver mais nada que pudessem fazer, saíram novamente para a manhã fresca e iluminada.
"Agora vamos ao jardim", disse Peter. Mas, de alguma forma, eles não conseguiram encontrar o jardim. Deram a volta pela casa e mais uma volta em torno dela. O quintal ficava nos fundos, e, do outro lado, havia estábulos e dependências. Nos outros três lados, a casa estava simplesmente cercada por um campo, sem nenhum pedacinho de jardim separando-a do gramado curto e bem cuidado. E, no entanto, eles certamente tinham visto o muro do jardim na noite anterior.
Era uma região montanhosa. Lá embaixo, podiam ver a linha da ferrovia e a boca escura e assustadora de um túnel. A estação ficava fora de vista. Havia uma grande ponte com altos arcos que atravessava uma extremidade do vale.

"Esqueçam o jardim", disse Peter. "Vamos descer e olhar a ferrovia. Pode ser que passem trens."
"Podemos vê-los daqui", disse Roberta, devagar; "vamos sentar um pouco."
Então, todos se sentaram sobre uma grande pedra cinza e achatada que sobressaía da grama; era uma de várias que estavam espalhadas pela encosta, e, quando a Mãe saiu para procurá-los às oito horas, encontrou-os profundamente adormecidos, num grupo contente e aquecido pelo sol.
Eles haviam feito uma excelente fogueira e colocado a chaleira sobre ela por volta das cinco e meia. De modo que, às oito, o fogo já estava apagado há algum tempo, a água havia evaporado completamente, e o fundo da chaleira estava queimado. Além disso, eles não tinham pensado em lavar as louças antes de arrumá-las para a mesa.
"Mas não importa... as xícaras e os pires, quero dizer", disse a Mãe. "Porque encontrei outra sala—tinha me esquecido completamente que existia uma. E é mágica! E ferverei a água para o chá numa panela."
A sala esquecida abria-se na cozinha. Na agitação e na meia escuridão, na noite anterior, sua porta foi confundida com a de um armário. Era uma pequena sala quadrada e, sobre a mesa, toda arrumadinha, havia um pedaço de carne assada fria, com pão, manteiga, queijo e uma torta.
"Torta no café da manhã!" exclamou Peter. "Que coisa sensacional!"
"Não é torta de pombo", disse a Mãe. "É apenas de maçã. Bem, esse é o jantar que deveríamos ter comido

ontem à noite. E havia um bilhete da Sra. Viney. O genro dela quebrou o braço e ela precisou ir para casa mais cedo. Ela virá hoje de manhã às dez."
Aquele foi um café da manhã maravilhoso. Não é comum começar o dia com torta de maçã fria, mas todas as crianças disseram que preferiam isso a carne.
"É que, para nós, está mais parecido com jantar do que com café da manhã", disse Peter, estendendo o prato para pegar mais, "porque acordamos muito cedo."
O dia foi passando enquanto ajudavam a Mãe a desempacotar e organizar as coisas. Seis perninhas pequenas ficaram doloridas de tanto correr para lá e para cá, enquanto seus donos carregavam roupas, louças e todo tipo de objetos para seus devidos lugares. Só no finalzinho da tarde a Mãe disse:
"Pronto! Já está bom por hoje. Vou deitar por uma hora para estar tão fresca quanto uma cotovia na hora do jantar."
Então, todos olharam uns para os outros. Cada um dos três rostos expressivos refletia o mesmo pensamento. Esse pensamento era duplo e consistia, como as informações no "Guia Infantil do Conhecimento", de uma pergunta e uma resposta.
P: Para onde vamos?
R: Para a ferrovia.
Então, eles foram para a ferrovia e, assim que começaram a descer em direção a ela, viram onde o jardim estava escondido. Ficava bem atrás dos estábulos, cercado por um muro alto.

"Ah, deixa o jardim para lá agora!" exclamou Peter. "Mamãe me contou hoje de manhã onde ele ficava. Dá para deixarmos para amanhã. Vamos para a ferrovia."
O caminho para a ferrovia era todo em descida, coberto por uma grama curta e lisa, com alguns arbustos de tojo e pedras cinzentas e amarelas que se projetavam como pedaços de fruta cristalizada sobre um bolo.
O percurso terminava em uma descida íngreme e uma cerca de madeira—e lá estava a ferrovia, com os trilhos brilhantes, os fios telegráficos, os postes e os sinais. Todos subiram até o topo da cerca e, de repente, ouviram um som de estrondo que os fez olhar na direção da linha ferroviária à direita, onde a boca escura de um túnel se abria no rosto de um penhasco rochoso. No momento seguinte, um trem irrompeu do túnel com um apito estridente e um ronco, passando ruidosamente por eles. Eles sentiram o deslocar de ar enquanto o trem passava, e os pedregulhos sobre os trilhos pularam e chacoalharam sob suas rodas.
"Uau!" disse Roberta, soltando um longo suspiro. "Foi como se um grande dragão estivesse passando furioso. Você sentiu ele nos ventilar com suas asas quentes?"
"Imagino que a caverna de um dragão poderia parecer muito com esse túnel por fora", disse Phyllis.
Mas Peter comentou:
"Eu nunca pensei que chegaríamos tão perto de um trem assim. É o esporte mais incrível!"
"Melhor do que trenzinhos de brinquedo, não é?" disse Roberta.

(Estou cansada de chamar Roberta pelo nome. Não vejo razão para isso. Ninguém mais fazia isso. Todo mundo a chamava de Bobbie, e não vejo por que eu não devia.)
"Não sei; é diferente", disse Peter. "É tão estranho ver TODO o trem. Ele é incrivelmente alto, não é?"
"Sempre os vimos divididos ao meio pelas plataformas", disse Phyllis.
"Será que aquele trem estava indo para Londres?", Bobbie perguntou. "Londres é onde o papai está."
"Vamos descer até a estação para descobrir", sugeriu Peter.
E assim, eles foram.
Caminharam pela margem da linha ferroviária, ouvindo os fios telegráficos zumbindo acima de suas cabeças. Quando você está no trem, parece uma distância tão pequena entre um poste e outro, e, um depois do outro, os postes parecem pegar os fios quase mais rápido do que você consegue contar. Mas, ao caminhar, os postes parecem poucos e bem distantes uns dos outros.
Mas as crianças finalmente chegaram à estação.
Nunca antes nenhuma delas havia estado em uma estação, exceto com o propósito de pegar um trem—ou talvez esperar por ele—e sempre com adultos acompanhando, adultos que não estavam interessados em estações, exceto como lugares de onde queriam ir embora.
Nunca antes tinham passado perto o suficiente de uma cabine de sinalização para notar os fios ou ouvir o misterioso "ping, ping", seguido pelo clique firme e forte das máquinas.

Até mesmo os dormentes sobre os quais os trilhos se apoiavam eram um caminho encantador para viajar—com a distância exata entre eles para servirem como pedras para pular em um jogo de torrentes espumantes, rapidamente inventado por Bobbie.
Então, chegar à estação, não pela bilheteria, mas de uma maneira livre e aventureira, pela extremidade inclinada da plataforma, já era uma alegria em si mesma.
Alegria também era espiar para dentro da sala dos carregadores, onde estavam as lâmpadas e o almanaque da ferrovia na parede, e um dos carregadores meio adormecido atrás de um jornal.
Havia muitas linhas cruzando-se na estação; algumas delas apenas seguiam para um pátio e terminavam ali, como se estivessem cansadas do trabalho e quisessem se aposentar de vez. Vagões estavam parados nos trilhos ali, e de um lado havia uma grande pilha de carvão "não uma pilha solta, como você vê no porão de carvão, mas uma espécie de construção sólida de carvão, com grandes blocos quadrados de carvão usados como se fossem tijolos, construídos até que a pilha se assemelhasse a uma daquelas imagens das Cidades da Planície em 'Histórias da Bíblia para Crianças Pequenas'. Havia uma linha de cal pintada perto do topo do muro de carvão.
Quando, em certo momento, o carregador saiu lentamente de sua sala ao som do gongo sobre a porta da estação que tocou duas vezes, Pedro disse: "Como vai?" com a sua melhor postura, e prontamente

perguntou qual era o significado da linha branca no carvão.
"É pra marcar quanto carvão tem," disse o carregador, "pro caso de alguém querer roubar. Então nem pense em sair com nenhum no bolso, rapazinho!"
Naquele momento, isso pareceu apenas uma brincadeira divertida, e Pedro sentiu de imediato que o carregador era amigável e sem frescuras. Mas, mais tarde, as palavras voltaram à mente de Pedro com um significado novo.
Você já entrou em uma cozinha de fazenda em dia de panificação e viu o grande pote de massa deixado ao lado do fogo para crescer? Se já, e se naquela época você ainda fosse jovem o suficiente para se interessar por tudo que via, vai se lembrar de como era impossível resistir à tentação de enfiar o dedo na superfície macia da massa redonda que se curvava dentro do pote como um cogumelo gigante. E vai se lembrar de que seu dedo fazia uma marca na massa, e que ela sumia lentamente, mas com certeza, até a massa parecer igual ao que era antes de você tocá-la. A não ser, claro, que sua mão estivesse muito suja, nesse caso, naturalmente, haveria uma pequena mancha preta.
Bem, com a tristeza que as crianças sentiram pela partida do pai e pelo sofrimento da mãe foi exatamente assim. Ela deixou uma marca profunda, mas que não permaneceu por muito tempo.
Elas logo se acostumaram a viver sem o pai, embora não o tenham esquecido; e se habituaram a não ir para a escola, e a ver muito pouco da mãe, que agora passava quase todo o dia trancada no quarto de cima

escrevendo, escrevendo, escrevendo. Ela descia na hora do chá e lia em voz alta as histórias que havia escrito. Eram histórias maravilhosas.
As rochas, colinas, vales, árvores, o canal e, acima de tudo, a ferrovia, eram tão novos e tão perfeitamente encantadores que a lembrança da vida antiga na vila passou a parecer quase como um sonho.
A mãe lhes havia dito mais de uma vez que agora eram 'muito pobres', mas isso não parecia nada além de uma maneira de dizer. Adultos, mesmo mães, frequentemente fazem comentários que não parecem ter um significado especial, apenas pelo hábito de dizer algo, aparentemente. Sempre havia comida suficiente, e eles continuavam usando o mesmo tipo de roupas bonitas que sempre usaram.
Mas, em junho, vieram três dias de chuva; a chuva caía reta como lanças, e fazia muito, muito frio. Ninguém podia sair, e todos tremiam. Eles foram até a porta do quarto da mãe e bateram.
"Bem, o que foi?" perguntou a mãe de dentro.
"Mamãe," disse Bobbie, "posso acender a lareira? Eu sei como fazer."
E a mãe respondeu: "Não, minha queridinha. Não podemos acender lareiras em junho. Carvão é tão caro. Se vocês estão com frio, subam para o sótão e brinquem bastante. Isso vai esquentar vocês."
"Mas, mamãe, só é necessário tão pouquinho carvão para acender uma fogueira."
"É mais do que podemos pagar, meu amorzinho," disse a mãe, animada. "Agora corram, meus queridos - estou ocupadíssima!"

"A mamãe está sempre ocupada agora", disse Phyllis em um sussurro para Peter. Peter não respondeu. Ele apenas encolheu os ombros. Estava pensando.
No entanto, seus pensamentos não demoraram a se desviar para a decoração apropriada de um esconderijo de bandidos no sótão. Peter era, obviamente, o bandido. Bobbie era sua tenente, sua fiel quadrilha de ladrões, e, como esperado, Phyllis era a donzela capturada, pela qual um magnífico resgate "em grãos de feijão-de-cavalo" era pago sem hesitação.
Todos desceram para o chá corados e felizes como qualquer bando de ladrões das montanhas.
Mas quando Phyllis ia colocar geleia no pão com manteiga, a mãe disse:
"Geleia OU manteiga, querida - não geleia E manteiga. Não podemos nos dar a esse tipo de luxo extravagante hoje em dia."
Phyllis terminou a fatia de pão com manteiga em silêncio e, em seguida, comeu uma fatia de pão com geleia. Peter misturou pensamentos com o chá ralo.
Depois do chá, voltaram ao sótão, e ele disse às irmãs:
"Tive uma ideia."
"O que foi?" perguntaram educadamente.
"Não vou contar," foi a resposta inesperada de Peter.
"Ah, tudo bem," disse Bobbie; e Phil disse: "Então não conte."
"Meninas," disse Peter, "sempre tão pavio curto."
"Eu gostaria de saber o que os meninos são, então?" disse Bobbie, com um desprezo altivo. "Não quero saber das suas ideias bobas."

"Você vai saber um dia," disse Peter, mantendo a calma como que por milagre. "Se você não tivesse ficado tão interessada em discutir, talvez eu tivesse contado sobre ser pura nobreza de espírito que me fez não contar minha ideia. Mas agora não vou contar nada pra vocês "então pronto!"
De fato, demorou algum tempo até que ele fosse persuadido a dizer qualquer coisa, e, quando o fez, não foi muito:
"A única razão pela qual não conto minha ideia que vou realizar é porque pode não ser certo, e não quero arrastar vocês para isso."
"Não faça se for errado, Peter," disse Bobbie; "deixe que eu faça." Mas Phyllis disse:
"Eu gostaria de fazer algo errado se VOCÊ for fazer!"
"Não," disse Peter, um tanto emocionado com essa devoção. "É uma missão arriscada, e sou eu que vou liderar. Tudo o que peço é que, se a mamãe perguntar onde estou, vocês não contem."
"Não temos nada para contar," disse Bobbie, indignada.
"Ah, têm sim!" disse Peter, deixando os grãos de feijão-de-cavalo escorrerem pelos dedos. "Confiei em vocês até a morte. Vocês sabem que vou fazer uma aventura solitária – e algumas pessoas podem achar que é errado – eu não acho. E, se mamãe perguntar onde estou, digam que estou brincando de minas."
"Que tipo de minas?"
"Digam só `minas'"
"Você poderia nos contar, Pete."
"Bem, então, MINAS DE CARVÃO. Mas não deixem essa palavra escapar de suas bocas sob pena de tortura."

"Não precisa ameaçar," disse Bobbie, "e acho que você poderia nos deixar ajudar."
"Se eu encontrar uma mina de carvão, vocês podem ajudar a carregar o carvão," Peter prometeu condescendente.
"Guarde seu segredo, se quiser," disse Phyllis.
"Se conseguir," acrescentou Bobbie.
"Eu vou guardar, pode deixar," disse Peter.
Entre o chá e o jantar sempre há um intervalo, mesmo nas famílias mais reguladas por apetites. Nesse momento, a mamãe geralmente estava escrevendo, e a Sra. Viney já tinha ido para casa.
Duas noites após o surgimento da ideia de Peter, ele fez sinal às meninas, misteriosamente, ao cair da noite.
"Venham comigo," ele disse, "e tragam o Carro Romano."
O Carro Romano era um carrinho de bebê muito antigo que tinha passado anos aposentado no depósito sobre a cocheira. As crianças haviam lubrificado as rodas até que ele deslizava silencioso como uma bicicleta pneumática e respondia ao comando como provavelmente fazia nos seus melhores dias.
"Sigam seu destemido líder," disse Peter, liderando o caminho ladeira abaixo em direção à estação.
Logo acima da estação, muitas rochas brotam através do gramado como se, assim como as crianças, estivessem interessadas na ferrovia.
Em uma pequena depressão entre três rochas havia uma pilha de sarças secas e urze.
Peter parou, virou os galhos com uma bota muito gasta e disse:

"Aqui está o primeiro carvão da Mina de São Pedro. Vamos levar para casa no Carro. Pontualidade e eficiência. Todos os pedidos atendidos com cuidado. Lotes cortados conforme o gosto do cliente regular."
O carrinho foi empacotado com carvão. E, quando ficou cheio, teve que ser esvaziado novamente porque estava tão pesado que não podia ser puxado ladeira acima pelas três crianças – nem mesmo quando Peter se prendeu à alça com os suspensórios e, segurando firmemente o cós da calça com uma mão, puxava enquanto as garotas empurravam por trás.
Três jornadas tiveram que ser feitas antes que o carvão da mina de Peter fosse adicionado à pilha de carvão da Mãe na adega.
Depois, Peter saiu sozinho e voltou extremamente sujo e misterioso.
"Fui à minha mina de carvão", disse ele. "Amanhã à noite levaremos os diamantes negros para casa na carruagem."
Uma semana depois, a Sra. Viney comentou com a Mãe como aquele último lote de carvão estava rendendo bem.
As crianças se abraçaram em risos silenciosos e complicados de alegria enquanto ouviam do alto da escada. Todos haviam esquecido, naquele ponto, que um dia Peter já teve dúvidas se mineração de carvão era errado ou não.
Mas chegou uma noite terrível. O Chefe da Estação calçou um par de velhos sapatos de lona que usara na praia durante as férias de verão e saiu sorrateiramente para o pátio onde estava uma pilha de carvão, cercada

por uma linha branca pintada. Ele se escondeu lá, quieto como um gato à espreita de um buraco de rato. No topo da pilha, algo pequeno e sombrio mexia-se furtivamente, fazendo barulho entre os pedaços de carvão.
O Chefe da Estação escondeu-se na sombra de um vagão de freio com uma pequena chaminé de lata e a inscrição:
G.N. e S.R.
34576
Retornar imediatamente para White Heather Sidings
E, nessa sombra, ele ficou, observando, até que a pequena figura no topo da pilha parou de se mexer, desceu cautelosamente e levantou algo depois de si. Foi então que o braço do Chefe da Estação se ergueu, e sua mão pousou firme sobre uma gola. Era Peter, seguro pelo casaco, com uma velha sacola de carpinteiro cheia de carvão tremendo em suas mãos.
"Então, finalmente te peguei, seu pequeno ladrão?" disse o Chefe da Estação.
"Eu não sou um ladrão", retrucou Peter com o máximo de firmeza que conseguia. "Eu sou um mineiro de carvão."
"Conte outra!", respondeu o Chefe da Estação.
"Seria verdade para qualquer um a quem eu contasse", disse Peter.
"É verdade, de fato", continuou o homem. "Mas chega de conversa, pirralho. Venha comigo para a estação."
"Oh, não!", gritou uma voz angustiada no escuro, que não era a de Peter.
"Não para a delegacia!", disse outra voz nas sombras.

"Ainda não", disse o Chefe da Estação. "Primeiro à Estação Ferroviária. Ora, parece uma quadrilha inteira. Tem mais alguém aí?"
"Somente nós", disseram Bobbie e Phyllis, saindo da sombra de outro vagão que tinha escrito à giz: "Staveley Colliery – Necessário na Linha nº 1".
"O que você quer dizer, espionando um camarada assim?", disse Peter, furioso.
"Já estava na hora de alguém vigiar você, pelo que parece", respondeu o Chefe da Estação. "Vamos andando."
"Oh, NÃO FAÇA ISSO!", implorou Bobbie. "O senhor não pode decidir agora mesmo o que vai fazer com a gente? A culpa é tanto nossa quanto de Peter. Nós ajudamos a carregar o carvão – e sabíamos de onde ele vinha."
"Não, vocês não sabiam", defendeu Peter.
"Sabíamos, sim", insistiu Bobbie. "Sempre soubemos. Só fingimos que não para agradar você."
A paciência de Peter estava cheia. Ele havia minerado carvão, encontrado carvão, fora pego, e agora descobriu que suas irmãs estavam apenas "o agradando".
"Não me segure!", disse ele. "Eu não vou fugir."
O Chefe da Estação soltou a gola de Peter, acendeu um fósforo e olhou para eles à luz tremulante da chama.
"Por que", disse ele, "vocês são as crianças da casa das Três Chaminés ali no alto. E bem arrumadinhos, por sinal. Agora, me digam, o que fez vocês fazerem uma coisa dessas? Vocês nunca foram à igreja ou aprenderam o catecismo, para não saber que roubar é errado?" Ele falava agora com muito mais gentileza, e Peter respondeu:

"Eu não achei que era roubar. Estava quase certo de que não era. Pensei que, se pegasse das bordas da pilha, talvez fosse. Mas, no meio, pensei que poderia contar como mineração. Levaria milhares de anos para vocês queimarem todo esse carvão e chegarem às partes do meio."
"Não exatamente. Mas vocês fizeram isso como brincadeira ou o quê?"
"Brincadeira é que não foi, carregando aquele peso enorme morro acima", retrucou Peter, indignado.
"Então, por que fizeram isso?" A voz do Chefe da Estação era tão mais amável que Peter respondeu:
"Sabe aquele dia de chuva? Bem, a mamãe disse que éramos muito pobres para ter uma fogueira. Sempre tínhamos fogueiras quando fazia frio na outra casa, e —"
"NÃO FALE!" interrompeu Bobbie, sussurrando.
"Bem", disse o Chefe da Estação, coçando o queixo pensativamente, "vou dizer o que vou fazer. Vou deixar passar desta vez. Mas lembre-se, rapaz, roubo é roubo, e o que é meu não é seu, não importa se você chama isso de mineração ou não. Agora, voltem para casa."
"Quer dizer que não vai fazer nada conosco? Que bacana você é!", disse Peter com entusiasmo.
"Você é um amor", disse Bobbie.
"Você é adorável", acrescentou Phyllis.
"Muito bem", disse o Chefe da Estação.
E, com isso, eles se separaram.
"Não falem comigo", disse Peter, enquanto os três subiam a colina. "Vocês são espiãs e traidoras – é isso que são."

Mas as garotas estavam simplesmente felizes de ter Peter entre elas, seguro e livre, a caminho das Três Chaminés e não da delegacia de polícia, para ligar para o que ele dissesse.
"Dissemos que era tanto culpa nossa quanto sua", disse Bobbie, gentilmente.
"Bem – e não era."
"Daria no mesmo em tribunais, com juízes", disse Phyllis. "Não seja rabugento, Peter. Não é nossa culpa que seus segredos sejam tão fáceis de descobrir." Ela pegou seu braço, e ele deixou.
"Há um monte de carvão na adega, de qualquer forma", continuou ele.
"Oh, não diga isso!", pediu Bobbie. "Eu acho que não deveríamos nos alegrar com ISSO."
"Eu não sei", disse Peter, ganhando coragem. "Ainda não estou muito certo de que minerar seja um crime."
Mas as meninas estavam absolutamente certas disso. E também estavam certas de que Peter tinha certeza, embora ele não gostasse de admitir.

Capítulo 3: O Velho Cavalheiro

Após a aventura de Peter na mina de carvão, parecia prudente para as crianças ficarem longe da estação— mas elas não conseguiram, não puderam, manter-se afastadas da ferrovia. Elas haviam vivido toda a vida em uma rua onde carruagens e ônibus passavam ruidosamente a toda hora, e onde os carros dos açougueiros, padeiros e fabricantes de castiçais (eu nunca vi um carro de fabricante de castiçais; você já?)

podiam aparecer a qualquer momento. Ali, no profundo silêncio do campo adormecido, as únicas coisas que passavam eram os trens. Pareciam ser tudo o que restava para ligar as crianças à antiga vida que um dia fora delas. Descendo a colina em frente à "Três Chaminés", a passagem diária de seus seis pés começou a marcar um caminho através do gramado curto e firme. Elas começaram a saber os horários em que certos trens passavam e deram nomes a eles. O trem das 9h15 subindo a linha foi chamado de "Dragão Verde". O das 10h07 descendo a linha foi apelidado de "Verme de Wantley". O expresso noturno da cidade, cujo apito estridente por vezes chegava a acordá-las em seus sonhos, foi chamado de "O Medonho Notívago". Peter certa vez se levantou, sob o frio brilho das estrelas, e, espiando através das cortinas, nomeou-o ali mesmo, no instante.

Era pelo "Dragão Verde" que o velho cavalheiro viajava. Ele era um senhor muito bonito e parecia também muito simpático, o que não é exatamente a mesma coisa. Tinha um rosto corado, barbeado, cabelo branco, e usava colarinhos de formato um pouco estranho e uma cartola que não era exatamente como a das outras pessoas. Naturalmente, as crianças não perceberam tudo isso de início. De fato, a primeira coisa que elas notaram sobre o velho cavalheiro foi a mão dele.

Foi numa manhã, enquanto elas se sentavam na cerca esperando pelo "Dragão Verde", que estava três minutos e quinze segundos atrasado, segundo o relógio Waterbury de Peter, que ele havia ganhado no último aniversário.

"O Dragão Verde está indo para onde o Papai está", disse Phyllis. "Se fosse um dragão de verdade, poderíamos pará-lo e pedir que levasse nosso amor para o Papai."
"Dragões não carregam o amor das pessoas", disse Peter. "Isso seria uma coisa abaixo deles."
"Sim, eles carregam, se você os domesticar direitinho primeiro. Eles buscam e entregam coisas como cães de estimação", disse Phyllis, "e comem na sua mão. Gostaria de saber por que o Papai nunca nos escreve."
"A Mamãe diz que ele está muito ocupado", respondeu Bobbie, "mas ela disse que ele vai escrever em breve."
"Tenho uma ideia", sugeriu Phyllis. "Vamos todos acenar para o Dragão Verde quando ele passar. Se for um dragão mágico, ele vai entender e levar nosso amor para o Papai. E, se não for, três acenos não são nada. Não vamos sentir falta deles."
Então, quando o "Dragão Verde" irrompeu, gritando, da escuridão de sua caverna—que era o túnel—todas as três crianças ficaram sobre a cerca e acenaram com seus lenços de bolso sem nem pensar se eles estavam limpos ou não. De fato, estavam bem longe de estarem limpos.
E de dentro de um vagão de primeira classe, uma mão acenou de volta. Uma mão completamente limpa. Segurava um jornal. Era a mão do velho cavalheiro. Depois disso, tornou-se um hábito trocar acenos entre as crianças e o trem das 9h15.
E as crianças, especialmente as meninas, gostavam de imaginar que talvez o velho cavalheiro conhecesse o Papai e o encontrasse "no trabalho", onde quer que

fosse esse lugar misterioso, e que ele contaria como as três crianças ficavam em cima de uma cerca, lá longe, no campo verde, e acenavam seu amor para ele todas as manhãs, faça chuva ou sol.
Pois agora elas podiam sair em todos os tipos de clima, algo que nunca lhes era permitido fazer quando viviam na casa de vila. Isso era obra da Tia Emma, e as crianças começaram a perceber que talvez não tivessem sido justas com essa tia pouco atraente, especialmente quando descobriram o quanto eram úteis as botas longas e os casacos impermeáveis que elas tinham zombado dela por comprar.
A Mamãe, nesse tempo todo, estava muito ocupada com a escrita. Ela costumava enviar muitos envelopes azuis grandes contendo histórias—e outros envelopes de diferentes tamanhos e cores frequentemente chegavam para ela. Às vezes, ela suspirava ao abri-los e dizia: "Mais uma história voltou para o ninho. Ai, ai, ai!" E então as crianças ficavam muito tristes.
Mas às vezes ela agitava o envelope no ar e dizia:""Viva, viva! Aqui está um editor sensato. Ele aceitou minha história e esta é a prova disso."
A princípio, as crianças pensaram que "a prova" significava a carta que o editor sensato havia escrito, mas logo descobriram que a prova eram longas tiras de papel com a história impressa nelas.
Sempre que um editor era sensato, havia pãezinhos na hora do chá.
Um dia, Peter estava indo até a vila para comprar pãezinhos e comemorar o bom senso do editor do "Globo Infantil", quando encontrou o chefe da estação.

Peter se sentiu muito desconfortável, pois já tivera tempo para refletir sobre o incidente da mina de carvão. Ele não queria dizer "bom dia" ao chefe da estação, como geralmente se faz quando se encontra alguém em uma estrada deserta, porque sentia um calor incômodo, que se espalhava até para as orelhas, ao pensar que o chefe da estação talvez não quisesse falar com alguém que tinha roubado carvão. "Roubado" é uma palavra desagradável, mas Peter sentia que era a mais adequada. Então, ele olhou para baixo e não disse nada. Foi o chefe da estação quem disse "bom dia" ao passar por ele. E Peter respondeu: "Bom dia." Então, pensou:— "Talvez ele não saiba quem eu sou à luz do dia, ou não teria sido tão educado."

E ele não gostou do sentimento que pensar nisso causava. E então, antes que soubesse o que estava fazendo, correu atrás do chefe da estação, que parou ao ouvir as botas apressadas de Peter esmagando o cascalho da estrada. Quando chegou até ele, muito ofegante e com as orelhas agora bem coradas de magenta, Peter disse:—

"Eu não quero que você seja educado comigo se não sabe quem eu sou quando me vê."

"Como?" disse o chefe da estação.

"Eu pensei que talvez você não soubesse que fui eu quem pegou o carvão", continuou Peter, "quando disse 'bom dia.' Mas fui eu, e sinto muito. Pronto."

"Ah," disse o chefe da estação, "eu não estava pensando nem um pouco no bendito carvão. Vamos deixar o passado no passado. E para onde você estava indo com tanta pressa?"

"Estou indo comprar pãezinhos para o chá," disse Peter.
"Eu pensei que vocês eram tão pobres," comentou o chefe da estação.
"E somos," respondeu Peter, confidencialmente, "mas sempre compramos três pence de pãezinhos pequenos sempre que mamãe vende uma história, um poema ou qualquer coisa do tipo."
"Ah," disse o chefe da estação, "então sua mãe escreve histórias?"
"As mais lindas que você já leu," disse Peter.
"Você deve se orgulhar muito de ter uma mãe tão inteligente."
"Sim," disse Peter, "mas ela brincava mais com a gente antes de precisar ser tão inteligente."
"Bem," disse o chefe da estação, "eu preciso seguir em frente. Dê uma passada na estação sempre que quiser. E quanto aos carvões, bem... é uma palavra que... bom... ah, não, nunca falamos sobre isso, certo?"
"Obrigado," disse Peter. "Estou muito feliz por termos resolvido isso entre nós." E ele continuou atravessando a ponte do canal até a vila para comprar os pãezinhos, sentindo-se mais tranquilo do que desde a noite em que a mão do chefe da estação havia segurado sua gola entre os carvões.
No dia seguinte, depois de terem mandado a habitual saudação tripla para o pai com o *Dragão Verde*, e o velho cavalheiro ter acenado de volta como sempre, Peter os conduziu com orgulho até a estação.
"Mas será que devemos?" perguntou Bobbie.
"Depois do carvão, ela quis dizer", explicou Phyllis.

"Ontem conheci o Chefe da Estação", disse Peter, de maneira indiferente, fingindo não ter ouvido o que Phyllis tinha dito. "Ele nos convidou especificamente para irmos lá quando quisermos."
"Depois do carvão?" repetiu Phyllis. "Espera um minuto – meu cadarço soltou de novo."
"Ele sempre solta de novo", disse Peter. "E o Chefe da Estação é mais cavalheiro do que você jamais será, Phil – jogando carvão na cabeça de um sujeito assim."
Phyllis amarrou o cadarço em silêncio, mas seus ombros tremiam, e logo uma lágrima gorda caiu do nariz dela e espirrou no metal dos trilhos. Bobbie viu.
"Mas o que foi, querida?" perguntou, parando e colocando o braço em volta dos ombros trêmulos.
"Ele me chamou de anti-cavalheiro", soluçou Phyllis. "Eu nunca chamei ele de anti-dama, nem mesmo quando ele amarrou minha Clorinda no feixe de lenha e a queimou na fogueira como uma mártir."
Peter realmente havia cometido esse ultraje um ano ou dois atrás.
"Bem, você começou, sabe", disse Bobbie, sinceramente, "com essa coisa do carvão e tudo mais. Você não acha melhor vocês dois desfazerem tudo o que disseram um ao outro?"
"Eu faço se o Peter fizer", disse Phyllis, fungando.
"Tudo bem", disse Peter. "Feito. Aqui, use meu lenço, Phil, pelo amor de Deus, se você perdeu o seu como sempre. Eu me pergunto o que você faz com eles."
"Você usou o meu último", disse Phyllis, indignada, "para amarrar a porta da gaiola do coelho. Mas você é muito ingrato. É o que diz no livro de poesia sobre ser mais

afiado que uma serpente é ter um filho sem dente - mas quer dizer ingrato quando diz sem dente. A Srta. Lowe me disse isso."
"Tá bom", disse Peter, impaciente. "Desculpa. PRONTO! Agora você vem?"
Eles chegaram à estação e passaram duas horas alegres com o Chefe da Estação. Ele era um homem digno e parecia nunca se cansar de responder às perguntas que começam com "Por quê", o que muitas pessoas em altos cargos frequentemente parecem cansadas de fazer.
Ele contou a eles muitas coisas que eles não sabiam antes - como, por exemplo, que as coisas que conectam os vagões são chamadas de engates, e que os tubos, parecidos com grandes serpentes, que ficam sobre os engates, servem para parar o trem.
"Se você conseguir um jeito de pegar um desses quando o trem estiver em movimento e separá-los", disse ele, "ela para de repente, com um solavanco."
"Ela quem?" perguntou Phyllis.
"O trem, é claro", disse o Encaminhador. Depois disso, o trem nunca mais foi "Ele" para as crianças.
"Você sabe aquela coisa nos vagões onde está escrito: 'Multa de cinco libras por uso impróprio'. Se você usar aquilo de forma imprópria, o trem para."
"E se você usá-lo de forma apropriada?" perguntou Roberta.
"Para do mesmo jeito, eu suponho", respondeu ele, "mas não é uso apropriado a menos que você esteja sendo assassinado. Teve uma senhora uma vez - alguém enganou ela dizendo que aquilo era uma campainha do vagão restaurante, e ela usou de forma imprópria, não

estando em perigo de vida, só que com fome, e quando o trem parou e o guarda veio achando que ia encontrar alguém às portas da morte, ela disse: 'Ah, por favor, senhor, me traga um copo de cerveja e um pão com geleia', disse ela. E o trem já estava sete minutos atrasado."

"O que o guarda disse para a velhinha?"

"Eu não sei," respondeu o Chefe da Estação, "mas aposto que ela não esqueceu tão cedo, fosse o que fosse."

Com uma conversa tão encantadora, o tempo passou rápido demais.

O Chefe da Estação saiu uma ou duas vezes daquele sagrado templo interno, atrás do lugar onde fica o buraco pelo qual eles vendem as passagens, e foi muito simpático com todos eles.

"Como se o carvão nunca tivesse sido descoberto," Phyllis sussurrou para sua irmã.

Ele deu a cada um deles uma laranja e prometeu levá-los para visitar a cabine de sinalização um dia desses, quando não estivesse tão ocupado.

Vários trens passaram pela estação, e Peter notou pela primeira vez que as locomotivas têm números, como táxis.

"Sim," disse o Chefe da Estação, "eu conheci um jovem rapaz que costumava anotar os números de todos os que ele via; era num caderninho verde com cantos prateados, por causa de o pai dele ser muito rico no ramo de papelaria."

Peter sentiu que também poderia anotar números, mesmo não sendo filho de um atacadista de papelaria. Como ele não tinha por acaso um caderninho verde com

cantos prateados, o Chefe da Estação deu a ele um envelope amarelo, no qual anotou:

379

663

E teve a sensação de que isso era o começo de uma coleção muito interessante.

Naquela noite, durante o chá, ele perguntou à Mãe se ela tinha um caderninho verde com cantos prateados. Ela não tinha; mas, quando soube para que ele queria, deu a ele um pequeno caderno preto.

"Tem algumas páginas arrancadas," disse ela, "mas cabe um bom número de anotações, e quando ele estiver cheio, eu te dou outro. Estou tão feliz que você gosta da ferrovia. Só, por favor, não ande na linha do trem."

"Nem se dermos de frente para o lado de onde o trem vem?" perguntou Peter, após uma pausa melancólica, durante a qual olhares de desespero foram trocados.

"Não, realmente não," disse a Mãe.

Então Phyllis perguntou: "Mãe, você NUNCA andou nos trilhos quando era pequena?"

A Mãe era uma Mãe honesta e íntegra, então teve que responder: "Sim."

"Bem, então," disse Phyllis.

"Mas, meus queridos, vocês não sabem o quanto eu sou apegada a vocês. O que eu faria se vocês se machucassem?"

"Você gosta mais de nós do que a vovó gostava de você quando era pequena?" Phyllis perguntou. Bobbie fez sinais para ela parar, mas Phyllis nunca entendia sinais, não importa o quão claros fossem.

A Mãe não respondeu por um minuto. Levantou-se para colocar mais água no bule de chá.
"Ninguém," disse ela por fim, "nunca amou alguém mais do que minha mãe me amou."
Então ela ficou quieta novamente, e Bobbie deu um chute forte em Phyllis debaixo da mesa, porque Bobbie entendeu um pouquinho os pensamentos que deixaram sua mãe tão silenciosa - pensamentos sobre o tempo em que a Mãe era uma garotinha e era o mundo inteiro para a mãe dela. Parece tão fácil e natural correr para a Mãe quando se está com problemas. Bobbie entendia um pouco como as pessoas não deixam de correr para suas mães quando estão com problemas, mesmo depois de crescidas, e achava que sabia um pouco do que deveria ser estar triste e não ter mais uma mãe para quem correr.
Então ela chutou Phyllis, que disse:
"Por que você está me chutando assim, Bob?"
E então a Mãe riu um pouco, suspirou e disse:
"Muito bem, então. Só me deixem ter certeza de que vocês sabem de que lado os trens vêm "e não andem nos trilhos perto do túnel ou nas curvas."
"Os trens seguem pela esquerda, como os carros," disse Peter, "então, se ficarmos à direita, com certeza iremos vê-los vindo."
"Muito bem," disse a Mãe, e muito provavelmente você acha que ela não deveria ter dito isso. Mas ela se lembrou de quando era uma menina pequena ela mesma, e ela disse - e nem os próprios filhos dela, nem você, nem nenhuma outra criança no mundo poderiam compreender exatamente o quanto isso custou para ela

fazer. Apenas alguns poucos de vocês, como Bobbie, podem entender um pouquinho.
Foi no dia seguinte que a Mãe teve que ficar de cama porque sua cabeça doía muito. Suas mãos estavam fervendo de tão quentes, ela não queria comer nada, e sua garganta estava muito dolorida.
"Se eu fosse você, querida," disse a Sra. Viney, "eu chamaria o médico. Tem muitas doenças contagiosas rolando por aí atualmente. A filha mais velha da minha irmã—ela pegou um resfriado que foi para os órgãos dela, faz dois anos no Natal, e ela nunca mais foi a mesma desde então."
A princípio, a Mãe não quis chamar o médico, mas à noite ela se sentiu muito pior, então Peter foi enviado à casa na aldeia que tinha três árvores de laburno perto do portão e, no portão, uma placa de bronze com o nome Dr. W. W. Forrest.
Dr. W. W. Forrest., veio imediatamente. Ele conversou com Peter no caminho de volta. Parecia um homem muito amável e sensato, interessado em trens, coelhos e coisas realmente importantes.
Quando examinou a Mãe, disse que era gripe.
"Agora, Senhorita Cara-Séria," ele disse no corredor para Bobbie, "suponho que você queira ser a enfermeira-chefe."
"Claro que sim," respondeu ela.
"Muito bem, então enviarei o remédio. Mantenham uma lareira bem acesa. Façam um caldo forte de carne para dar assim que a febre diminuir. Ela pode comer uvas agora, e essência de carne - além de água com gás e leite. E seria bom conseguir uma garrafa de conhaque. O

melhor conhaque. Conhaque barato é pior do que veneno."
Ela pediu que ele anotasse tudo, e ele o fez.
Quando Bobbie mostrou à Mãe a lista que ele escreveu, a Mãe riu. Era um riso, Bobbie decidiu, embora soasse um pouco estranho e fraco.
"Besteira," disse a Mãe, deitada na cama com os olhos brilhando como contas. "Não posso me dar ao luxo de toda essa bobagem. Diga à Sra. Viney para ferver um pedaço de dois quilos de pescoço de carne para o jantar de vocês amanhã, e eu posso tomar um pouco do caldo. Sim, eu gostaria de um pouco mais de água agora, querida. E você pode pegar uma bacia e esponja para lavar minhas mãos?"
Roberta obedeceu. Depois de fazer tudo o que podia para deixar a Mãe mais confortável, desceu para falar com os outros. Suas bochechas estavam muito vermelhas, seus lábios firmemente cerrados, e seus olhos quase tão brilhantes quanto os da Mãe.
Ela contou o que o médico disse e o que a Mãe respondeu.
"E agora," disse ela, depois de contar tudo, "não há ninguém além de nós para fazer alguma coisa, e temos que fazê-la. Eu tenho o xelim para a carne de carneiro."
"Podemos viver sem aquele carneiro horrível," disse Peter; "pão com manteiga sustenta a vida. Pessoas já viveram com menos em ilhas desertas muitas vezes."
"É claro", disse sua irmã. E a Sra. Viney foi enviada à vila para comprar o máximo de conhaque, água com gás e caldo de carne que pudesse com um xelim.

"Mas mesmo que nunca tenhamos nada para comer", disse Phyllis, "você não consegue comprar todas essas outras coisas com o dinheiro do jantar."
"Não", disse Bobbie, franzindo a testa, "precisamos descobrir outra maneira. Agora PENSEM, todo mundo, o mais forte que puderem."
E eles pensaram. E logo conversaram. Mais tarde, quando Bobbie subiu para ficar com a mãe caso ela precisasse de algo, os outros dois estavam muito ocupados com tesouras, um lençol branco, um pincel e o pote de tinta preta de Brunswick que a Sra. Viney usava para limpar grades e protetores de lareira. Eles não conseguiram fazer exatamente o que queriam com o primeiro lençol, então pegaram outro no armário de roupas. Não lhes ocorreu que estavam estragando bons lençóis que custavam bom dinheiro. Eles só sabiam que estavam fazendo algo bom "mas o que eles estavam fazendo será revelado mais tarde.
A cama de Bobbie havia sido movida para o quarto da mãe, e várias vezes durante a noite ela levantou para cuidar do fogo, dar leite e água com gás à sua mãe. A mãe falou sozinha bastante, mas não parecia dizer coisa alguma com sentido. E uma vez ela acordou de repente e gritou: "Mamãe, mamãe!" e Bobbie sabia que ela estava chamando a vovó, e que tinha esquecido que não adiantava chamar, porque a vovó estava morta.
De manhã bem cedo, Bobbie ouviu seu nome e pulou da cama, correndo para a cabeceira da mãe.
"Oh—ah, sim—acho que estava dormindo", disse a mãe. "Minha pobre pequena, como você deve estar cansada—eu realmente odeio te dar tanto trabalho."

"Trabalho!" disse Bobbie.
"Ah, não chora, querida", disse a mãe. "Eu vou ficar bem em um ou dois dias."
E Bobbie disse: "Sim", e tentou sorrir.
Quando você está acostumada a dormir dez horas seguidas, levantar-se três ou quatro vezes durante a noite faz parecer que ficou acordada a noite inteira. Bobbie se sentia bastante lenta e seus olhos estavam doloridos e rígidos, mas ela arrumou o quarto e deixou tudo organizado antes da visita do médico.
Isso foi às oito e meia.
"Tudo indo bem, pequena enfermeira?" ele perguntou na porta da frente. "Você conseguiu o conhaque?"
"Eu consegui o conhaque", disse Bobbie, "em uma garrafinha achatada."
"Eu não vi as uvas ou o caldo de carne, no entanto", disse ele.
"Não", disse Bobbie, firmemente, "mas você verá amanhã. E tem carne cozinhando no forno para o caldo de carne."
"Quem te mandou fazer isso?" ele perguntou.
"Notei o que a mamãe fez quando Phil teve caxumba."
"Certo", disse o médico. "Agora, faça sua senhora velha ficar com sua mãe, depois coma um bom café da manhã e vá direto dormir até a hora do almoço. Não podemos nos dar ao luxo de ter a enfermeira-chefe doente."
Ele era realmente um doutor muito simpático.
Quando o trem das 9h15 saiu do túnel naquela manhã, o velho cavalheiro na cabine de primeira classe colocou o jornal de lado e se preparou para acenar para as três

crianças na cerca. Mas naquela manhã não eram três. Era apenas Peter.
Peter também não estava nos trilhos, como de costume. Ele estava de pé na frente deles, em uma atitude parecida com a de um apresentador exibindo os animais em um zoológico, ou de um clérigo gentil apontando com uma varinha para as "Cenas da Palestina", quando há um projetor mágico e ele está explicando.
Peter também estava apontando. E o que ele estava apontando era para um grande lençol branco pregado na cerca. No lençol havia letras grossas, pretas, com mais de trinta centímetros de altura.
Algumas das letras tinham borrado um pouco, porque Phyllis aplicou o pigmento preto de Brunswick com muita pressa, mas as palavras ainda eram bastante legíveis.
E foi isso que o velho cavalheiro e várias outras pessoas no trem leram nas grandes letras pretas no lençol branco:
OLHE PARA FORA NA ESTAÇÃO.
Muitas pessoas realmente olharam para fora na estação e ficaram desapontadas, porque não viram nada de incomum. O velho cavalheiro também olhou para fora e, a princípio, não viu nada mais incomum do que a plataforma de cascalho, o sol e as flores-de-muralha e não-me-esqueças plantadas nos limites da estação. Só quando o trem estava começando a soltar vapor e se preparar para partir novamente é que ele viu Phyllis. Ela estava completamente sem fôlego de tanto correr.
"Ah," disse ela, "achei que tinha chegado tarde demais. Meus cadarços continuavam se soltando, e tropecei neles duas vezes. Aqui, pegue isto."

Ela enfiou uma carta quente e ligeiramente úmida na mão dele enquanto o trem se movia.
Ele se recostou no canto do assento e abriu a carta. Isso foi o que ele leu:
> "Estimado Sr. Não sabemos seu nome.
>
> Mamãe está doente e o médico disse para dar a ela as coisas que estão no final da carta, mas ela disse que não pode pagar, e que para nós deveríamos conseguir carneiro, pois ela pode tomar o caldo. Não conhecemos ninguém aqui além do senhor, porque Papai está longe e não sabemos o endereço. Papai vai pagar o senhor, ou, se ele tiver perdido todo o dinheiro, ou algo assim, Peter vai pagar quando for um homem. Prometemos de verdade. Eu devo tudo o que for necessário para as coisas de que Mamãe precisa.
>
> **assinado Peter.**
>
> Pode entregar o pacote ao Chefe da Estação, porque não sabemos qual trem o senhor vai pegar. Diga que é para 'Peter que lamenta sobre o carvão', e ele vai entender.
>
> **Roberta. Phyllis. Peter.**
Depois vinha a lista de coisas que o médico tinha prescrito.
O velho cavalheiro leu a carta uma vez, e suas sobrancelhas se ergueram. Ele a leu uma segunda vez e sorriu levemente. Na terceira leitura, ele a colocou no bolso e continuou lendo o jornal *The Times*.

Por volta das seis da tarde, houve uma batida na porta dos fundos. As três crianças correram para abrir, e lá estava o simpático carregador, que já havia lhes contado tantas histórias interessantes sobre os trens. Ele deixou uma grande cesta no chão da cozinha.
"Um senhor mais velho," ele disse, "disse para trazer direto para cá."
"Muito obrigado," disse Peter, e então, percebendo que o carregador hesitava em ir embora, acrescentou:
"Eu realmente sinto muito por não ter dois pence para lhe dar, como Papai fazia, mas—"
"Nem pense nisso," disse o carregador, indignado. "Não estava pensando em nenhum trocado. Apenas queria dizer que lamento que sua Mamãe não esteja bem, e perguntar como ela está hoje. E trouxe um pouco de erva-doce, tem cheiro muito doce. Dois pence, imagine!" disse ele, tirando um maço de erva-doce do chapéu, "como um mágico," conforme Phyllis comentou depois.
"Muito obrigado," disse Peter, "e me desculpe por mencionar o trocado."
"Sem problemas," disse o carregador, pouco sinceramente, mas com educação, e foi embora.
Então as crianças abriram a cesta. Primeiro havia palha, depois lascas finas de madeira, e então surgiram todas as coisas que elas tinham pedido, e mais do que o suficiente delas, junto com muitas coisas que não tinham pedido: entre outras, pêssegos, vinho do Porto, dois frangos, uma caixa de papelão com rosas vermelhas enormes de longos caules, uma garrafa verde fina de água de lavanda, e três garrafas menores e mais grossas de água de colônia. Havia também uma carta.

"Queridos Roberta, Phyllis e Peter," dizia a carta, "aqui estão as coisas de que precisam. Sua mãe vai querer saber de onde vieram. Digam a ela que foram enviadas por um amigo que soube que ela estava doente. Quando ela estiver bem novamente, vocês devem contar tudo, é claro. E se ela disser que vocês não deveriam ter pedido as coisas, digam que eu disse que vocês fizeram muito bem, e espero que ela me perdoe por me permitir o grande prazer de ajudar."
A carta estava assinada com "G. P." e algo que as crianças não conseguiram ler.
"Acho que ESTÁVAMOS certos," disse Phyllis.
"Certos? É claro que estávamos certos," disse Bobbie.
"Mesmo assim," disse Peter, com as mãos nos bolsos, "não estou muito animado para contar toda a verdade para Mamãe."
"Não devemos contar até que ela fique bem," disse Bobbie, "e quando ela estiver bem, estaremos tão felizes que não nos importaremos com uma pequena bronca dessas. Ah, olhem só as rosas! Preciso levá-las para ela."
"E a erva-doce," disse Phyllis, cheirando profundamente; "não se esqueça da erva-doce."
"Como se eu fosse esquecer!" disse Roberta. "Mamãe me contou outro dia que havia uma cerca viva bem densa dela na casa da mãe dela quando ela era menina."

Capítulo 4: A Ladra de Locomotivas

O que restava da segunda folha e do Brunswick preto pareceram muito bons para fazer uma faixa com a legenda

ELA ESTÁ QUASE BEM, OBRIGADO

e esta foi exibida para o Dragão Verde cerca de duas semanas após a chegada do maravilhoso cesto. O velho cavalheiro viu isso e acenou de forma animada do trem. E quando isso foi feito, as crianças perceberam que agora era a hora de contar à mãe o que tinham feito quando ela estava doente. E não parecia nem de longe tão fácil quanto pensavam que seria. Mas precisava ser feito. E foi feito. A mãe ficou extremamente zangada. Ela raramente ficava zangada, e agora estava mais zangada do que eles jamais a tinham visto. Isso foi horrível. Mas foi muito pior quando, de repente, ela começou a chorar. Chorar é contagioso, acredito eu, como sarampo e coqueluche. De qualquer forma, todo mundo imediatamente se viu participando de uma festa de choro.

A mãe parou primeiro. Ela secou os olhos e então disse:— "Desculpem-me por ter ficado tão zangada, queridos, porque eu sei que vocês não entenderam."

"Nós não queríamos ser malcriados, mamãe," soluçou Bobbie, e Peter e Phyllis fungaram.

"Agora, ouçam," disse a mãe; "é verdade que somos pobres, mas temos o suficiente para viver. Vocês não devem sair contando a todos sobre nossos assuntos - isso não é certo. E nunca, nunca, nunca devem pedir a estranhos para dar-lhes coisas. Agora lembrem-se sempre disso - está bem?"

Todos a abraçaram e esfregaram suas bochechas úmidas contra as dela e prometeram que se lembrariam.
"E vou escrever uma carta para o velho cavalheiro, e vou dizer que não aprovei - claro que vou agradecê-lo também, por sua gentileza. É de VOCÊS que não aprovo, meus queridos, não do velho cavalheiro. Ele foi tão gentil quanto poderia ser. E vocês podem entregar a carta ao Chefe da Estação para que ele a dê a ele - e não falaremos mais sobre isso."
Depois, quando as crianças estavam sozinhas, Bobbie disse:—
"Não é maravilhoso a mamãe? Você vê algum outro adulto dizendo que lamentava ter ficado zangado?"
"Sim," disse Peter, "ela É maravilhosa; mas é bem assustador quando ela está zangada."
"Ela é como Vingativa e Brilhante na canção," disse Phyllis. "Eu gostaria de olhar para ela, se não fosse tão assustadora. Ela parece tão bonita quando está realmente furiosa."
Eles levaram a carta ao Chefe da Estação.
"Pensei que vocês tivessem dito que não tinham amigos, exceto em Londres," disse ele.
"Nós fizemos mais um desde então," disse Peter.
"Mas ele não mora por aqui?"
"Não sei - nós só o conhecemos no trem."
Então o Chefe da Estação se retirou para aquele templo sagrado atrás da pequena janela onde os ingressos são vendidos, e as crianças desceram à sala dos carregadores e conversaram com o Carregador. Eles aprenderam várias coisas interessantes com ele "entre outras, que seu nome era Perks, que ele era casado e

tinha três filhos, que as lâmpadas na frente das locomotivas são chamadas de faróis e as de trás de lanternas.
"E isso só mostra," sussurrou Phyllis, "que os trens realmente SÃO dragões disfarçados, com cabeças e caudas adequadas."
Foi nesse dia que as crianças primeiro notaram que todas as locomotivas não são iguais.
"Iguais?" disse o Carregador, cujo nome era Perks, "certo, meu amor, de jeito nenhum, senhorita. Não mais iguais do que você e eu somos. Aquela pequenininha sem um vagão que passou agora há pouco sozinha, essa era uma tanque, era — ela foi fazer algumas manobras do outro lado de Maidbridge. Ela seria como você, senhorita. Então há as locomotivas de carga, grandes, fortes, com três rodas de cada lado — unidas por hastes para fortalecê-las — como se fosse eu. Então há as locomotivas da linha principal, como se fosse esse jovem cavalheiro aqui quando crescer e ganhar todas as corridas na escola dele — e ele o fará. A locomotiva da linha principal é construída para velocidade tanto quanto potência. É uma para o 9:15 para cima."
"O Dragão Verde," disse Phyllis.
"Nós a chamamos de Caracol, Senhorita, entre nós," disse o Carregador. "Ela está mais frequentemente atrasada do que qualquer trem na linha."
"Mas a locomotiva é verde," disse Phyllis.
"Sim, senhorita," disse Perks, "assim como um caracol em certas épocas do ano."

As crianças concordaram, enquanto voltavam para casa para o jantar, que o Chefe da Estação era uma companhia extremamente agradável.
No dia seguinte era o aniversário da Roberta. À tarde, ela foi educadamente, mas firmemente, solicitada a sair do caminho e a permanecer afastada até a hora do chá.
"Você não deve ver o que vamos fazer até que esteja pronto; é uma surpresa maravilhosa," disse Phyllis.
E Roberta foi para o jardim sozinha. Ela tentou se sentir grata, mas sentia que preferiria muito mais ter ajudado no que quer que fosse do que ter que passar a tarde do seu aniversário sozinha, não importando quão maravilhosa fosse a surpresa.
Agora que estava sozinha, teve tempo para pensar, e uma das coisas em que mais pensou foi o que a mãe tinha dito em uma daquelas noites febris, quando suas mãos estavam tão quentes e seus olhos tão brilhantes. As palavras foram: "Ah, que gasto com o médico vai ser este!"
Ela andou de um lado para o outro no jardim entre os roseirais que ainda não tinham rosas, apenas botões, e as lilases, os ligustros e as groselhas americanas, e quanto mais pensava na conta do médico, menos gostava de pensar nisso.
E logo decidiu. Saiu pela porta lateral do jardim e subiu o campo íngreme até onde a estrada passa junto ao canal. Caminhou até chegar à ponte que atravessa o canal e leva ao vilarejo, e ali esperou. Era muito agradável sob o sol encostar os cotovelos na pedra quente da ponte e olhar para a água azul do canal. Bobbie nunca tinha visto nenhum outro canal, exceto o

Canal do Regente, e a água daquele não tem uma cor muito bonita. E ela nunca tinha visto nenhum rio, exceto o Tâmisa, que também seria muito melhor se sua superfície fosse lavada.

Talvez as crianças tivessem amado tanto o canal quanto a ferrovia, se não fosse por duas coisas. Uma era que tinham encontrado a ferrovia PRIMEIRO—naquela primeira, maravilhosa manhã quando a casa, o campo, os charnecos, as rochas e as grandes colinas eram todos novos para elas. Não encontraram o canal até alguns dias depois. A outra razão era que todos na ferrovia tinham sido gentis com elas—o Chefe da Estação, o Carregador, e o velho cavalheiro que acenava. E as pessoas no canal eram tudo menos gentis.

As pessoas no canal eram, claro, os barqueiros, que conduziam as lentas barcaças para cima e para baixo, ou andavam ao lado dos velhos cavalos que pisoteavam a lama do caminho de sirga, puxando as longas cordas de reboque.

Peter uma vez perguntou a um dos barqueiros as horas, e foi mandado "sair dali", em um tom tão feroz que não parou para dizer nada sobre ter tanto direito ao caminho de sirga quanto o próprio homem. De fato, ele nem mesmo pensou em dizer isso até algum tempo depois.

Então, em outro dia, quando as crianças pensaram que gostariam de pescar no canal, um menino em uma barca jogou pedaços de carvão nelas, e um desses atingiu Phyllis na nuca. Ela estava apenas se abaixando para amarrar o cadarço do sapato—e embora o pedaço de carvão mal a tivesse machucado, fez com que ela não quisesse mais continuar pescando.

Na ponte, no entanto, Roberta se sentia bem segura, porque podia olhar para baixo no canal, e se algum menino mostrasse sinais de querer jogar carvão, ela podia se abaixar atrás do parapeito.
Logo, ouviu-se um som de rodas, exatamente o que ela esperava.
As rodas eram as rodas do carrinho do médico, e no carro, claro, estava o médico. Ele parou e disse:—
"Olá, chefe das enfermeiras! Quer uma carona?"
"Eu queria falar com você," disse Bobbie.
"Sua mãe não está pior, espero?" disse o médico.
"Não—mas—"
"Bem, entre logo, então, e vamos dar uma volta de carroça."
Roberta subiu e o cavalo marrom foi feito para dar a volta — o que não gostou nem um pouco, pois estava ansioso para o seu chá — quero dizer, sua aveia.
"Isso É divertido," disse Bobbie, enquanto a charrete voava pela estrada ao lado do canal.
"Nós poderíamos jogar uma pedra em qualquer uma das suas três chaminés," disse o Doutor, enquanto eles passavam pela casa.
"Sim," disse Bobbie, "mas teria que ser um ótimo arremesso."
"Como você sabe que eu não consigo?" disse o Doutor.
"Agora, então, qual é o problema?"
Bobbie remexeu no gancho do avental da carroça.
"Vamos, desembuche," disse o Doutor.
"É meio difícil, sabe," disse Bobbie, "falar sobre isso; por causa do que a Mãe disse."
"O que a Mãe disse?"

"Ela disse que eu não deveria sair contando a todos que estamos pobres. Mas você não é todo mundo, é?"
"De jeito nenhum," disse o Doutor, animadamente. "E então?"
"Bem, eu sei que os médicos são muito extravagantes — quero dizer, caros, e a Sra. Viney me disse que o tratamento dela custava só dois centavos por semana porque ela fazia parte de um Clube."
"Sim?"
"Veja, ela me contou o quão bom médico você era, e eu perguntei como ela conseguia pagar você, porque ela é muito mais pobre que nós. Eu estive na casa dela e sei disso. E então ela me contou sobre o Clube, e eu pensei em te perguntar — e — ah, eu não quero que a Mãe fique preocupada! Não podemos fazer parte do Clube também, assim como a Sra. Viney?"
O Doutor ficou em silêncio. Ele também era meio pobre, e tinha ficado satisfeito por conseguir uma nova família para atender. Então eu acho que seus sentimentos naquele minuto eram meio mistos.
"Você não está bravo comigo, está?" disse Bobbie, com uma voz muito pequena.
O Doutor se animou.
"Bravo? Como eu poderia estar? Você é uma garotinha muito sensata. Olha, não se preocupe. Eu vou resolver tudo com sua Mãe, mesmo que eu tenha que criar um Clube novinho em folha só para ela. Olha, aqui é onde o Aqueduto começa."
"O que é um Aqui—como é o nome?" perguntou Bobbie.
"Uma ponte de água," disse o Doutor. "Olhe."

A estrada subia para uma ponte sobre o canal. À esquerda havia um penhasco rochoso íngreme com árvores e arbustos crescendo nas fendas da rocha. E o canal aqui deixava de correr por cima da colina e começava a correr em sua própria ponte — uma grande ponte com arcos altos que atravessava todo o vale.
Bobbie respirou fundo.
"É grandioso, não é?" ela disse. "É como as imagens da História de Roma."
"Certo!" disse o Doutor, "é exatamente disso que se parece. Os romanos eram fanáticos por aquedutos. É uma obra de engenharia esplêndida."
"Eu pensava que engenharia era fazer motores."
"Ah, existem diferentes tipos de engenharia — fazer estradas e pontes e túneis é um tipo. E fazer fortificações é outro. Bem, devemos voltar. E, lembre-se, você não deve se preocupar com as contas do médico ou você mesma ficará doente, e então eu vou te mandar uma conta tão longa quanto o aqueduto."
Quando Bobbie se despediu do Doutor no topo do campo que descia da estrada até as Três Chaminés, ela não conseguia sentir que tinha feito algo errado. Ela sabia que a Mãe talvez pensasse diferente. Mas Bobbie sentiu que, pela primeira vez, ela estava certa, e desceu pelo barranco rochoso com uma sensação realmente feliz.
Phyllis e Peter a encontraram na porta dos fundos. Eles estavam anormalmente limpos e arrumados, e Phyllis tinha um laço vermelho no cabelo. Bobbie teve apenas tempo suficiente para se ajeitar e amarrar seu cabelo com um laço azul antes que um pequeno sino tocasse.

"Lá está," disse Phyllis, "isso é para mostrar que a surpresa está pronta. Agora você deve esperar até o sino tocar novamente e então poderá entrar na sala de jantar."
Então Bobbie esperou.
"Tilim, tilim," fez o pequeno sino, e Bobbie entrou na sala de jantar, sentindo-se um pouco tímida. Assim que abriu a porta, se encontrou, ao que parecia, em um novo mundo de luz, flores e cantoria. Mamãe, Peter e Phyllis estavam em fila no fim da mesa. As persianas estavam fechadas e havia doze velas sobre a mesa, uma para cada ano de Roberta. A mesa estava coberta com um padrão de flores, e no lugar de Roberta havia uma grossa coroa de "miosótis" e vários pacotinhos bem interessantes. E Mamãe, Phyllis e Peter estavam cantando — na primeira parte da melodia de St. Patrick's Day. Roberta sabia que a Mamãe tinha escrito as palavras especialmente para seu aniversário. Era um hábito da Mamãe nos aniversários. Tinha começado no aniversário de quatro anos de Bobbie, quando Phyllis ainda era um bebê. Bobbie lembrava-se de aprender os versos para recitar para o Papai 'como uma surpresa'. Ela se perguntava se a Mamãe também se lembrava. O versinho dos quatro anos tinha sido:
Papai querido, tenho só quatro anos
E preferia não ter mais.
Quatro é a melhor idade para se estar,
Dois e dois e um e três.
O que eu amo é dois e dois,
Mamãe, Peter, Phil e você.
O que você ama é um e três,

Mamãe, Peter, Phil e eu.
Dê um beijo na sua menina
Porque ela aprendeu isso e te contou.
A música que os outros estavam cantando agora era assim:—
Nossa querida Roberta,
Nenhuma tristeza irá feri-la
Se pudermos evitar
Por toda sua vida.
Seu aniversário é nossa festa,
Faremos dele nosso grande dia,
E daremos nossos presentes
E cantaremos nossa canção.
Que prazeres a acompanhem
E que os destinos lhe enviem
A jornada mais feliz
Ao longo do caminho da sua vida.
Com céus brilhantes acima dela
E amigos para amá-la!
Querida Bob! Muitas felicidades
E vivas do dia!
Quando terminaram de cantar, gritaram: "Três vivas para nossa Bobbie!" e os deram bem alto. Bobbie sentiu-se como se estivesse prestes a chorar — você conhece aquela sensação estranha na ponte do nariz e o formigamento nas pálpebras? Mas antes que tivesse tempo para começar, todos estavam beijando e abraçando-a.
"Agora," disse a Mamãe, "olhe seus presentes."
Eles eram presentes muito legais. Havia um livrinho de agulhas verde e vermelho que Phyllis tinha feito sozinha

em momentos secretos. Havia um brochezinho de prata adorável da Mamãe em forma de botão de ouro, que Bobbie conhecia e amava há anos, mas que nunca, jamais, pensou que se tornaria seu de fato. Havia também um par de vasos de vidro azul da Sra. Viney. Roberta tinha visto e admirado-os na loja da vila. E havia três cartões de aniversário com imagens bonitas e votos.

A Mamãe colocou a coroa de "miosótis" na cabeça castanha de Bobbie.

"E agora olhe para a mesa," disse ela.

Havia um bolo na mesa coberto com açúcar branco, com "Querida Bobbie" em doces cor-de-rosa, e havia pãezinhos e geleia; mas a coisa mais bonita era que a grande mesa estava quase coberta de flores — "goivos" estavam dispostos ao redor da bandeja de chá — havia um círculo de "miosótis" ao redor de cada prato. O bolo tinha uma coroa de lilases brancos ao seu redor, e no meio havia algo que parecia um padrão todo feito com flores isoladas de lilás ou goivo ou laburno.

"É um mapa — um mapa da ferrovia!" exclamou Peter. "Olhe — essas linhas lilás são os trilhos — e há a estação feita de goivos marrons. O laburno é o trem, e ali estão as cabines de sinal, e a estrada até aqui — e essas margaridas vermelhas gordas somos nós três acenando para o velho cavalheiro — é ele, a viola no trem de laburno."

"E lá está 'Três Chaminés' feito das prímulas roxas," disse Phyllis. "E aquele pequeno botão de rosa é a Mamãe olhando por nós quando nos atrasamos para o

chá. Peter inventou tudo, e pegamos todas as flores na estação. Achamos que você ia gostar mais."
"Esse é meu presente," disse Peter, de repente colocando sua adorada locomotiva a vapor na mesa na frente dela. Sua coalheira tinha sido forrada com papel branco fresco e estava cheia de doces.
"Oh, Peter!" exclamou Bobbie, completamente emocionada com tamanha generosidade. "Não é a sua querida pequena locomotiva da qual você tanto gosta?"
"Oh, não," disse Peter, rapidamente. "Não a locomotiva. Apenas os doces."
Bobbie não conseguiu evitar que sua expressão mudasse um pouco — não tanto porque ficou desapontada por não receber a locomotiva, mas porque achou que havia sido muito nobre da parte de Peter, e agora ela se sentiu boba por ter pensado assim. Além disso, sentiu que deveria ter parecido gananciosa ao esperar a locomotiva além dos doces. Então, seu rosto mudou. Peter percebeu. Hesitou por um minuto; depois, sua expressão também mudou e ele disse: "Quero dizer, não TODA a locomotiva. Eu deixo você ficar com metade se quiser."
"Você é um amor," exclamou Bobbie; "é um presente esplêndido." Ela não disse mais nada em voz alta, mas para si mesma disse: —
"Foi muito gentil de Peter, porque sei que ele não pretendia. Bem, a metade quebrada será a minha parte da locomotiva, e eu vou consertá-la e devolvê-la a Peter de presente de aniversário." "Sim, mamãe querida, eu gostaria de cortar o bolo," acrescentou, e assim começou o chá.

Foi um aniversário encantador. Depois do chá, a mãe brincou com eles "qualquer brincadeira que escolhessem "e, claro, a primeira escolha deles foi cabra-cega, durante a qual a coroa de miosótis de Bobbie se torceu sobre uma de suas orelhas e lá ficou. Então, quando já estava perto da hora de ir para cama, a mãe tinha uma nova história encantadora para ler para eles.
"Você não vai ficar acordada trabalhando até tarde, vai, mãe?" Bobbie perguntou, quando deram boa noite.
E a mãe disse que não, ela não ficaria "ela apenas escreveria para o pai e depois iria para cama.
Mas quando Bobbie desceu mais tarde para pegar seus presentes — pois sentiu que realmente não poderia ficar separada deles a noite toda — a mãe não estava escrevendo, mas com a cabeça apoiada nos braços sobre a mesa. Acho que foi muito bom da parte de Bobbie sair silenciosamente, repetindo para si mesma: "Ela não quer que eu saiba que está infeliz, e eu não vou saber; eu não vou saber." Mas isso deu um fim triste ao aniversário.
Na manhã seguinte, Bobbie começou a procurar uma oportunidade para consertar a locomotiva de Peter secretamente. E a oportunidade surgiu na tarde seguinte.
A mãe foi de trem para a cidade mais próxima fazer compras. Quando ia, sempre passava nos Correios. Talvez para enviar suas cartas para o pai, pois nunca as dava para as crianças ou para a Sra. Viney enviarem, e ela mesma nunca ia até a vila. Peter e Phyllis foram com ela. Bobbie queria uma desculpa para não ir, mas por mais que tentasse, não conseguia pensar em uma boa. E

justo quando sentiu que tudo estava perdido, seu vestido ficou preso em um grande prego na porta da cozinha, e houve um grande rasgo transversal na frente da saia. Asseguro que isso foi realmente um acidente. Então os outros tiveram pena dela e foram sem ela, pois não havia tempo para ela trocá-lo, já estavam um pouco atrasados e tinham que se apressar para a estação para pegar o trem.

Quando foram, Bobbie colocou seu vestido do dia a dia e foi até a ferrovia. Ela não entrou na estação, mas foi ao longo dos trilhos até o fim da plataforma onde a locomotiva fica quando o trem descendente está ao lado da plataforma — o lugar onde há um tanque de água e uma mangueira de couro longa e mole, como a tromba de um elefante. Ela se escondeu atrás de um arbusto do outro lado da ferrovia. Tinha a locomotiva de brinquedo embrulhada em papel pardo e esperou pacientemente com ela sob o braço.

Então, quando o próximo trem chegou e parou, Bobbie atravessou os trilhos da linha de subida e ficou ao lado da locomotiva. Nunca havia estado tão perto de uma locomotiva antes. Parecia muito maior e mais dura do que esperava, e isso a fez se sentir muito pequena, e, de alguma forma, muito frágil — como se pudesse ser muito, muito facilmente machucada severamente.

"Agora sei como se sentem os bichos-da-seda," disse Bobbie para si mesma.

O maquinista e o foguista não a viram. Eles estavam inclinados do outro lado, contando ao Carregador uma história sobre um cachorro e uma perna de carneiro.

"Com licença," disse Roberta — mas a locomotiva estava liberando vapor e ninguém a ouviu.
"Com licença, senhor Engenheiro," ela falou um pouco mais alto, mas a Locomotiva falou ao mesmo tempo, e é claro que a voz suave de Roberta não teve chance.
Pareceu a ela que a única maneira seria subir na locomotiva e puxar seus casacos. O degrau era alto, mas ela colocou o joelho nele e escalou a cabine; ela tropeçou e caiu de mãos e joelhos na base da grande pilha de carvão que levava à abertura quadrada na caçamba. A locomotiva não estava isenta das fraquezas de seus iguais; estava fazendo muito mais barulho do que havia a mínima necessidade. E assim que Roberta caiu sobre os carvões, o maquinista, que havia se virado sem vê-la, deu partida na locomotiva, e quando Bobbie se levantou, o trem estava se movendo — não rápido, mas rápido demais para ela sair.
Todos os tipos de pensamentos terríveis vieram para ela de uma vez só em um flash horrível. Havia trens expressos que, supôs, iam por centenas de milhas sem parar. E se este fosse um deles? Como voltaria para casa? Ela não tinha dinheiro para pagar a viagem de volta.
"E eu não tenho nada a ver com isso. Sou uma ladra de locomotiva — é isso que eu sou," pensou. "Não me surpreenderia se pudessem me prender por isso." E o trem estava indo cada vez mais rápido.
Havia algo em sua garganta que tornava impossível para ela falar. Tentou duas vezes. Os homens estavam de costas para ela. Eles estavam fazendo algo com coisas que pareciam torneiras.

De repente, ela estendeu a mão e agarrou a manga mais próxima. O homem se virou com um sobressalto, e ele e Roberta ficaram por um minuto olhando um para o outro em silêncio. Então o silêncio foi quebrado por ambos.
O homem disse, "Olha só o que temos aqui!" e Roberta caiu em lágrimas.
O outro homem disse que estava realmente surpreso — ou algo assim — mas embora naturalmente surpresos, não foram exatamente indelicados.
"Você é uma menina travessa, é o que você é," disse o foguista, e o maquinista disse:
"Garota atrevida, é como eu chamaria," mas eles a fizeram se sentar em um assento de ferro na cabine e disseram para ela parar de chorar e contar-lhes o que queria.
Ela parou, assim que conseguiu. Uma coisa que a ajudou foi o pensamento de que Peter daria quase tudo para estar em seu lugar — em uma locomotiva de verdade — indo de verdade. As crianças já haviam se perguntado se algum maquinista nobre poderia ser encontrado para levá-los para um passeio em uma locomotiva — e agora lá estava ela. Ela secou os olhos e fungou com determinação.
"Agora, então," disse o foguista, "diga a verdade. O que você está fazendo aqui, hein?"
"Oh, por favor," fungou Bobbie.
"Tente de novo," disse o maquinista, encorajando.
Bobbie tentou novamente.
"Por favor, senhor Engenheiro," disse ela, "eu chamei por você dos trilhos, mas você não me ouviu — e eu só subi para tocá-lo no braço — bem suavemente eu pretendia

fazer isso — e então cai sobre os carvões — e sinto muito se assustei você. Ah, não fiquem bravos — oh, por favor, não fiquem!" Ela fungou novamente.
"Nós não estamos tão BRAVOS," disse o foguista, "mais interessados. Não é todo dia que uma garotinha cai do céu no nosso depósito de carvão, é, Bill? Por que VOCÊ fez isso, hein?"
"Esse é o ponto," concordou o maquinista; "por que VOCÊ fez isso?"
Bobbie descobriu que ainda não tinha parado completamente de chorar. O maquinista a parabenizou e disse: "Ora, anima-se, colega. Não é tão ruim assim, pode apostar."
"Eu queria," disse Bobbie, muito animada por se ver chamada de "colega" — "eu só queria perguntar se você poderia ser tão gentil a ponto de consertar isso." Ela pegou o pacote de papel pardo dentre os carvões e desfez o barbante com dedos vermelhos e quentes que tremiam.
Seus pés e pernas sentiam o calor da locomotiva, mas seus ombros sentiam o frio selvagem do ar. A locomotiva balançava, sacudia e fazia um barulho, e quando passaram sob uma ponte a locomotiva parecia gritar em seus ouvidos.
O foguista jogava mais carvão.
Bobbie desdobrou o papel pardo e revelou a locomotiva de brinquedo.
"Eu pensei," disse ela com esperança, "que talvez você pudesse consertar isso para mim — porque você é um engenheiro, sabe."

O maquinista disse que estava surpreso e também encantado.
"Estou abismado e também estou surpreso," comentou o foguista.
Mas o maquinista pegou a pequena locomotiva e olhou para ela — e o foguista parou por um instante de colocar carvão, e olhou também.
"Isso é um abuso," disse o maquinista — "o que te fez pensar que nos incomodaríamos em consertar brinquedos baratos?"
"Eu não quis ser abusada," disse Bobbie; "só que todo mundo que tem algo a ver com ferrovias é tão gentil e bom, eu não pensei que vocês se importariam. Vocês não se importam, não é?" acrescentou, pois ela tinha visto um piscar de olhos não tão severo entre os dois.
"Meu trabalho é dirigir uma locomotiva, não consertar, especialmente de um tamanho tão pequeno como este aqui," disse Bill. "E como vamos levar você de volta para seus amigos e parentes aflitos, e tudo será perdoado e esquecido?"
"Se vocês me deixarem a próxima vez que pararem," disse Bobbie, firmemente, embora seu coração batesse ferozmente contra seu braço enquanto abraçava as mãos, "e me emprestarem o dinheiro para uma passagem de terceira classe, eu pago de volta — honra garantida. Eu não sou uma trapaceira como leio nos jornais — realmente, não sou."
"Você é uma pequena dama, em cada centímetro," disse Bill, cedendo de repente e completamente. "Vamos garantir que você volte para casa em segurança. E sobre essa locomotiva — Jim — você não tem nenhum colega

que saiba usar um ferro de solda? Parece-me que é só isso que esse pequeno artefato precisa."
"Foi isso que o papai disse," Bobbie explicou ansiosamente. "Para que serve isso?"
Ela apontou para uma pequena roda de latão que ele havia girado enquanto falava.
"Isso é o injetor."
"Em- o quê?"
"Injetor para encher a caldeira."
"Oh," disse Bobbie, mentalmente registrando o fato para contar aos outros; "isso É interessante."
"Este aqui é o freio automático," Bill continuou, lisonjeado pelo entusiasmo dela. "Você só precisa mover esta pequena alavanca aqui — pode fazer isso com um dedo — e o trem para bem rápido. É isso que eles chamam de Poder da Ciência nos jornais."
Ele mostrou a ela dois pequenos mostradores, como os de relógios, e explicou como um mostrava quanto vapor estava sendo usado, e o outro mostrava se o freio estava funcionando corretamente.
Quando ela o viu desligar o vapor com uma grande alavanca de aço brilhante, Bobbie sabia mais sobre o funcionamento interno de uma locomotiva do que jamais pensou que poderia saber, e Jim prometeu que o irmão da esposa do seu primo de segundo grau soldaria a locomotiva de brinquedo. Além de todo o conhecimento que adquiriu, Bobbie sentia que ela, Bill e Jim agora eram amigos para a vida toda, e que eles haviam perdoado completamente e para sempre o fato de ela ter tropeçado sem ser convidada entre os carvões sagrados de sua locomotiva.

Na junção de Stacklepoole, ela se despediu deles com calorosas expressões de respeito mútuo. Eles a entregaram ao guarda de um trem de volta "um amigo deles "e ela teve a alegria de saber o que os guardas fazem em seus recantos secretos, e entendeu como, quando você puxa o cordão de comunicação nos vagões de trem, uma roda gira sob o nariz do guarda e um sino alto toca nos ouvidos dele. Ela perguntou ao guarda por que sua cabine tinha um cheiro tão de peixe, e soube que ele tinha que carregar muitos peixes todos os dias, e que a umidade nas depressões do piso ondulado havia escorrido de caixas cheias de solha, bacalhau, cavalas, linguados e smelts.

Bobbie chegou em casa a tempo para o chá, e sentiu como se sua mente fosse explodir com tudo que havia aprendido desde que se separou dos outros. Como ela abençoou o prego que rasgou seu vestido!

"Onde você esteve?" perguntaram os outros.

"Na estação, é claro," disse Roberta. Mas ela não contou uma palavra sobre suas aventuras até o dia marcado, quando misteriosamente os conduziu à estação na hora da passagem do trem das 3h19, e orgulhosamente os apresentou a seus amigos, Bill e Jim. O irmão da esposa do primo de segundo grau de Jim não foi indigno da confiança sagrada depositada nele. A locomotiva de brinquedo estava, literalmente, como nova.

"Até logo — ah, até logo," disse Bobbie, pouco antes de a locomotiva dar seu grito de despedida. "Sempre, sempre vou amar vocês — e também o irmão da esposa do primo de segundo grau de Jim!"

E enquanto as três crianças subiam a colina para casa, Peter abraçando a locomotiva, agora totalmente consertada, Bobbie contou, com saltos de alegria no coração, a história de como ela tinha sido uma Ladra de Locomotivas.

Capítulo 5: Prisioneiros e cativos

Era dia quando a Mãe tinha ido a Maidbridge. Ela havia ido sozinha, mas as crianças deveriam ir à estação para encontrá-la. E, como adoravam a estação, era natural que estivessem lá uma boa hora antes da chegada do trem da Mãe, mesmo que o trem fosse pontual, o que era muito improvável. Sem dúvida, teriam chegado tão cedo, mesmo se fosse um dia ensolarado, com todas as delícias das florestas, campos, rochas e rios abertas para eles. Mas, por acaso, foi um dia muito chuvoso e, para julho, muito frio. Um vento forte levava rebanhos de nuvens roxas escuras pelo céu "como manadas de elefantes de sonho", como disse Phyllis. E a chuva picava, fazendo com que a caminhada até a estação fosse completada em uma corrida. Então, a chuva caiu mais rápida e intensamente, batendo de forma oblíqua contra as janelas do escritório de bilhetes e do frio lugar que tinha a Sala de Espera Geral na porta.

"É como estar em um castelo sitiado", disse Phyllis; "olhe as flechas do inimigo atingindo as ameias!"

"É muito mais como um grande esguicho de jardim", disse Peter.

Decidiram esperar do lado de cima, pois a plataforma de baixo estava realmente muito molhada, e a chuva atingia

com força o pequeno abrigo sombrio onde os passageiros do lado de baixo têm que esperar por seus trens.
A hora estaria cheia de incidentes e de interesse, pois haveria dois trens subindo e um descendo para olhar antes do que deveria trazer a Mãe de volta.
"Talvez tenha parado de chover até lá", disse Bobbie; "de qualquer forma, estou feliz por ter trazido a capa de chuva e o guarda-chuva da Mãe."
Eles foram para o lugar deserto rotulado como Sala de Espera Geral, e o tempo passou agradavelmente em um jogo de anúncios. Você conhece o jogo, claro? É algo parecido com o "Crambo" mudo. Os jogadores se revezam em sair, e depois voltam e imitam algum anúncio o melhor que podem, e os outros têm que adivinhar qual é o anúncio que está sendo representado. Bobbie entrou e sentou-se sob o guarda-chuva da Mãe e fez uma cara afiada, e todos sabiam que ela era a raposa que se senta sob o guarda-chuva no anúncio. Phyllis tentou fazer um Tapete Mágico com a capa de chuva da Mãe, mas não ficou rígido e em forma de jangada como um Tapete Mágico deveria, e ninguém conseguiu adivinhar. Todos acharam que Peter estava indo longe demais quando sujou o rosto inteiro com pó de carvão e fez uma postura aranha e disse que era a mancha de tinta do tinteiro de alguém.
Era a vez de Phyllis novamente, e ela estava tentando parecer a Esfinge que anuncia as Excursões Pessoalmente Conduzidas por Fulano pelo Nilo quando o tinido agudo do sinal anunciou o trem subindo. As crianças correram para vê-lo passar. Na locomotiva

estavam o maquinista e o foguista em particular que agora eram cotados entre os amigos mais queridos das crianças. Amabilidades foram trocadas entre eles. Jim perguntou pelo trenzinho de brinquedo, e Bobbie insistiu que ele aceitasse um pacote úmido e gorduroso de caramelo que ela mesma havia feito.

Encantado com essa atenção, o maquinista consentiu em considerar o pedido dela de que algum dia ele levasse Peter para um passeio na locomotiva.

"Voltem para trás, amigos", gritou o maquinista, de repente, "e lá vai ela".

E, com certeza, o trem partiu. As crianças observaram as luzes traseiras do trem até que ele desaparecesse na curva da linha, e então voltaram para a liberdade empoeirada da Sala de Espera Geral e as alegrias do jogo de mímicas.

Eles esperavam ver apenas uma ou duas pessoas, o final da procissão de passageiros que haviam entregado seus bilhetes e ido embora. Em vez disso, a plataforma ao redor da porta da estação tinha uma mancha escura ao redor, e a mancha escura era uma multidão de pessoas.

"Oh!", gritou Peter, com um arrepio de alegria e excitação, "aconteceu algo! Vamos lá!"

Eles correram pela plataforma. Quando chegaram à multidão, não podiam, é claro, ver nada além das costas molhadas e cotovelos das pessoas na parte externa da multidão. Todos estavam falando ao mesmo tempo. Era evidente que algo havia acontecido.

"Acredito que ele não seja pior que um tolo", disse uma pessoa com aparência de fazendeiro. Peter viu seu rosto vermelho e bem barbeado enquanto ele falava.

"Se quer a minha opinião, diria que é um caso de Tribunal de Polícia", disse um jovem com uma bolsa preta.
"Não é; parece mais caso de Hospital—"
Então a voz do Chefe da Estação foi ouvida, firme e oficial:—
"Agora, então—movam-se por aqui. Vou cuidar disso, se vocês me permitem."
Mas a multidão não se mexeu. E então veio uma voz que emocionou as crianças profundamente. Pois falava em uma língua estrangeira. E, além disso, era uma língua que elas nunca tinham ouvido. Elas já tinham ouvido francês e alemão. A Tia Emma sabia alemão, e costumava cantar uma música sobre bedeuten e zeiten e bin e sin. Nem era latim. Peter já tinha estudado latim por quatro semestres.
Era algum conforto, de qualquer forma, descobrir que ninguém na multidão entendia a língua estrangeira melhor do que as crianças.
"O que é que ele está dizendo?" perguntou o fazendeiro, com um ar aborrecido.
"Parece francês para mim", disse o Chefe da Estação, que uma vez foi a Boulogne por um dia.
"Não é francês!", gritou Peter.
"O que é, então?" perguntaram mais de uma voz. A multidão deu um pouco de espaço para ver quem havia falado, e Peter se adiantou, de modo que quando a multidão se fechou novamente, ele estava na linha de frente.
"Eu não sei o que é", disse Peter, "mas não é francês. Eu sei disso." Então ele viu o que era o centro da multidão.

Era um homem—o homem, Peter não tinha dúvidas, que havia falado naquela língua estranha. Um homem com cabelos longos e olhos selvagens, com roupas surradas de um corte que Peter nunca tinha visto antes—um homem cujas mãos e lábios tremiam, e que falou novamente ao avistar Peter.
"Não, isso não é francês", disse Peter.
"Tente falar francês com ele, se você sabe tanto sobre isso", disse o agricultor.
"Parlay voo Frongsay?" começou Peter, audaciosamente, e no momento seguinte a multidão recuou novamente, pois o homem de olhos selvagens deixou de se apoiar na parede, avançou rapidamente, agarrou as mãos de Peter e começou a despejar um fluxo de palavras que, embora ele não entendesse uma só, ele reconhecia o som.
"Viu?" disse ele, e se virou, com as mãos ainda entrelaçadas nas do estranho e maltrapilho, para lançar um olhar de triunfo à multidão; "está vendo, ISSO É francês."
"O que ele diz?"
"Eu não sei." Peter foi obrigado a admitir.
"Aqui", disse novamente o chefe da estação; "por favor, saiam daqui. EU vou lidar com isso."
Alguns dos viajantes mais tímidos ou menos curiosos se afastaram lentamente e com relutância. E Phyllis e Bobbie se aproximaram de Peter. Todos os três haviam sido ENSINADOS a falar francês na escola. Como eles desejaram agora ter APRENDIDO de verdade! Peter balançou a cabeça para o estranho, mas também apertou suas mãos calorosamente e olhou para ele com a maior gentileza possível.

Uma pessoa na multidão, após alguma hesitação, disse de repente, "No comprenny!" e então, corando profundamente, saiu da pressão e foi embora.
"Leve-o para sua sala", Bobbie sussurrou para o chefe da estação. "Mamãe fala francês. Ela chegará no próximo trem de Maidbridge."
O chefe da estação pegou o braço do estranho, de forma repentina, mas não brutal. Mas o homem puxou o braço, e encolheu-se tossindo e tremendo, tentando empurrar o chefe da estação para longe.
"Oh, não!", disse Bobbie; "não vê como ele está assustado? Ele pensa que vai ser preso. Eu sei que sim—olhe nos olhos dele!"
"São como olhos de raposa quando o animal está em uma armadilha", disse o agricultor.
"Oh, deixe-me tentar!" Bobbie continuou; "eu realmente sei uma ou duas palavras em francês se eu conseguir me lembrar delas."
Às vezes, em momentos de grande necessidade, podemos fazer coisas maravilhosas—coisas que em nossa vida cotidiana mal poderíamos sonhar em fazer. Bobbie nunca tinha chegado nem perto do topo da sua turma de francês, mas ela deve ter aprendido algo sem perceber, pois agora, ao olhar para aqueles olhos selvagens e caçados, ela realmente se lembrou e, o que é mais, falou, algumas palavras em francês. Ela disse:"
"Vous attendre. Ma mere parlez Français. Nous—qual é a palavra em francês para 'ser gentil'?"
Ninguém sabia.
"Bong é 'bom,'" disse Phyllis.
"Nous être bong pour vous."

Eu não sei se o homem entendeu suas palavras, mas ele compreendeu o toque da mão que ela colocou na sua, e a gentileza da outra mão que acariciou sua manga maltrapilha.
Ela o puxou suavemente para o recinto mais interno do chefe da estação. As outras crianças seguiram, e o chefe da estação fechou a porta na cara da multidão, que ficou um pouco no saguão, falando e olhando para a porta amarela firmemente fechada, e depois, um a um, foi se dirigindo a seus próprios caminhos, resmungando.
Dentro da sala do chefe da estação, Bobbie ainda segurava a mão do estranho e acariciava sua manga.
"Olha só," disse o chefe da estação; "sem bilhete—nem sequer sabe para onde quer ir. Agora não estou seguro se não devo chamar a polícia."
"Oh, NÃO FAÇA ISSO!" todas as crianças suplicaram ao mesmo tempo. E de repente Bobbie se interpôs entre eles e o estranho, pois ela viu que ele estava chorando. Por um golpe de sorte incomum, ela tinha um lenço no bolso. Por um acidente ainda mais incomum, o lenço estava moderadamente limpo. Ficando na frente do estranho, ela tirou o lenço e o passou para ele de forma que os outros não vissem.
"Espere até a Mamãe chegar", Phyllis estava dizendo; "ela fala francês lindamente. Você vai adorar ouvi-la."
"Tenho certeza de que ele não fez nada do qual as pessoas são presas", disse Peter.
"Parece que está sem meios visíveis para mim", disse o chefe da estação. "Bem, não me importo de dar a ele o benefício da dúvida até a sua Mãe chegar. GOSTARIA

de saber qual nação deve levar o crédito por ele, isso sim."
Então Peter teve uma ideia. Ele puxou um envelope do bolso, e mostrou que estava meio cheio de selos estrangeiros.
"Olhem aqui," ele disse, "vamos mostrar esses selos para ele—"
Bobbie olhou e viu que o estranho tinha secado os olhos com o lenço dela. Então ela disse: "Tudo bem."
Eles mostraram-lhe um selo italiano, e apontaram dele para o selo e de volta para ele, e fizeram sinais de pergunta com as sobrancelhas. Ele balançou a cabeça. Então mostraram-lhe um selo norueguês—aquele tipo azul comum—e novamente ele fez sinal de Não. Depois mostraram-lhe um espanhol, e com isso ele pegou o envelope da mão de Peter e buscou entre os selos com uma mão trêmula. A mão que ele finalmente estendeu, com um gesto como de quem responde a uma pergunta, continha um selo RUSSO.
"Ele é russo", gritou Peter, "ou então ele é como 'o homem que foi' — em Kipling, você sabe."
O trem vindo de Maidbridge foi sinalizado.
"Eu ficarei com ele até você trazer a Mãe", disse Bobbie.
"Você não está com medo, Senhorita?"
"Oh, não", disse Bobbie, olhando para o estranho, como alguém pode olhar para um cachorro desconhecido de temperamento duvidoso. "Você não me machucaria, machucaria?"
Ela sorriu para ele, e ele sorriu de volta, um sorriso esquisito e torto. E então ele tossiu novamente. E o

barulho pesado e ritmado do trem que chegava passou, e o Chefe da Estação, Peter e Phyllis saíram para recebê-lo. Bobbie ainda estava segurando a mão do estranho quando eles voltaram com a Mãe. O russo se levantou e fez uma reverência muito cerimoniosa. Então a Mãe falou em francês, e ele respondeu, hesitante no início, mas logo em frases mais longas e mais longas. As crianças, observando o rosto dele e da Mãe, sabiam que ele estava contando a ela coisas que a deixavam zangada, piedosa, triste e indignada ao mesmo tempo.

"Bem, Mamãe, do que se trata tudo isso?" O Chefe da Estação não conseguiu conter sua curiosidade por mais tempo.

"Oh", disse a Mãe, "está tudo bem. Ele é russo e perdeu o bilhete. E temo que ele esteja muito doente. Se você não se importar, vou levá-lo para casa comigo agora. Ele está realmente exausto. Amanhã vou descer e contar tudo sobre ele."

"Espero que você não descubra que está levando uma víbora congelada para casa", disse o Chefe da Estação, duvidoso.

"Oh, não", disse a Mãe alegremente, e ela sorriu; "Eu tenho certeza de que não estou. Ora, ele é um grande homem em seu próprio país, escreve livros — livros lindos — eu li alguns deles; mas amanhã te conto tudo."

Ela falou novamente em francês com o russo, e todos puderam ver a surpresa, o prazer e a gratidão em seus olhos. Ele se levantou e fez uma reverência educada ao Chefe da Estação, e ofereceu seu braço de maneira muito cerimoniosa à Mãe. Ela aceitou, mas qualquer um

podia ver que ela estava ajudando-o a caminhar, e não ele a ela.
"Vocês, meninas, corram para casa e acendam uma lareira na sala de estar", disse a Mãe, "e Peter seria melhor ir buscar o Doutor."
Mas foi Bobbie quem foi buscar o Doutor.
"Odeio te contar", ela disse sem fôlego quando o encontrou de mangas arregaçadas, cuidando do canteiro de amor-perfeito, "mas a Mãe tem um russo muito maltrapilho, e tenho certeza de que ele terá que pertencer ao seu Clube. Tenho certeza de que ele não tem dinheiro. Nós o encontramos na estação."
"Encontraram ele! Ele estava perdido, então?" perguntou o Doutor, pegando o casaco.
"Sim", disse Bobbie, inesperadamente, "é exatamente assim que ele estava. Ele contou para a Mãe a triste e doce história de sua vida em francês; e ela perguntou se você seria gentil o bastante para vir direto se estivesse em casa. Ele tem uma tosse horrível e esteve chorando."
O Doutor sorriu.
"Oh, não faça isso", disse Bobbie; "por favor, não faça. Você não faria se tivesse visto ele. Eu nunca vi um homem chorar antes. Você não sabe como é."
Dr. Forrest desejou então não ter sorrido.
Quando Bobbie e o Doutor chegaram às Três Chaminés, o russo estava sentado na poltrona que tinha sido do Pai, esticando os pés em direção à chama brilhante de uma lareira de lenha, e tomando o chá que a Mãe fez para ele.
"O homem parece exausto, mente e corpo", foi o que o Doutor disse; "a tosse é ruim, mas não há nada que não

possa ser curado. Ele precisa ir direto para a cama, porém — e deixem uma lareira acesa à noite."
"Vou fazer uma no meu quarto; é o único com lareira", disse a Mãe. Ela fez isso, e logo o Doutor ajudou o estranho a ir para a cama.
Havia um grande baú preto no quarto da Mãe que nenhuma das crianças tinha visto destrancado. Agora, quando ela acendeu a lareira, ela o destrancou e tirou algumas "roupas masculinas "e as colocou para aquecer próximo à lareira recém-acesa. Bobbie, entrando com mais lenha para a lareira, viu a marca na camisola de dormir e olhou para o baú aberto. Todas as coisas que ela podia ver eram roupas masculinas. E o nome marcado na camisola de dormir era o nome do Pai. Então o Pai não tinha levado suas roupas com ele. E aquela camisola de dormir era uma das novas do Pai. Bobbie lembrou de quando foi feita, pouco antes do aniversário de Peter. Por que o Pai não tinha levado suas roupas?
Bobbie saiu do quarto. Enquanto saía, ouviu a chave girar na fechadura do baú. Seu coração estava batendo terrivelmente. POR QUE o Pai não tinha levado suas roupas? Quando a Mãe saiu do quarto, Bobbie lançou seus braços ao redor da cintura dela e sussurrou:—
"Mãe — o Papai não está — ele não está MORTO, está?"
"Meu amor, não! O que a fez pensar em algo tão horrível?"
"Eu — eu não sei", disse Bobbie, chateada consigo mesma, mas ainda apegando-se àquela resolução dela, de não ver nada que a Mãe não quisesse que ela visse.
A Mãe lhe deu um abraço apressado. "Papai estava bem, MUITO bem quando tive notícias dele por último", disse

ela, "e ele voltará para nós algum dia. Não pense em coisas tão horríveis, querida!"

Mais tarde, quando o estranho russo já estava confortável para a noite, a Mãe entrou no quarto das meninas. Ela dormiria na cama de Phyllis, e Phyllis teria um colchão no chão, uma aventura muito divertida para Phyllis. Assim que a Mãe entrou, duas figuras brancas se levantaram, e duas vozes ansiosas chamaram:—

"Agora, Mãe, conte-nos tudo sobre o cavalheiro russo."

Uma forma branca pulou para dentro do quarto. Era Peter, arrastando seu edredom atrás dele como a cauda de um pavão branco.

"Temos sido pacientes", ele disse, "e eu tive que morder a língua para não dormir, e eu quase dormi e mordi muito forte, e dói tanto. Conte-nos. Faça uma história bem longa."

"Não posso fazer uma história longa hoje à noite", disse a Mãe; "estou muito cansada." Bobbie sabia pela voz que a Mãe tinha chorado, mas os outros não perceberam.

"Bem, faça o mais longa que você puder", disse Phil, e Bobbie envolveu seus braços ao redor da cintura da Mãe e se aconchegou perto dela.

"Bem, é uma história longa o suficiente para fazer um livro inteiro. Ele é um escritor; escreveu livros lindos. Na Rússia, na época do Czar, não se podia dizer nada sobre os ricos fazendo coisas erradas, ou sobre o que deveria ser feito para que os pobres se tornassem melhores e mais felizes. Se alguém fizesse isso, era mandado para prisão."

"Mas eles NÃO PODEM", disse Peter; "as pessoas só vão para a prisão quando fazem algo errado."
"Ou quando os juízes ACHAM que fizeram algo errado", disse a Mãe. "Sim, isso é assim na Inglaterra. Mas na Rússia era diferente. E ele escreveu um livro lindo sobre os pobres e como ajudá-los. Eu li. Não há nada nele além de bondade. E o mandaram para a prisão por isso. Ele ficou três anos em uma masmorra horrível, quase sem luz, toda úmida e terrível. Na prisão, sozinho por três anos."
A voz da Mãe tremeu um pouco e parou de repente.
"Mas, Mãe", disse Peter, "isso não pode ser verdade AGORA. Parece algo saído de um livro de história — a Inquisição, ou algo assim."
"ERA verdade", disse a Mãe; "é tudo horrivelmente verdadeiro. Bem, então o tiraram e o mandaram para a Sibéria, um condenado acorrentado a outros condenados — homens maus que haviam cometido todo tipo de crimes "uma longa cadeia deles, e eles andavam, andavam e andavam por dias e semanas, até ele achar que nunca parariam de andar. E capatazes iam atrás deles com chicotes "sim, chicotes "para bati-los se ficassem cansados. E alguns deles ficaram mancos, e alguns caíram, e quando não conseguiam se levantar e continuar, os batiam e depois os deixavam para morrer. Ah, é tudo tão terrível! E finalmente ele chegou às minas, e foi condenado a ficar lá para a vida toda "para a vida toda, só por escrever um livro bom, nobre e esplêndido."
"Como ele conseguiu escapar?"

"Quando a guerra começou, alguns dos prisioneiros russos puderam se voluntariar como soldados. E ele se voluntariou. Mas desertou na primeira chance que teve e —"
"Mas isso é muito covarde, não é" "disse Peter
""desertar? Especialmente quando é guerra."
"Você acha que ele devia alguma coisa a um país que fez ISSO com ele? Se devia, devia mais à esposa e aos filhos. Ele não sabia o que tinha acontecido com eles."
"Ah," exclamou Bobbie, "ele tinha que pensar neles e ficar triste por causa deles TAMBÉM, então, todo o tempo que esteve na prisão?"
"Sim, ele tinha que pensar neles e ficar triste por causa deles todo o tempo que esteve na prisão. Por tudo o que sabia, eles poderiam ter sido mandados para a prisão também. Faziam essas coisas na Rússia. Mas enquanto estava nas minas, alguns amigos conseguiram mandar uma mensagem para ele que a esposa e os filhos tinham escapado e vindo para a Inglaterra. Então, quando desertou, veio aqui para procurá-los."
"Ele conseguiu o endereço deles?" disse o prático Peter.
"Não; só Inglaterra. Ele estava indo para Londres, e achava que tinha que trocar de trem na nossa estação, e então descobriu que tinha perdido a passagem e a carteira."
"Ah, VOCÊ acha que ele vai encontrá-los? — quero dizer a esposa e os filhos dele, não a passagem e as outras coisas."
"Espero que sim. Ah, espero e rezo para que ele encontre a esposa e os filhos novamente."

Até Phyllis percebeu agora que a voz da mãe estava muito instável.
"Ué, Mãe", ela disse, "você parece muito triste por ele!"
A Mãe não respondeu por um minuto. Então apenas disse: "Sim", e aí pareceu estar pensando. As crianças ficaram quietas.
Logo ela disse, "Queridos, quando vocês fizerem suas orações, acho que poderiam pedir a Deus para mostrar Sua piedade a todos os prisioneiros e cativos."
"Para mostrar Sua piedade," Bobbie repetiu lentamente, "a todos os prisioneiros e cativos. Está certo, Mãe?"
"Sim," disse a Mãe, "a todos os prisioneiros e cativos. Todos os prisioneiros e cativos."

Capítulo 6: Salvadores do Trem

O cavalheiro russo estava melhor no dia seguinte, e no dia depois disso, melhor ainda, e no terceiro dia ele estava bem o suficiente para ir ao jardim. Colocaram uma cadeira de vime para ele, e ele se sentou ali, vestido com roupas do Pai que eram grandes demais para ele. Mas, quando a Mãe encurtou as mangas e as calças, as roupas serviram bem o suficiente. Seu rosto estava gentil agora que não estava mais cansado e assustado, e ele sorria para as crianças sempre que as via. Elas queriam muito que ele pudesse falar inglês. A Mãe escreveu várias cartas para pessoas que ela achava que poderiam saber onde, na Inglaterra, a esposa e a família de um cavalheiro russo poderiam estar; não para as pessoas que ela conhecia antes de vir morar em Três Chaminés—ela nunca escrevia para nenhuma delas—mas

para pessoas estranhas—membros do Parlamento e editores de jornais, e secretários de sociedades.
E ela não fazia muito de sua escrita de histórias, apenas corrigia provas enquanto sentava ao sol perto do russo, e conversava com ele de vez em quando.
As crianças queriam muito mostrar como se sentiam amáveis em relação aquele homem que havia sido enviado para a prisão e para a Sibéria apenas por escrever um belo livro sobre pessoas pobres. Elas podiam sorrir para ele, é claro; elas podiam e faziam isso. Mas se você sorri demais, o sorriso pode acabar ficando fixo como o sorriso da hiena. E então já não parece amigável, mas simplesmente bobo. Então, elas tentaram outras maneiras e trouxeram flores para ele até que o lugar onde ele sentava ficou cercado de pequenos buquês murchos de trevos, rosas e sinos-de-cantuária.
Então Phyllis teve uma ideia. Ela chamou misteriosamente os outros e os levou para o quintal, e ali, em um local escondido, entre a bomba d'água e a cisterna, ela disse:
"Vocês se lembram do Perks me prometendo os primeiros morangos do jardim dele?" Perks, vocês vão recordar, era o Carregador. "Bom, eu acho que eles já devem estar maduros. Vamos lá ver."
A Mãe tinha ido contar ao Chefe da Estação a história do Prisioneiro Russo, como prometido. Mas até mesmo os encantos da ferrovia não foram capazes de afastar as crianças do interessante estrangeiro. Então elas não tinham ido à estação por três dias.
Elas foram agora.

E, para sua surpresa e aflição, foram recebidas de forma muito fria por Perks:
"Muito honrado, tenho certeza", ele disse quando elas espiaram pela porta da sala dos Carregadores. E ele continuou lendo seu jornal.
Houve um silêncio desconfortável.
"Oh, querido", disse Bobbie, com um suspiro, "eu acho que você está ZANGADO."
"Eu? Eu não!" disse Perks altivamente; "não significa nada pra mim."
"O que NÃO significa nada pra você?" disse Peter, ansioso e alarmado demais para mudar a forma de dizer.
"Nada, não é nada. O que acontece aqui ou em outro lugar", disse Perks; "se vocês querem ter segredos, tenham e sejam bem-vindos. É o que eu digo."
A câmara secreta de cada coração foi rapidamente examinada durante a pausa que se seguiu. Três cabeças foram balançadas.
"Não temos segredos DE VOCÊ", disse Bobbie por fim.
"Talvez vocês tenham, talvez não", disse Perks; "não é nada para mim. E desejo a vocês uma boa tarde." Ele levantou o jornal entre ele e eles e continuou lendo.
"Oh, NÃO FAZ ISSO!" disse Phyllis, em desespero; "isso é realmente terrível! Seja o que for, nos conte."
"Não pretendíamos fazer isso, seja lá o que for."
Nenhuma resposta. O jornal foi dobrado novamente e Perks começou outra coluna.
"Olhe aqui," disse Peter, de repente, "não é justo. Mesmo pessoas que cometem crimes não são punidas sem serem informadas sobre o motivo—como uma vez fizeram na Rússia."

"Eu não sei nada sobre a Rússia."
"Oh, sabe sim, quando a Mãe veio especialmente para contar a você e ao Sr. Gills tudo sobre NOSSO russo."
"Você não consegue imaginar?" disse Perks, indignado; "não vê ele me convidando para entrar na sala dele, sentar e ouvir o que 'sua senhoria' tem a dizer?"
"Você quer dizer que não ouviu nada?"
"Nem um sopro. Fui longe o suficiente para não fazer uma pergunta. E ele me cala como uma ratoeira. 'Assuntos de Estado, Perks', diz ele. Mas eu realmente pensei que um de vocês teria descido para me contar — vocês aparecem rápido o suficiente quando querem algo do velho Perks" Phyllis ficou roxa ao pensar nos morangos "informações sobre locomotivas ou sinais ou coisas do tipo", disse Perks.
"Não sabíamos que você não sabia."
"Achamos que a Mãe tinha contado para você."
"Queríamoscontarparavocêmassóachamosquejáserianotíciaantiga."
Os três falaram de uma vez.
Perks disse que estava tudo muito bem e ainda levantou o jornal. Então Phyllis de repente o arrancou, e abraçou-o pelo pescoço.
"Oh, vamos nos abraçar e ser amigos", disse ela; "vamos pedir desculpas primeiro, se você quiser, mas não sabíamos realmente que você não sabia."
"Estamos muito arrependidos", disseram os outros.
E Perks finalmente aceitou suas desculpas.
Então eles o convenceram a sair e sentar ao sol na colina verde da ferrovia, onde a grama estava bem quente ao toque, e ali, às vezes falando um de cada vez,

e às vezes todos juntos, contaram ao Carregador a história do Prisioneiro Russo.
"Bem, devo dizer," disse Perks; mas ele não disse o que era.
"Sim, é bem terrível, não é?" disse Peter, "e não me admira que você tenha ficado curioso sobre quem era o russo."
"Eu não estava curioso, mais interessado," disse o Carregador.
"Bem, acho que o Sr. Gills poderia ter te contado sobre isso. Foi horrível da parte dele."
"Não guardo rancor dele por isso, moça," disse o Carregador; "Por quê? Vejo seus motivos. Ele não gostaria de comprometer o lado dele com uma história como essa. Não é da natureza humana. Um homem tem que defender o seu lado, façam o que fizerem. Isso é o que significa a política partidária. Eu teria feito o mesmo se aquele sujeito de cabelo comprido fosse japonês."
"Mas os japoneses não faziam coisas crueis e perversas como essa," disse Bobbie.
"Talvez não," disse Perks, cautelosamente; "mas você nunca pode ter certeza com estrangeiros. Eu, pessoalmente, acho que todos são iguais."
"Então, por que você estava do lado dos japoneses?" perguntou Peter.
"Bem, veja, você deve escolher um lado ou outro. Igual aos Liberais e Conservadores. A grande coisa é escolher seu lado e depois manter-se firme, aconteça o que acontecer."
Um sinal soou.

"Aí vem o trem das 3h14," disse Perks. "Fiquem abaixados até ela passar, e então iremos até minha casa e veremos se há alguns daqueles morangos maduros que mencionei para vocês."
"Se houver alguns maduros, e você REALMENTE me der," disse Phyllis, "você se importaria se eu os der ao pobre russo?"
Perks estreitou os olhos e depois levantou as sobrancelhas.
"Então foram os morangos que vocês vieram buscar esta tarde, né?" disse ele.
Este foi um momento delicado para Phyllis. Dizer "sim" pareceria rude, ganancioso e indelicado com Perks. Mas ela sabia que, se dissesse "não", não ficaria satisfeita consigo mesma depois. Então—
"Sim," ela disse, "foi."
"Bem feito!" disse o Carregador; "diga a verdade e envergonhe o—"
"Mas teríamos vindo no dia seguinte se soubéssemos que você não tinha ouvido a história," Phyllis acrescentou rapidamente.
"Eu acredito em você, moça," disse Perks, e pulou sobre os trilhos a dois metros do trem em movimento.
As meninas odiavam vê-lo fazer isso, mas Peter gostava. Era tão emocionante.
O cavalheiro russo ficou tão encantado com os morangos que os três quebraram a cabeça para encontrar outra surpresa para ele. Mas toda essa reflexão não trouxe nenhuma ideia mais original do que cerejas silvestres. E essa ideia lhes ocorreu na manhã seguinte. Eles tinham visto a floração das árvores na primavera, e sabiam

onde procurar por cerejas silvestres agora que era época de cerejas. As árvores cresciam na encosta rochosa do penhasco de onde a boca do túnel se abria. Havia todos os tipos de árvores ali, bétulas, faias, pequenos carvalhos e aveleiras, e entre elas a floração das cerejeiras brilhou como neve e prata.
A boca do túnel era um pouco distante de Três Chaminés, então a Mãe os deixou levar o almoço em uma cesta. E a cesta serviria para trazer as cerejas de volta, se encontrassem alguma. Ela também lhes emprestou seu relógio de prata para que não se atrasassem para o chá. O Waterbury de Peter tinha parado desde o dia em que ele o deixou cair na cisterna. E eles partiram.
Quando chegaram ao topo do corte, inclinaram-se sobre a cerca e olharam para onde as linhas ferroviárias ficavam no fundo, o que, como Phyllis disse, era exatamente como um desfiladeiro de montanha.
"Se não fosse pela ferrovia ali embaixo, seria como se um humano nunca tivesse estado lá, não seria?"
As laterais do corte eram de pedra cinza, muito toscamente talhada. Na verdade, a parte superior do corte tinha sido um pequeno vale natural que havia sido aprofundado para trazer até o nível da boca do túnel. Entre as rochas, gramas e flores cresciam, e sementes deixadas por pássaros nas fendas da pedra haviam criado raízes e crescido em arbustos e árvores que se projetavam sobre o corte. Perto do túnel havia um lance de escadas levando até a linha "apenas barras de madeira rudemente fixadas no solo "um caminho muito íngreme e estreito, mais parecido com uma escada do que com uma escada normal.

"É melhor descermos," disse Peter. "Tenho certeza de que as cerejas seriam bem fáceis de pegar do lado dos degraus. Você se lembra que foi ali que colhemos as flores de cerejeira que colocamos na sepultura do coelho."
Então eles foram ao longo da cerca em direção ao pequeno portão que fica no topo desses degraus. E estavam quase no portão quando Bobbie disse:
"Silêncio. Pare! O que é isso?"
Aquilo era um som muito estranho de fato — um som suave, mas que dava para ouvir claramente através do som do vento nos galhos das árvores e do zumbido e sussurro dos fios do telégrafo. Era uma espécie de som de farfalhar, um sussurro. Enquanto eles escutavam, o som parou e depois começou de novo.
E dessa vez não parou, mas ficou mais alto, mais farfalhante e ruidoso.
"Olhem" exclamou Peter, de repente "a árvore ali!"
A árvore que ele apontou era uma daquelas com folhas cinza-ásperas e flores brancas. As bagas, quando surgem, são de um vermelho vivo, mas se você as colher, elas te desapontam, ficando pretas antes de chegar em casa. E, quando Peter apontou, a árvore estava se movendo — não da maneira que árvores deveriam se mover quando o vento sopra através delas, mas toda em um só bloco, como se fosse uma criatura viva caminhando lado a lado na encosta.
"Está se movendo!" gritou Bobbie. "Oh, olhem! E as outras também. É como a floresta em Macbeth."
"É magia", disse Phyllis, sem fôlego. "Eu sempre soube que essa ferrovia era encantada."

Realmente parecia um pouco como magia. Pois todas as árvores do outro lado do barranco, por cerca de 20 metros, pareciam estar lentamente andando em direção à linha férrea, a árvore com as folhas cinzentas indo na retaguarda como um velho pastor guiando um rebanho de ovelhas verdes.
"O que é isso? Oh, o que é isso?" disse Phyllis; "é magia demais para mim. Eu não gosto disso. Vamos para casa." Mas Bobbie e Peter se agarraram firmemente à grade e assistiram, sem fôlego. E Phyllis não fez movimento algum para ir para casa sozinha.
As árvores continuaram se movendo. Algumas pedras e terra solta caíram e estalaram nos trilhos muito abaixo. "Tudo está desmoronando", Peter tentou dizer, mas percebeu que quase não havia voz para dizer isso. E, de fato, bem quando ele falou, a grande rocha, sobre a qual as árvores andantes estavam, inclinou-se lentamente para a frente. As árvores, parando de andar, ficaram imóveis e tremeram. Inclinando-se com a rocha, pareciam hesitar por um momento, e então rocha e árvores e grama e arbustos, com um som de pressa, escorregaram do lado da encosta e caíram sobre a linha com um estrondo desajeitado que poderia ter sido ouvido a meio quilômetro de distância. Uma nuvem de poeira se levantou.
"Oh," disse Peter, em um tom reverente, "não é exatamente como quando o carvão chega? Se não houvesse teto no porão e você pudesse ver lá embaixo."
"Olhe que grande monte isso fez!" disse Bobbie.

"Sim," disse Peter, lentamente. Ele ainda estava se apoiando na cerca. "Sim," repetiu ele, ainda mais lentamente.
Então ele se endireitou.
"O trem das 11:29 ainda não passou. Precisamos avisar na estação, ou haverá um acidente terrível."
"Vamos correr," disse Bobbie, e começou a correr.
Mas Peter gritou, "Voltem!" e olhou para o relógio da mãe. Ele foi muito rápido e profissional, e seu rosto parecia mais pálido do que jamais tinham visto.
"Não temos tempo," ele disse; "fica a três quilômetros e já passa das onze."
"Será que não poderíamos," sugeriu Phyllis, sem fôlego, "subir em um poste de telégrafo e fazer algo com os fios?"
"Não sabemos como," disse Peter.
"Na guerra eles fazem isso," disse Phyllis; "eu sei que já ouvi falar disso."
"Na guerra, eles só CORTAM," disse Peter, "e isso não adianta nada. E não poderíamos cortá-los mesmo que subíssemos, e não conseguiríamos subir. Se tivéssemos algo vermelho, poderíamos descer até a linha e agitar."
"Mas o trem não nos veria até fazer a curva, e então ele veria o monte tão bem quanto nos veria," disse Phyllis; "melhor, porque é muito maior do que nós."
"Se tivéssemos algo vermelho," repetiu Peter, "poderíamos ir até a curva e acenar para o trem."
"Poderíamos acenar de propósito, de qualquer maneira."
"Eles apenas achariam que éramos SÓ NÓS, como sempre. Já acenamos tantas vezes antes. De qualquer maneira, vamos descer."

Eles desceram as escadarias íngremes. Bobbie estava pálida e tremendo. O rosto de Peter parecia mais magro que de costume. Phyllis estava com o rosto vermelho e úmido de ansiedade.
"Oh, como estou com calor!" ela disse; "e eu pensei que ia fazer frio; eu queria que não tivéssemos vestido nossas—" ela parou abruptamente e então terminou em um tom completamente diferente—"nossas anáguas de flanela."
Bobbie se virou no final da escada.
"Oh, sim," ela gritou; "ELAS são vermelhas! Vamos tirá-las."
Elas tiraram as anáguas e, com elas enroladas debaixo dos braços, correram ao longo da ferrovia, contornando o recém-caído monte de pedras, terra, e árvores esmagadas, tortas. Correram o mais rápido que puderam. Peter liderou, mas as garotas não ficaram muito atrás. Chegaram ao canto que escondia o monte da linha reta da ferrovia que se estendia por aproximadamente um quilômetro sem curva nem dobra.
"Agora," disse Peter, pegando a maior anágua de flanela.
"Você não vai"—Phyllis hesitou—"você não vai RASGAR elas?"
"Cala a boca," disse Peter, com uma dureza breve.
"Oh, sim", disse Bobbie, "rasgue-os em pedacinhos se quiser. Não vê, Phil, se não conseguirmos parar o trem, haverá um acidente de verdade, com pessoas MORTAS. Oh, horrível! Aqui, Peter, você nunca vai rasgar através do elástico!"

Ela pegou a anágua de flanela vermelha dele e rasgou-a a cerca de uma polegada do elástico. Depois rasgou a outra do mesmo jeito.
"Pronto!" disse Peter, rasgando também. Ele dividiu cada anágua em três pedaços. "Agora temos seis bandeiras." Ele olhou novamente para o relógio. "E temos sete minutos. Precisamos de mastros para as bandeiras."
Por algum motivo estranho, as facas dadas aos meninos raramente são do tipo de aço que mantém o fio. Os jovens arbustos precisaram ser quebrados. Dois foram arrancados pelas raízes. As folhas foram retiradas.
"Precisamos fazer furos nas bandeiras e passar os paus por eles", disse Peter. E os furos foram feitos. A faca estava afiada o suficiente para cortar a flanela. Duas das bandeiras foram fixadas em montes de pedras soltas entre os dormentes da linha de descida. Então Phyllis e Roberta ficaram cada uma com uma bandeira, prontas para abaná-la assim que o trem aparecesse.
"Vou ficar com as outras duas", disse Peter, "porque foi minha ideia acenar com algo vermelho".
"Mas são as nossas anáguas", Phyllis estava começando, mas Bobbie interrompeu—
"Oh, que importa quem acena com o quê, se a gente só puder salvar o trem?"
Talvez Peter não tivesse calculado corretamente o número de minutos que o 11.29 levaria para ir da estação até onde eles estavam, ou talvez o trem estivesse atrasado. De qualquer forma, parecia que eles esperaram muito tempo.
Phyllis ficou impaciente. "Acho que o relógio está errado e o trem já passou", disse ela.

Peter relaxou a postura heroica que tinha escolhido para exibir suas duas bandeiras. E Bobbie começou a se sentir mal de tanta expectativa.
Parecia a ela que tinham ficado lá por horas e horas, segurando aquelas pequenas bandeiras vermelhas de flanela que ninguém jamais notaria. O trem não se importaria. Passaria correndo por eles e faria a curva e colidiria com aquele monte horrível. E todos morreriam. Suas mãos ficaram muito frias e tremiam tanto que ela mal conseguia segurar a bandeira. E então veio o distante retumbar e zumbido dos trilhos, e uma fumaça branca apareceu longe ao longo do trecho de linha.
"Fique firme", disse Peter, "e acene como um louco! Quando chegar àquele grande arbusto de tojo, recue, mas continue acenando! Não fique NA linha, Bobbie!"
O trem veio chacoalhando muito, muito rápido.
"Eles não nos veem! Eles não vão nos ver! Não adianta!" gritou Bobbie.
As duas pequenas bandeiras na linha balançavam enquanto o trem que se aproximava sacudia e soltava os montes de pedras que as sustentavam. Uma delas lentamente inclinou-se e caiu na linha. Bobbie avançou e a pegou, e acenou com ela; suas mãos já não tremiam. Parecia que o trem vinha tão rápido quanto sempre. Estava muito perto agora.
"Saia da linha, sua boba!" disse Peter, furiosamente.
"Não adianta", Bobbie disse novamente.
"Recuem!" gritou Peter, de repente, e ele puxou Phyllis pelo braço.
Mas Bobbie gritou: "Ainda não, ainda não!" e acenou com suas duas bandeiras bem sobre a linha. A frente da

locomotiva parecia preta e enorme. Sua voz era alta e áspera.
"Oh, pare, pare, pare!" gritou Bobbie. Ninguém a ouviu. Pelo menos Peter e Phyllis não ouviram, pois a correria do trem encobrira o som de sua voz com uma montanha de som. Mas depois ela costumava se perguntar se a locomotiva em si não a ouvira. Parecia quase que sim, pois reduziu rapidamente, reduziu e parou, a menos de vinte metros do lugar onde as duas bandeiras de Bobbie acenavam sobre a linha. Ela viu a grande locomotiva preta parar completamente, mas de alguma forma ela não conseguia parar de acenar as bandeiras.
E quando o maquinista e o foguista desceram da locomotiva e Peter e Phyllis foram ao encontro deles e contaram sua história excitante sobre o monte horrível logo na curva, Bobbie ainda acenava as bandeiras, mas cada vez mais fraca e com movimentos bruscos.
Quando os outros se voltaram para ela, ela estava deitada sobre a linha com as mãos estendidas para frente e ainda segurando os cabos das pequenas bandeiras de flanela vermelha.
O maquinista a pegou, carregou-a até o trem, e a deitou nas almofadas de um vagão de primeira classe.
"Desmaiou completamente", ele disse, "pobrezinha. E não é de se estranhar. Vou dar uma olhada nesse seu monte aí, e depois levamos vocês de volta à estação para alguém cuidar dela."
Era horrível ver Bobbie deitada tão pálida e quieta, com seus lábios azuis e entreabertos.
"Acho que é assim que as pessoas devem parecer quando estão mortas", sussurrou Phyllis.

"NÃO!" disse Peter, bruscamente.
Eles sentaram ao lado de Bobbie nas almofadas azuis, e o trem voltou. Antes de chegar à estação, Bobbie suspirou e abriu os olhos, e se virou e começou a chorar. Isso de certo modo animou os outros. Eles já tinham a visto chorar antes, mas nunca tinham visto ela desmaiar, nem ninguém, na verdade. Eles não sabiam o que fazer quando ela desmaiou, mas agora que ela estava apenas chorando, podiam dar tapinhas em suas costas e dizer para não chorar, assim como sempre faziam. E depois, quando ela parou de chorar, puderam rir dela por ser uma covarde ao ponto de desmaiar.
Quando chegaram à estação, os três foram os heróis de uma reunião agitada na plataforma.
Os elogios que receberam por sua "ação rápida", seu "bom senso", sua "engenhosidade", foram suficientes para subir à cabeça de qualquer um. Phyllis se divertiu muito. Ela nunca tinha sido uma heroína de verdade antes, e a sensação era deliciosa. As orelhas de Peter ficaram muito vermelhas. Mesmo assim, ele também curtiu. Apenas Bobbie queria que todos parassem. Ela queria ir embora.
"Você vai ouvir algo da Companhia sobre isso, eu acho", disse o Chefe da Estação.
Bobbie desejava nunca mais ouvir falar disso. Ela puxou o casaco de Peter.
"Oh, vamos embora, vamos embora! Eu quero ir para casa", ela disse.
Então eles foram. E enquanto iam o Chefe da Estação, o carregador, os guardas, o maquinista, o foguista e os passageiros soltaram uma aclamação.

"Oh, escute", gritou Phyllis; "isso é para NÓS!"
"Sim", disse Peter. "Olha, ainda bem que pensei em algo vermelho e em acenar com ele."
"Que sorte nós termos colocado nossas anáguas de flanela vermelhas!" disse Phyllis.
Bobbie não disse nada. Ela estava pensando no monte horrível e no trem confiante correndo em direção a ele.
"E fomos NÓS que os salvamos", disse Peter.
"Que terrível seria se todos tivessem sido mortos!" disse Phyllis; "não seria, Bobbie?"
"Nós não conseguimos nenhuma cereja, no final das contas", disse Bobbie.
Os outros acharam que ela estava sendo meio insensível.

Capítulo 7: Por Valentia

Espero que você não se importe que eu fale muito sobre a Roberta. A verdade é que estou ficando muito afeiçoado a ela. Quanto mais a observo, mais eu a amo. E percebo várias coisas sobre ela que eu gosto.
Por exemplo, ela tinha uma preocupação peculiar para fazer outras pessoas felizes. E ela sabia guardar um segredo, uma habilidade relativamente rara. Além disso, ela tinha uma capacidade de simpatia silenciosa. Isso pode soar meio sem graça, eu sei, mas não é tão sem graça quanto parece. Significa apenas que uma pessoa consegue perceber que você está infeliz e ama você ainda mais por isso, sem te incomodar ao ficar te dizendo o tempo todo o quanto está triste por você.
Bobbie era assim. Ela sabia que a Mãe estava infeliz — e que a Mãe não havia contado a razão. Então, ela

simplesmente amava mais a Mãe e nunca disse uma única palavra que pudesse levar a Mãe a saber o quanto sua filhinha se perguntava o motivo da infelicidade da Mãe. Isso requer prática. Não é tão fácil quanto parece. O que quer que acontecesse — e muitos tipos de coisas agradáveis e comuns aconteciam — como piqueniques, jogos e bolinhos para o chá, Bobbie sempre tinha esses pensamentos em sua mente. "A Mãe está infeliz. Por quê? Eu não sei. Ela não quer que eu saiba. Não vou tentar descobrir. Mas ela ESTÁ infeliz. Por quê? Eu não sei. Ela não —" e assim por diante, repetindo e repetindo como uma música cuja parte final você não conhece.

O cavalheiro russo ainda ocupava boa parte dos pensamentos de todos. Todos os editores e secretários de Sociedades e Membros do Parlamento responderam às cartas da Mãe da forma mais educada que sabiam; mas nenhum deles pôde dizer onde a esposa e os filhos do Sr. Szezcpansky poderiam estar. (Eu já disse que o nome do russo era muito russo?)

Bobbie tinha outra qualidade que você ouvirá ser descrita de maneira diferente por pessoas diferentes. Alguns a chamam de se intrometer nos assuntos dos outros "e alguns chamam de "ajudar cães aleijados a passar por obstáculos", e outros chamam de "bondade". Isso significa tentar ajudar as pessoas.

Ela esforçou-se para pensar em alguma maneira de ajudar o cavalheiro russo a encontrar sua esposa e filhos. Ele já aprendera algumas palavras em inglês. Ele conseguia dizer "Bom dia", "Boa noite", "Por favor", "Obrigado", e "Bonito", quando as crianças traziam

flores para ele, e "Muito bom", quando perguntavam como ele dormira.
O jeito como ele sorria quando "falava seu inglês" era, Bobbie sentia, "simplesmente doce demais". Ela costumava pensar em seu rosto porque achava que isso a ajudaria a encontrar uma maneira de ajudá-lo. Mas não ajudava. No entanto, sua presença a alegrava porque ela via que isso fazia a Mãe mais feliz.
"Ela gosta de ter alguém para ser boa, além de nós," disse Bobbie. "E eu sei que ela detestou ter que dar as roupas do Pai para ele. Mas suponho que 'foi um mal necessário', ou ela não teria feito isso."
Por muitas e muitas noites depois do dia em que ela, Peter e Phyllis salvaram o trem de um desastre acenando suas pequenas bandeiras de flanela vermelha, Bobbie costumava acordar gritando e tremendo, revendo aquele monte horrível, e a pobre e querida locomotiva confiável correndo em direção a ele "apenas pensando que estava cumprindo seu dever veloz, e que tudo estava claro e seguro. E então uma sensação quente de prazer percorria seu corpo ao se lembrar de como ela, Peter e Phyllis e as anáguas vermelhas de flanela realmente salvaram a todos.
Uma manhã, uma carta chegou. Estava endereçada a Peter, Bobbie e Phyllis. Eles abriram-na com curiosidade entusiasmada, porque não recebiam cartas com frequência.
A carta dizia:
"Prezado Senhor e Senhoritas,"Propõe-se fazer uma pequena apresentação a vocês, em comemoração à sua ação rápida e corajosa ao avisar o trem no dia —-, assim

evitando o que, humanamente falando, teria sido um terrível acidente. A apresentação ocorrerá na Estação — às três horas do dia 30 do corrente mês, se essa hora e local forem convenientes para vocês.
"Atenciosamente,
Jabez Inglewood. Secretário, Great Northern and Southern Railway Co."
Nunca houve um momento de mais orgulho na vida das três crianças. Elas correram para a Mãe com a carta, e ela também se sentiu orgulhosa e disse isso, e isso deixou as crianças ainda mais felizes.
"Mas se a apresentação for dinheiro, vocês devem dizer: 'Obrigado, mas preferimos não aceitar'", disse a Mãe.
"Vou lavar suas musselinas indianas imediatamente," acrescentou. "Vocês devem estar arrumados em uma ocasião como essa."
"Phil e eu podemos lavá-las," disse Bobbie, "se você puder passá-las a ferro, Mãe."
Lavar é bem divertido. Eu me pergunto se você já fez isso? Essa lavagem em particular aconteceu na cozinha dos fundos, que tinha um chão de pedra e uma pia de pedra muito grande sob a janela.
"Vamos colocar a banheira na pia," disse Phyllis; "então podemos fingir que somos lavadeiras ao ar livre, como Mãe viu na França."
"Mas elas estavam lavando no rio gelado," disse Peter, com as mãos nos bolsos, "não em água quente."
"Este é um rio QUENTE, então," disse Phyllis; "dê uma mão com a banheira, por favor."
"Eu gostaria de ver um cervo ajudando," disse Peter, mas ele ajudou.

"Agora esfregar e esfregar e esfregar e esfregar," disse Phyllis, saltitando alegremente enquanto Bobbie carregava cuidadosamente a pesada chaleira do fogão da cozinha.
"Oh, não!" disse Bobbie, bastante chocada; "você não esfrega musselina. Você coloca o sabão fervido na água quente e faz toda a espuma "e então você agita a musselina e a espreme, muito gentilmente, e toda a sujeira sai. São apenas coisas grosseiras como toalhas de mesa e lençóis que precisam ser esfregadas."
O lilás e as rosas Gloire de Dijon do lado de fora da janela balançavam na suave brisa.
"É um bom dia para secar "isso é uma coisa," disse Bobbie, sentindo-se muito adulta. "Oh, estou curiosa para saber que sensações maravilhosas teremos quando VESTIRMOS os vestidos de musselina indiana!"
"Sim, eu também estou," disse Phyllis, agitando e espremendo a musselina de uma forma bastante profissional.
"AGORA espremamos a água com sabão. NÃO — não devemos torcê-las — e depois enxaguá-las. Eu vou segurá-las enquanto você e Peter esvaziam a banheira e pegam água limpa."
"Uma apresentação! Isso significa presentes," disse Peter, enquanto suas irmãs, tendo lavado devidamente os grampos e limpado o varal, penduravam os vestidos para secar. "O que será?"
"Pode ser qualquer coisa," disse Phyllis; "o que eu sempre quis é um bebê elefante — mas suponho que eles não saberiam disso."
"Que tal modelos de ouro de locomotivas?" disse Bobbie.

"Ou um grande modelo da cena do acidente evitado," sugeriu Peter, "com um pequeno trem modelo, e bonecas vestidas como nós e o maquinista e foguista e passageiros."
"VOCÊ GOSTA," disse Bobbie, com dúvida, secando as mãos na toalha áspera que pendia em um rolo na porta da despensa, "você GOSTA de sermos recompensados por salvar um trem?"
"Sim, eu gosto," disse Peter, enfaticamente; "e não tente nos enganar dizendo que você não gosta também. Porque eu sei que você gosta."
"Sim," disse Bobbie, duvidosa, "eu sei que gosto. Mas não deveríamos ficar satisfeitos apenas por termos feito isso, e não pedir mais nada?"
"Quem pediu algo mais, boba?" disse seu irmão; "os soldados condecorados com a Cruz Vitória não PEDIRAM por isso; mas eles ficam bem felizes de receber, mesmo assim. Talvez sejam medalhas. Então, quando eu for muito, muito velho, vou mostrá-las para meus netos e dizer: 'Apenas fizemos nosso dever,' e eles ficarão muito orgulhosos de mim."
"Você tem que se casar," alertou Phyllis, "ou você não tem nenhum neto."
"Acho que vou TER que me casar um dia," disse Peter, "mas será um grande incômodo tê-la por perto o tempo todo. Eu gostaria de me casar com uma dama que tivesse transes, e só acordasse uma ou duas vezes por ano."
"Só para dizer que você era a luz da vida dela e depois ir dormir de novo. Sim. Isso não seria ruim," disse Bobbie.

"Quando eu me casar," disse Phyllis, "vou querer que ele queira que eu esteja acordada o tempo todo, para que eu possa ouvi-lo dizer o quanto eu sou legal."
"Cá para mim seria legal," disse Bobbie, "casar com alguém muito pobre, assim você faria todo o trabalho e ele amaria você intensamente, e veria a fumaça azul da madeira subindo entre as árvores do lar doméstico quando ele voltasse do trabalho todas as noites. Eu digo —temos que responder aquela carta e dizer que o horário e o local SERÃO convenientes para nós. Ali está o sabão, Peter. ESTAMOS os dois tão limpos quanto limpos podem estar. Aquele bloco de papel de carta rosa que você tinha no seu aniversário, Phil."
Levaram algum tempo para decidir o que dizer. A mãe havia voltado para sua escrita, e várias folhas de papel rosa com bordas douradas em escalope e trevos verdes de quatro folhas no canto foram estragadas antes que os três decidissem o que escrever. Então, cada um fez uma cópia e assinou com seu próprio nome.
A carta tripla dizia:
"Caro Sr. Jabez Inglewood,—Muito obrigado. Não queríamos ser recompensados, só queríamos salvar o trem, mas estamos felizes que o senhor pense assim e muito obrigado. O horário e o local que o senhor mencionou serão bastante convenientes para nós. Muito obrigado.
"Cordialmente seu amigo pequeno e afetuoso,"
Então veio o nome, e após ele:
"P.S. Muito obrigado."
"Passar roupa é muito mais difícil do que lavar," disse Bobbie, tirando os vestidos limpos e secos do varal. "Eu

adoro ver as coisas ficarem limpas. Oh—não sei como vamos esperar até chegar a hora de saber qual apresentação eles vão nos dar!"
Quando finalmente—parecia que se passou um longo tempo depois—era O dia, as três crianças foram até a estação na hora certa. E tudo o que aconteceu foi tão estranho que parecia um sonho. O chefe da estação saiu para encontrá-los—com suas melhores roupas, como Peter notou imediatamente—e os conduziu até a sala de espera onde uma vez jogaram o jogo de anúncios. Parecia completamente diferente agora. Um tapete havia sido colocado—e havia vasos de rosas na lareira e nos parapeitos das janelas"galhos verdes imitando azevinho e louro foram colocados como é feito no Natal, sobre o anúncio emoldurado das Excursões Cook e das Belezas de Devon e do Paris Lyons Railway. Havia um bom número de pessoas lá além do Carregador—duas ou três senhoras em vestidos elegantes, e uma multidão de cavalheiros de cartolas e casacas—além de todos os que pertenciam à estação. Eles reconheceram várias pessoas que estiveram no trem no dia do saiote vermelho. Melhor de tudo, seu próprio senhor idoso estava lá, e seu paletó e chapéu pareciam ainda mais diferentes de todos os outros. Ele apertou as mãos deles e então todos se sentaram em cadeiras, e um cavalheiro de óculos — descobriram depois que ele era o Superintendente do Distrito "começou um discurso bem longo — de fato muito inteligente. Não vou escrever o discurso. Primeiro, porque você acharia chato; e segundo, porque fez todas as crianças ficarem tão vermelhas de vergonha e com as orelhas tão quentes que estou

ansiosa para sair dessa parte do assunto; e terceiro, porque o cavalheiro usou tantas palavras para dizer o que tinha a dizer que realmente não tenho tempo para escrevê-las. Ele disse todo tipo de coisa simpática sobre a bravura e presença de espírito das crianças, e quando terminou, se sentou, e todos aplaudiram e disseram: "Muito bem, muito bem."

E então o senhor idoso se levantou e disse algumas coisas também. Foi muito parecido com uma cerimônia de premiação. E então ele chamou as crianças uma por uma, pelo nome, e deu a cada uma delas um lindo relógio de ouro com corrente. E dentro dos relógios estava gravado depois do nome do novo proprietário do relógio:

"Dos Diretores da Estrada de Ferro do Norte e do Sul em reconhecimento grato pela corajosa e pronta ação que evitou um acidente em —- 1905."

Os relógios eram os mais lindos que você pode imaginar, e cada um tinha um estojo de couro azul para guardá-lo quando estivesse em casa.

"Você precisa fazer um discurso agora e agradecer a todos pela gentileza," sussurrou o Chefe da Estação no ouvido de Peter e o empurrou adiante. "Comece com 'Senhoras e Senhores,'" ele acrescentou.

Cada uma das crianças já havia dito "Obrigado," muito propriamente.

"Oh, céus," disse Peter, mas ele não resistiu ao empurrão.

"Senhoras e Senhores," disse ele com uma voz um pouco rouca. Depois houve uma pausa, e ele ouviu seu coração batendo na garganta. "Senhoras e Senhores," ele

continuou com pressa, "é tão incrivelmente gentil de sua parte, e nós vamos guardar os relógios por toda a vida—mas realmente não merecemos porque o que fizemos não foi nada, na verdade. Pelo menos, quero dizer que foi muito emocionante, e o que quero dizer—obrigado a todos muito, muito."

As pessoas aplaudiram Peter mais do que haviam aplaudido o Superintendente do Distrito, e então todos apertaram as mãos deles, e assim que a educação permitiu, eles se afastaram e correram colina acima até Três Chaminés com seus relógios nas mãos.

Foi um dia maravilhoso—o tipo de dia que raramente acontece com alguém e, para a maioria de nós, nunca acontece.

"Eu queria falar com o senhor idoso sobre outra coisa," disse Bobbie, "mas foi tão público—como estar na igreja."

"O que você queria dizer?" perguntou Phyllis.

"Eu vou contar quando tiver pensado mais sobre isso," disse Bobbie.

Então, quando pensou um pouco mais, escreveu uma carta.

"Meu querido senhor idoso," dizia; "Eu quero muito lhe pedir uma coisa. Se o senhor pudesse descer do trem e ir no próximo, isso funcionaria. Eu não quero que o senhor me dê nada. Mamãe disse que não devemos. E além disso, não queremos nenhuma COISA. Apenas falar com o senhor sobre um Prisioneiro e Cativo. Sua amiga pequena e carinhosa,

"Bobbie."

Ela pediu ao Chefe da Estação para entregar a carta ao senhor idoso, e no dia seguinte ela pediu a Peter e Phyllis para descerem com ela à estação na hora em que o trem que trazia o senhor idoso da cidade passaria. Ela explicou sua ideia para eles—e eles aprovaram completamente.

Todos haviam lavado as mãos e o rosto, e penteado os cabelos, e estavam o mais arrumados que sabiam. Mas Phyllis, sempre azarada, derramara uma jarra de limonada na frente de seu vestido. Não havia tempo para trocar—e como o vento estava soprando do depósito de carvão, seu vestido logo ficou coberto de cinza, que grudou nas manchas de limonada pegajosa e a fez parecer, como Peter disse, "como qualquer criança de rua."

Foi decidido que ela deveria ficar atrás dos outros tanto quanto possível.

"Talvez o senhor idoso não perceba," disse Bobbie. "Os mais velhos frequentemente têm a vista fraca."

Não havia sinal de fraqueza, no entanto, nos olhos, ou em qualquer outra parte do senhor idoso, enquanto ele descia do trem e olhava para cima e para baixo na plataforma.

As três crianças, agora que o momento tinha chegado, sentiram de repente aquela onda de timidez profunda que faz suas orelhas vermelhas e quentes, suas mãos quentes e úmidas, e a ponta do nariz rosa e brilhante.

"Oh," disse Phyllis, "meu coração está batendo como uma locomotiva—bem debaixo do meu cinto, também."

"Bobagem," disse Peter, "os corações das pessoas não ficam debaixo dos cintos."

"Não importa—o meu está," disse Phyllis.
"Se você vai falar como um livro de poesia," disse Peter, "meu coração está na minha boca."
"Meu coração está nas minhas botas—quanto a isso," disse Roberta; "mas vamos logo—ele vai pensar que somos idiotas."
"Ele não vai estar longe da verdade," disse Peter, sombriamente. E eles avançaram para encontrar o senhor idoso.
"Olá," ele disse, apertando as mãos de todos eles por sua vez. "É um grande prazer."
"Foi muito gentil de sua parte descer," disse Bobbie, suando e educada.
Ele pegou o braço dela e a levou para a sala de espera onde ela e os outros haviam jogado o jogo de anúncios no dia em que encontraram o russo. Phyllis e Peter seguiram. "Bem?" disse o senhor idoso, dando ao braço de Bobbie um pequeno sacudido gentil antes de soltá-lo.
"Bem? O que é?"
"Oh, por favor!" disse Bobbie.
"Sim?" disse o senhor idoso.
"O que quero dizer—" disse Bobbie.
"Bem?" disse o senhor idoso.
"Está tudo muito bem e gentil," disse ela.
"Mas?" ele disse.
"Eu queria poder dizer algo," ela disse.
"Diga," ele disse.
"Bem, então," disse Bobbie—e saiu a história do russo que havia escrito o belo livro sobre pessoas pobres, e tinha sido enviado para a prisão e para a Sibéria apenas por isso.

"E o que mais queremos no mundo é encontrar a esposa e os filhos dele," disse Bobbie, "mas não sabemos como. Você deve ser extremamente inteligente, ou não seria um diretor da ferrovia. E se VOCÊ soubesse como — e quisesse? Preferiríamos isso mais do que qualquer coisa no mundo. Ficaríamos sem os relógios, até, se você pudesse vendê-los e encontrar a esposa dele com o dinheiro."
E os outros também disseram isso, embora não com tanto entusiasmo.
"Hum," disse o velho cavalheiro, puxando o colete branco que tinha grandes botões dourados, "qual era o nome — Fryingpansky?"
"Não, não," disse Bobbie seriamente. "Vou escrever para você. Não parece nada com isso, a não ser quando você fala. Você tem um lápis e o verso de um envelope?" ela perguntou.
O velho cavalheiro pegou um porta-lápis dourado e um belo caderno de couro russo verde de cheiro doce e abriu em uma nova página.
"Aqui," ele disse, "escreva aqui."
Ela escreveu "Szezcpansky" e disse:
"É assim que você escreve. Você PRONUNCIA Shepansky."
O velho cavalheiro pegou um par de óculos com aro de ouro e os colocou no nariz. Quando leu o nome, ele pareceu completamente diferente.
"AQUELE homem? Santo Deus!" ele disse. "Ora, eu li o livro dele! Foi traduzido para todas as línguas europeias. Um livro excelente — um livro nobre. E então sua mãe o acolheu — como o bom samaritano. Bem, bem. Vou dizer

uma coisa, crianças — sua mãe deve ser uma mulher muito boa."
"Claro que ela é," disse Phyllis, espantada.
"E você é um homem muito bom," disse Bobbie, muito tímida, mas firmemente decidida a ser educada.
"Você me lisonjeia," disse o velho cavalheiro, tirando o chapéu com um gesto. "E agora devo dizer o que penso de vocês?"
"Ah, por favor, não," disse Bobbie, apressadamente.
"Por quê?" perguntou o velho cavalheiro.
"Eu não sei exatamente," disse Bobbie. "Só que — se for horrível, eu não quero que você diga; e se for algo bom, eu preferiria que você não dissesse."
O velho cavalheiro riu.
"Bem, então," ele disse, "vou apenas dizer que estou muito feliz que vocês vieram até mim por causa disso — muito feliz, de fato. E não ficarei surpreso se descobrir algo muito em breve. Conheço muitos russos em Londres, e todo russo conhece O NOME dele. Agora me contem tudo sobre vocês."
Ele se virou para os outros, mas havia apenas um outro, e esse era Peter. Phyllis tinha desaparecido.
"Me conte tudo sobre você," disse o velho cavalheiro novamente. E, naturalmente, Peter ficou sem fala.
"Tudo bem, teremos um exame," disse o velho cavalheiro; "vocês dois sentam na mesa, e eu sento no banco e faço as perguntas."
Ele fez isso, e saíram os nomes e idades deles;o nome do pai e profissão; há quanto tempo moravam no Três Chaminés e muito mais.

As perguntas estavam começando a se transformar em um arenque e meio por três meios-pensins e uma libra de chumbo e uma libra de penas, quando a porta da sala de espera foi aberta com um chute por uma bota; assim que a bota entrou, todos puderam ver que seu cadarço estava desamarrando — e entrou Phyllis, muito devagar e cuidadosamente.

Em uma das mãos, ela carregava uma grande lata, e na outra uma grossa fatia de pão com manteiga.

"Chá da tarde," anunciou orgulhosamente, e estendeu a lata e o pão com manteiga para o velho cavalheiro, que os pegou e disse:

"Santo Deus!"

"Sim," disse Phyllis.

"Foi muito atencioso da sua parte," disse o velho cavalheiro, "muito."

"Mas você poderia ter pegado uma xícara," disse Bobbie, "e um prato."

"Perks sempre bebe da lata," disse Phyllis, corando. "Acho que foi muito legal da parte dele me dar isso — quanto mais xícaras e pratos," ela acrescentou.

"Eu também acho," disse o velho cavalheiro, e ele bebeu um pouco do chá e provou o pão com manteiga.

E então era hora para o próximo trem, e ele entrou nele com muitos adeuses e gentis palavras finais.

"Bem," disse Peter, quando eles ficaram na plataforma, e as luzes traseiras do trem desapareceram na curva, "acredito que hoje acendemos uma vela — como Latimer, você sabe, quando foi queimado, e em breve haverá fogos de artifício para o nosso russo."

E realmente houve.

Não passou dez dias após a entrevista na sala de espera que as três crianças estavam sentadas no topo da maior pedra no campo abaixo de sua casa vendo o trem das 5h15 partir da estação ao longo do vale. Eles também viram as poucas pessoas que desceram na estação subindo a estrada em direção à vila, e eles viram uma pessoa deixar a estrada e abrir o portão que cruzava os campos até o Três Chaminés e a lugar nenhum mais.
"Quem é ele?" disse Peter, descendo.
"Vamos ver," disse Phyllis.
E assim eles fizeram. E quando chegaram perto o suficiente para ver quem era a pessoa, viram que era o próprio velho cavalheiro, seus botões dourados piscando no sol da tarde, e seu colete branco parecendo mais branco do que nunca contra o verde do campo.
"Olá!" gritaram as crianças, acenando com as mãos.
"Olá!" gritou o velho cavalheiro, acenando com o chapéu.
Então os três começaram a correr — e quando chegaram até ele, mal tinham fôlego para dizer:
"Como vai?"
"Boas notícias," disse ele. "Encontrei a esposa e o filho do seu amigo russo — e não resisti à tentação de dar a mim mesmo o prazer de contar a ele."
Mas ao olhar para o rosto de Bobbie, ele sentiu que PODERIA resistir a essa tentação.
"Aqui," ele disse a ela, "você corre e conta a ele. Os outros dois me mostrarão o caminho."
Bobbie correu. Mas quando ela ofegantemente transmitiu a notícia ao russo e à mãe sentados no jardim tranquilo — quando o rosto da mãe se iluminou tão lindamente e ela disse meia dúzia de palavras

rápidas em francês ao Exilado — Bobbie desejou não ter trazido as notícias. Pois o russo levantou-se com um grito que fez o coração de Bobbie saltar e depois tremer — um grito de amor e saudade como ela nunca tinha ouvido. Então ele pegou a mão da mãe e a beijou gentilmente e respeitosamente — e então ele se afundou na cadeira e cobriu o rosto com as mãos e soluçou. Bobbie se afastou. Ela não queria ver os outros naquele momento.

Mas ela estava tão alegre quanto qualquer um quando o interminável papo em francês terminou, quando Peter correu até a vila por pães e bolos, e as meninas prepararam o chá e o levaram para o jardim.

O velho cavalheiro estava muito alegre e agradável. Ele parecia ser capaz de falar em francês e inglês quase ao mesmo tempo, e a mãe fazia quase tão bem. Foi um momento encantador. A mãe parecia que não conseguia fazer o suficiente para o velho cavalheiro, e ela disse "sim" imediatamente quando ele perguntou se poderia dar algumas "guloseimas" para seus amiguinhos.

A palavra era nova para as crianças — mas elas adivinharam que significava doces, pois as três grandes caixas rosa e verde, amarradas com fita verde, que ele tirou da bolsa, continham camadas inéditas de belos chocolates.

Os poucos pertences do russo foram embalados, e todos o acompanharam na estação.

Então a mãe se virou para o velho cavalheiro e disse: "Eu não sei como agradecer por TUDO. Foi um verdadeiro prazer para mim vê-lo. Mas vivemos muito

quietos. Sinto muito em não poder convidá-lo para nos visitar novamente."
As crianças acharam isso muito difícil. Quando HAVIAM feito um amigo — e um amigo daqueles — teriam adorado que ele viesse vê-los novamente.
O que o velho cavalheiro pensou, eles não puderam dizer. Ele apenas disse:
"Considero-me muito afortunado, Senhora, por ter sido recebido em sua casa uma vez."
"Ah," disse a mãe, "eu sei que devo parecer brusca e ingrata, mas —"
"Você nunca poderia parecer outra coisa senão uma senhora encantadora e graciosa," disse o velho cavalheiro, com outra de suas reverências.
E quando eles se viraram para subir a colina, Bobbie viu o rosto da mãe.
"Como você está cansada, mamãe," ela disse; "apoie-se em mim."
"É meu lugar dar o braço à mãe," disse Peter. "Sou o chefe da família quando o pai está fora."
A mãe pegou um braço de cada.
"Que coisa maravilhosa," disse Phyllis, pulando alegremente, "pensar no querido russo abraçando sua esposa há muito perdida. O bebê deve ter crescido muito desde que ele o viu."
"Sim," disse a mãe.
"Será que o pai vai achar que EU cresci?" continuou Phyllis, pulando ainda mais alegremente. "Eu já cresci, não cresci, mãe?"
"Sim," disse a mãe, "oh, sim," e Bobbie e Peter sentiram suas mãos apertarem em seus braços.

"Pobre mamãe, você ESTÁ cansada," disse Peter.
Bobbie disse, "Vamos, Phil; vou correndo com você até o portão."
E ela começou a corrida, embora ela odiasse fazer isso. VOCÊ sabe por que Bobbie fez isso. A mãe só pensou que Bobbie estava cansada de andar devagar. Mesmo as mães, que te amam mais do que qualquer outra pessoa, nem sempre entendem.

Capítulo 8: Os Bombeiros Amadores

"Isso é um brochezinho bem bonito que você está usando, senhorita," disse Perks, o carregador; "Acho que nunca vi algo tão parecido com uma flor de botão-de-ouro sem ser de verdade."
"Sim," disse Bobbie, contente e corada com essa aprovação. "Sempre achei que ele parecia mais com um botão-de-ouro do que até mesmo um de verdade "e NUNCA pensei que seria meu, meu mesmo "e então a mamãe me deu de presente de aniversário."
"Oh, você fez aniversário?" disse Perks; e ele parecia bastante surpreso, como se um aniversário fosse uma coisa concedida apenas a poucos privilegiados.
"Sim," disse Bobbie; "quando é o seu aniversário, Sr. Perks?" As crianças estavam tomando chá com o Sr. Perks na sala dos carregadores entre as lâmpadas e os calendários da ferrovia. Elas trouxeram suas próprias xícaras e alguns pasteis de geleia. Sr. Perks fez chá em

uma lata de cerveja, como de costume, e todos se sentiram muito felizes e confidenciais.
"Meu aniversário?" disse Perks, despejando mais chá escuro da lata na xícara de Peter. "Desisti de comemorar meu aniversário antes de você nascer."
"Mas você deve ter nascido ALGUMA VEZ, sabe," disse Phyllis, pensativa, "mesmo que tenha sido há vinte anos "ou trinta ou sessenta ou setenta."
"Não faz tanto tempo assim, senhorita," Perks sorriu ao responder. "Se você realmente quer saber, foi há trinta e dois anos, no dia quinze deste mês."
"Então por que você não comemora?" perguntou Phyllis.
"Tenho outras coisas para cuidar além de aniversários," disse Perks, sucintamente.
"Oh! O que?" perguntou Phyllis, ansiosa. "Não são segredos?"
"Não," disse Perks, "são as crianças e a patroa."
Foi essa conversa que fez as crianças pensarem e, em seguida, conversarem. Perks era, no geral, o amigo mais querido que tinham feito. Não tão importante quanto o Chefe da Estação, mas mais acessível "menos poderoso que o velho senhor, mas mais íntimo.
"É horrível que ninguém comemore o aniversário dele," disse Bobbie. "Será que NÃO PODEMOS fazer algo?"
"Vamos subir até a ponte do canal e conversar sobre isso," disse Peter. "Recebi uma nova linha de pesca do carteiro esta manhã. Ele me deu por um buquê de rosas que entreguei a ele para sua namorada. Ela está doente."
"Então acho que você poderia ter dado as rosas de graça," disse Bobbie, indignada.

"Mi-mi-mi!" disse Peter, desagradavelmente, e colocou as mãos nos bolsos.
"Ele deu, é claro," disse Phyllis, apressadamente; "diretamente ouvimos que ela estava doente, preparamos as rosas e esperamos no portão. Foi quando você estava fazendo a torrada do café da manhã. E quando ele agradeceu pelas rosas tantas vezes — muito mais do que precisava — ele tirou a linha e deu a Peter. Não foi troca. Foi um coração grato."
"Oh, peço desculpas, Peter," disse Bobbie, "estou muito arrependida."
"Não mencione," disse Peter, grandiosamente, "eu sabia que você iria."
Então todos subiram até a ponte do canal. A ideia era pescar da ponte, mas a linha não era longa o suficiente.
"Não faz mal," disse Bobbie. "Vamos apenas ficar aqui e observar as coisas. Tudo é tão bonito."
E era mesmo. O sol estava se pondo em um esplendor vermelho sobre as colinas cinzentas e roxas, e o canal estava liso e brilhante na sombra "nenhuma ondulação quebrava sua superfície. Era como uma fita de cetim cinza entre a seda verde escura dos prados ao longo de suas margens.
"Está tudo bem," disse Peter, "mas de algum jeito eu sempre consigo ver como as coisas são bonitas muito melhor quando tenho algo para fazer. Vamos descer para o caminho do canal e pescar de lá."
Phyllis e Bobbie lembraram-se de como os meninos nos barcos do canal tinham jogado carvão neles, e disseram isso.

"Oh, bobagem," disse Peter. "Não há nenhum menino aqui agora. Se houvesse, eu lutaria com eles."
As irmãs de Peter foram gentis o suficiente para não lembrá-lo de como ele NÃO tinha lutado com os meninos quando o carvão foi jogado. Em vez disso, disseram: "Certo, então," e desceram cautelosamente a margem íngreme para o caminho do canal. A linha foi cuidadosamente iscada, e por meia hora eles pescaram pacientemente e em vão. Nem uma única mordida veio para nutrir esperança em seus corações.
Todos os olhos estavam fixos nas águas lentas que fingiam fervorosamente nunca ter abrigado um único peixinho, quando um alto e rude grito os fez se sobressaltar.
"Ei!" disse o grito, em tons muito desagradáveis, "saiam daí, não podem?"
Um velho cavalo branco vinha ao longo do caminho do canal a meia dúzia de metros deles. Eles se levantaram rapidamente e subiram correndo a margem.
"Vamos descer de novo quando eles passarem," disse Bobbie.
Mas, infelizmente, a barcaça, à moda das barcaças, parou debaixo da ponte.
"Ela vai ancorar," disse Peter; "é só nossa sorte!"
A barcaça não ancorou, porque uma âncora não faz parte do mobiliário de um barco de canal, mas ela foi amarrada com cordas na frente e atrás — e as cordas foram presas às estacas e a barras de ferro fincadas no chão.
"O que vocês estão encarando?" rosnou o barqueiro, irritado.

"Não estávamos encarando," disse Bobbie; "não seríamos tão rudes."
"Rude é o que você é," disse o homem; "saiam daqui!"
"Saia você," disse Peter. Ele lembrou do que tinha dito sobre lutar com os meninos, e, além disso, sentia-se seguro a meio caminho da margem. "Temos tanto direito aqui quanto qualquer um."
"Oh, TÊM mesmo?" disse o homem. "Vamos ver sobre isso." E ele atravessou seu convés e começou a descer o lado de sua barcaça.
"Oh, saia daí, Peter, saia disso!" disseram Bobbie e Phyllis, em agonizante uníssono.
"Não eu," disse Peter, "mas VOCÊS deviam."
As meninas subiram até o topo da margem e se prepararam para fugir para casa assim que vissem seu irmão fora de perigo. O caminho para casa era todo ladeira abaixo. Elas sabiam que todos corriam bem. O barqueiro não parecia correr. Ele era de rosto vermelho, pesado e corpulento.
Mas assim que seu pé tocou o caminho do canal, as crianças perceberam que tinham julgado mal.
Ele deu um salto até a margem e pegou Peter pela perna, arrastou-o para baixo — colocou-o de pé com um tranco — pegou-o pela orelha — e disse severamente: "Agora, o que você quer dizer com isso? Não sabe que estas águas são preservadas? Você não tem direito de pegar peixe aqui "além de toda sua preciosa audácia."
Peter sempre se orgulhou depois quando se lembrava que, com os furiosos dedos do barqueiro apertando sua orelha, o rosto carmesim do barqueiro perto do seu, o

hálito quente do barqueiro em seu pescoço, ele teve a coragem de dizer a verdade.
"EU NÃO estava pescando," disse Peter.
"Isso não é SUA culpa, aposto," disse o homem, dando um giro na orelha de Peter "não um giro forte "mas ainda assim um giro.
Peter não podia dizer que era. Bobbie e Phyllis tinham se agarrado às grades acima e pulavam de ansiedade. De repente Bobbie escorregou pelas grades e correu pela margem em direção a Peter, tão impetuosamente que Phyllis, seguindo mais comedidamente, teve certeza de que a descida de sua irmã terminaria nas águas do canal. E terminaria se o barqueiro não tivesse soltado a orelha de Peter — e a pegado com seu braço enrolado em um suéter.
"Quem está empurrando?" ele disse, colocando-a de pé.
"Oh," disse Bobbie, sem fôlego, "não estou empurrando ninguém. Pelo menos, não de propósito. Por favor, não fique bravo com Peter. Claro, se é seu canal, sentimos muito e não faremos mais. Mas não sabíamos que era seu."
"Vão embora," disse o barqueiro.
"Sim, vamos; realmente vamos," disse Bobbie, sinceramente; "mas realmente pedimos desculpas "e realmente não pegamos um único peixe. Eu diria diretamente se tivéssemos, palavra de honra que sim."
Ela estendeu as mãos e Phyllis virou seu pequeno bolso vazio para mostrar que realmente não tinham nenhum peixe escondido com eles.
"Bem," disse o barqueiro, mais gentilmente, "sumam então, e não façam mais isso, é só."

As crianças subiram rapidamente a margem.
"Me passa um casaco, M'ria," gritou o homem. E uma mulher de cabelos ruivos com um xale verde tartã saiu da porta da cabine com um bebê nos braços e jogou um casaco para ele. Ele colocou-o, subiu a margem, e saiu vagando pela ponte em direção à vila.
"Você me encontra no 'Rose and Crown' quando tiver colocado o garoto para dormir," ele gritou para ela da ponte.
Quando ele desapareceu de vista, as crianças voltaram lentamente. Peter insistiu nisso.
"O canal pode pertencer a ele," disse ele, "embora eu não acredite que pertença. Mas a ponte é de todos. O Doutor Forrest me disse que é propriedade pública. Não vou ser enxotado da ponte por ele ou por qualquer outra pessoa, pois digo."
A orelha de Peter ainda estava dolorida e seus sentimentos também.
As meninas o seguiram como soldados valentes poderiam seguir o líder de uma esperança perdida.
"Eu gostaria que você não fizesse isso," foi tudo o que disseram.
"Vão para casa se têm medo," disse Peter; "me deixem em paz. EU não tenho medo."
O som dos passos do homem se extinguiu ao longo da estrada tranquila. A paz da noite não foi quebrada pelas notas dos rouxinóis dos juncos ou pela voz da mulher na barca, cantando seu bebê para dormir. Era uma canção triste que ela cantava. Algo sobre Bill Bailey e como ela queria que ele voltasse para casa.

As crianças estavam de braços apoiados no parapeito da ponte; ficaram contentes de ficar quietas por alguns minutos porque os três corações estavam batendo muito mais rápido.
"Não vou ser expulso por nenhum velho barqueiro, não vou," disse Peter.
"Claro que não," Phyllis disse suavemente; "você não cedeu a ele! Então agora poderíamos ir para casa, não acha?"
"Não", disse Peter.
Nada mais foi dito até que a mulher desceu da barcaça, subiu a margem e cruzou a ponte.
Ela hesitou, olhando para as costas das três crianças, depois disse: "Ahem."
Peter ficou como estava, mas as meninas se viraram.
"Vocês não devem dar atenção ao meu Bill", disse a mulher; "ele ladra mais do que morde. Algumas crianças lá de Farley são verdadeiros terrores. Foram eles que o provocaram gritando quem comeu a torta de filhote de cachorro debaixo da ponte de Marlow."
"Quem COME?" perguntou Phyllis.
"Eu não sei", disse a mulher. "Ninguém sabe! Mas, de alguma forma, e eu não sei o motivo, essas palavras são veneno para um mestre de barcaça. Não deem atenção. Ele não estará de volta por pelo menos duas horas. Vocês podem pegar muitos peixes antes disso. A luz está boa também", ela acrescentou.
"Obrigada", disse Bobbie. "Você é muito gentil. Onde está seu bebê?"

"Dormindo na cabine", disse a mulher. "Está tudo bem. Nunca acorda antes das doze. Pontual como relógio de igreja, ele é."
"Desculpe", disse Bobbie; "eu gostaria de vê-lo de perto."
"E mais bonito você nunca viu, senhorita, embora eu diga isso." O rosto da mulher se iluminou enquanto falava.
"Você não tem medo de deixá-lo?" perguntou Peter.
"Deus me livre, não", disse a mulher; "quem machucaria uma coisinha como ele? Além disso, Spot está lá. Até logo!"
A mulher foi embora.
"Vamos para casa?" perguntou Phyllis.
"Vocês podem. Eu vou pescar", disse Peter brevemente.
"Pensei que viéssemos aqui para falar sobre o aniversário do Perks", disse Phyllis.
"O aniversário do Perks pode esperar."
Então eles desceram novamente para o caminho de reboque e Peter foi pescar. Ele não pegou nada.
Estava quase escuro, as meninas estavam ficando cansadas, e como Bobbie disse, já era hora de dormir, quando de repente Phyllis gritou, "O que é isso?"
E ela apontou para a barcaça. Fumaça estava saindo da chaminé da cabine, subindo suavemente no ar da noite—mas agora outras nuvens de fumaça estavam subindo, e essas vinham da porta da cabine.
"Está pegando fogo—é só isso," disse Peter, calmamente. "Bem feito."
"Oh—como VOCÊ PODE?" gritou Phyllis. "Pense no pobre cachorrinho."
"O BEBÊ!" gritou Bobbie.
Em um instante, os três correram em direção à barcaça.

As cordas de amarração estavam frouxas, e a brisa leve, mal suficiente para ser sentida, foi forte o bastante para empurrar a traseira da barcaça contra a margem. Bobbie foi a primeira—aí veio Peter, e foi Peter quem escorregou e caiu. Ele foi parar no canal até o pescoço, e seus pés não sentiam o fundo, mas seu braço estava na borda da barcaça. Phyllis agarrou seu cabelo. Doeu, mas ajudou-o a sair. No minuto seguinte, ele já tinha saltado para a barcaça, com Phyllis logo atrás.

"Não você!" ele gritou para Bobbie; "EU, porque estou molhado."

Ele alcançou Bobbie na porta da cabine, empurrando-a de lado bem rudemente; se estivessem brincando, essa grosseria faria Bobbie chorar de raiva e dor. Agora, embora ele a jogasse contra a beirada do porão, machucando seu joelho e cotovelo, ela apenas gritou:— "Não—você não—EU," e se levantou novamente. Mas não rápido o suficiente.

Peter já tinha descido dois dos degraus da cabine na nuvem de fumaça densa. Ele parou, lembrou de tudo o que já ouvira sobre incêndios, tirou o lenço encharcado do bolso do peito e o amarrou na boca. Enquanto puxava o lenço, disse:—

"Está tudo bem, quase não há fogo."

E isso, embora achasse que fosse mentira, foi algo bom da parte de Peter. Foi para impedir que Bobbie se jogasse atrás dele em perigo. Claro que não funcionou.

A cabine brilhava em um vermelho. Uma lâmpada de querosene queimava calmamente em uma névoa laranja.

"Oi," disse Peter, levantando o lenço da boca por um momento. "Oi, bebê—onde você está?" Ele se engasgou.

"Oh, deixe-ME ir," gritou Bobbie, logo atrás dele. Peter a empurrou mais rudemente do que antes, e continuou. Agora, o que teria acontecido se o bebê não tivesse chorado, eu não sei—mas naquele momento ele CHOROU. Peter seguiu o som através da fumaça escura, encontrou algo pequeno, macio, quente e vivo, pegou e recuou, quase tropeçando em Bobbie que estava logo atrás. Um cachorro mordeu sua perna—tentou latir, engasgou.
"Peguei o garoto," disse Peter, arrancando o lenço e cambaleando até o convés.
Bobbie procurou pelo local de onde vinha o latido, e suas mãos se encontraram nas costas gordas de um cachorro de pelo liso. Ele se virou e cravou os dentes em sua mão, mas muito gentilmente, como quem diz:
"Sou obrigado a latir e morder se estranhos entram na cabine do meu dono, mas sei que você tem boas intenções, então não irei REALMENTE morder."
Bobbie largou o cachorro.
"Tudo bem, companheiro. Bom cachorro", disse ela. "Aqui —me dá o bebê, Peter; você está tão molhado que vai deixá-lo gripado."
Peter ficou mais que feliz em entregar o estranho pacotinho que se remexia e choramingava em seus braços.
"Agora", disse Bobbie, rapidamente, "você corre direto para o 'Rose and Crown' e avisa eles. Phil e eu ficamos aqui com o precioso. Silêncio, então, querido, um pato, uma preciosidade! Corre AGORA, Peter! Corre!"
"Não posso correr nessas coisas", disse Peter, firmemente; "estão pesadas como chumbo. Vou andar."

"Então EU vou correr", disse Bobbie. "Sobe na margem, Phil, que vou te entregar o querido."
O bebê foi cuidadosamente entregue. Phyllis sentou-se na margem e tentou acalmar o bebê. Peter torceu a água das mangas e das pernas do calção o melhor que pôde, e foi Bobbie quem correu como o vento pela ponte e subiu pela longa estrada branca e silenciosa em direção ao 'Rose and Crown.'
Há uma sala antiga e aconchegante no 'Rose and Crown', onde barqueiros e suas esposas se sentam à noite bebendo cerveja e tostando queijo a um cesto de brasas que se projeta na sala sob uma grande chaminé em forma de capuz e é mais quente e bonita e reconfortante do que qualquer outra lareira que já vi. Havia um grupo agradável de pessoas da barcaça em volta do fogo. Talvez você não achasse agradável, mas eles achavam; pois todos eram amigos ou conhecidos, gostavam das mesmas coisas, e falavam o mesmo tipo de conversa. Este é o verdadeiro segredo de uma sociedade agradável. O Barqueiro Bill, que as crianças haviam achado tão desagradável, era considerado uma excelente companhia por seus colegas. Ele estava contando uma história de suas próprias injustiças—sempre um assunto emocionante. Ele estava falando sobre a barcaça dele.
"E ele enviou a mensagem 'pinte o interior dela', sem mencionar cor, viu? Então eu peguei um monte de tinta verde e a pintei de ponta a ponta, e digo que ela parecia ótima. Aí ele aparece e diz, 'Por que você pintou toda de uma cor?' ele diz. E eu digo, digo eu, 'Porque achei que ficaria ótima,' digo eu, 'e ainda acho.' E ele diz, 'AH é? Então pode pagar pela tinta você mesmo,' ele diz. E eu

tive que pagar também." Um murmúrio de simpatia correu pela sala. Irrompendo ruidosamente nele veio Bobbie. Ela abriu a porta batente—gritando sem fôlego:—"Bill! Quero o Barqueiro Bill."

Houve um silêncio estupefato. Canecas de cerveja foram suspensas no ar, paralisadas a caminho de bocas sedentas.

"Oh", disse Bobbie, vendo a esposa do barqueiro e indo em sua direção. "A cabine da sua barcaça está pegando fogo. Vá rápido."

A mulher levantou-se de um salto, e colocou uma grande mão vermelha à cintura, do lado esquerdo, onde seu coração parece estar quando você está com medo ou triste.

"Reginald Horace!" ela gritou em uma voz terrível; "meu Reginald Horace!"

"Tudo bem," disse Bobbie, "se você quer dizer o bebê; tirei ele são e salvo. O cachorro também." Ela não tinha fôlego para mais, exceto, "Anda logo—está pegando fogo."

Então ela afundou no banco do bar e tentou pegar aquele fôlego de alívio após correr o que as pessoas chamam de 'segundo fôlego.' Mas ela sentiu como se nunca fosse respirar novamente.

Bill, o Barqueiro, levantou-se lenta e pesadamente. Mas sua esposa estava cem metros adiante na estrada antes que ele tivesse entendido totalmente o que estava acontecendo.

Phyllis, tremendo à beira do canal, mal ouviu os passos rápidos se aproximando antes que a mulher se jogasse contra a grade, rolasse a margem abaixo e arrancasse o bebê dela.

"Não," disse Phyllis, reprovadoramente; "eu acabei de fazê-lo dormir."
Bill chegou depois, falando em uma língua totalmente desconhecida para as crianças. Ele pulou na barcaça e começou a jogar baldes de água. Peter o ajudou e juntos eles extinguiram o fogo. Phyllis, a mulher do barqueiro, o bebê—e logo Bobbie também—se aconchegaram em um monte na margem.
"Senhor, me ajude, se fui eu que deixei alguma coisa que pudesse pegar fogo," disse a mulher repetidamente. Mas não foi ela. Foi o Bill, o barqueiro, que esvaziou seu cachimbo e a cinza vermelha caiu no tapete da lareira, onde ficou incandescente e por fim começou a pegar fogo. Apesar de ser um homem severo, ele era justo. Ele não culpou sua esposa pelo que foi sua própria falha, como muitos barqueiros, e outros homens também, teriam feito.

* * * * * *

A mãe estava quase louca de preocupação quando finalmente as três crianças apareceram em Três Chaminés, todas muito molhadas agora, pois o Peter parecia ter caído em cima dos outros. Mas, quando ela conseguiu entender a verdade do que havia acontecido a partir do relato confuso e incoerente deles, reconheceu que tinham feito muito bem e que não poderiam ter agido de outra forma. Também não colocou obstáculos ao aceitar o convite cordial com o qual o barqueiro se despediu deles.

"Estejam aqui às sete amanhã," ele disse, "e eu os levarei na viagem inteira até Farley e de volta, e não terão que pagar nada. Dezesseis eclusas!"
Eles não sabiam o que eram eclusas, mas estavam na ponte às sete, com pão e queijo e meio bolo de soda, e quase um quarto de pernil de carneiro em uma cesta. Foi um dia glorioso. O velho cavalo branco puxava as cordas, a barca deslizava suave e firmemente pela água parada. O céu estava azul acima. O Sr. Bill foi tão agradável quanto alguém poderia ser. Ninguém pensaria que ele poderia ser o mesmo homem que segurou Peter pela orelha. Quanto à Sra. Bill, ela sempre foi amável, como Bobbie disse, assim como o bebê, e até o Spot, que poderia tê-los mordido bem feio se quisesse.
"Foi simplesmente incrível, mãe," disse Peter, quando chegaram em casa muito felizes, muito cansados, e muito sujos, "bem ali sobre aquele glorioso aqueduto. E as eclusas - você não sabe como são. Você afunda no chão e então, quando sente que nunca vai parar de descer, duas grandes portas pretas abrem lentamente, devagar - você sai, e lá está no canal, exatamente como estava antes."
"Eu sei," disse a mãe, "há eclusas no Tâmisa. Seu pai e eu costumávamos navegar no rio em Marlow antes de casarmos."
"E o querido, adorável, encantador bebê," disse Bobbie; "me deixou cuidar dele por eras e eras - e foi tão bonzinho. Mãe, eu queria que tivéssemos um bebê para brincar."
"E todo mundo foi tão legal conosco," disse Phyllis, "todo mundo que encontramos. E eles dizem que podemos

pescar sempre que quisermos. E Bill vai nos mostrar o caminho na próxima vez que estiver por aqui. Ele diz que nós realmente não sabemos."
"Ele disse que VOCÊ não sabia," disse Peter; "mas, mãe, ele disse que contaria a todos os barqueiros do canal que nós éramos do tipo certo e que eles deveriam nos tratar como bons amigos."
"Então eu disse," Phyllis interrompeu, "que sempre usaríamos uma fita vermelha quando fôssemos pescar no canal, para que soubessem que éramos NÓS, e que éramos do tipo certo, e fossem legais conosco!"
"Então vocês fizeram outro grupo de amigos," disse a mãe; "primeiro a ferrovia e agora o canal!"
"Oh, sim," disse Bobbie; "acho que todo mundo no mundo é amigo se você conseguir que vejam que não quer ser inimigo."
"Talvez você esteja certa," disse a mãe; e suspirou. "Vamos, crianças. É hora de dormir."
"Sim," disse Phyllis. "Ah, céus - e nós subimos lá para falar sobre o que faríamos para o aniversário do Perks. E não conversamos uma única coisa sobre isso!"
"Também não o fizemos," disse Bobbie; "mas Peter salvou a vida do Reginald Horace. Acho que isso é suficiente para uma noite."
"Bobbie teria salvo ele se eu não a tivesse derrubado; duas vezes eu fiz isso," disse Peter, lealmente.
"Eu também teria," disse Phyllis, "se eu soubesse o que fazer."
"Sim," disse a mãe, "vocês salvaram a vida de uma criança. Eu realmente acho que isso é o suficiente para

uma noite. Oh, meus queridos, graças a Deus vocês estão todos seguros!"

Capítulo 9: O Orgulho de Perks

Era hora do café da manhã. O rosto da Mãe estava muito radiante enquanto ela servia o leite e distribuía o mingau.

"Vendi outra história, meus queridos," ela disse; "aquela sobre o Rei dos Mexilhões, então teremos pãezinhos para o chá. Vocês podem ir buscá-los assim que estiverem assados. Por volta das onze, não é?"

Peter, Phyllis e Bobbie trocaram olhares entre si, seis olhares ao todo. Então Bobbie disse:

"Mãe, você se importaria se a gente não tivesse os pãezinhos para o chá hoje à noite, mas no dia quinze? É na próxima quinta-feira."

"Eu não me importo quando vocês os tiverem, querida," disse a Mãe, "mas por quê?"

"Porque é o aniversário do Perks," disse Bobbie; "ele está fazendo trinta e dois anos, e diz que não comemora mais seu aniversário, porque tem outras coisas a manter — não coelhos ou segredos — mas os filhos e a esposa."

"Você quer dizer a esposa e os filhos dele," disse a Mãe.

"Sim," disse Phyllis; "é a mesma coisa, não é?"

"E nós pensamos em fazer um bom aniversário para ele. Ele tem sido muito legal conosco, sabe, Mãe," disse Peter, "e concordamos que quando chegasse o nosso 'dia do pão', pediríamos a você se poderíamos fazer isso."

"Mas e se não houvesse um 'dia do pão' antes do dia quinze?" disse a Mãe.
"Oh, então, queríamos pedir para você nos deixar antecipar, e ficar sem quando o dia do pão chegasse."
"Antecipar," disse a Mãe. "Entendo. Certamente. Seria bom colocar o nome dele nos pãezinhos com açúcar rosa, não seria?"
"Perks," disse Peter, "não é um nome bonito."
"O outro nome dele é Albert," disse Phyllis; "perguntei a ele uma vez."
"Poderíamos colocar A. P.," disse a Mãe; "vou mostrar a vocês como fazer quando o dia chegar."
Isso estava tudo muito bem até certo ponto. Mas, mesmo quatorze pãezinhos de meio penny com as iniciais A. P. em açúcar rosa não fazem por si só uma grande celebração.
"Sempre há flores, é claro," disse Bobbie, mais tarde, quando um conselho sério estava sendo realizado sobre o assunto no celeiro onde estava a máquina de cortar palha quebrada e a fileira de buracos para soltar o feno nos cochos das cavalariças abaixo.
"Ele tem muitas flores próprias," disse Peter.
"Mas sempre é bom recebê-las," disse Bobbie, "por mais que você já tenha as suas próprias. Podemos usar flores para decorar o aniversário. Mas deve haver algo para decorar além de pãezinhos."
"Vamos todos ficar em silêncio e pensar," disse Phyllis; "ninguém deve falar até que pense em algo."
Assim todos ficaram quietos e tão imóveis que um rato marrom pensou que não havia ninguém no celeiro e saiu muito ousadamente. Quando Bobbie espirrou, o rato ficou

muito espantado e saiu depressa, pois viu que um celeiro onde tais coisas podiam acontecer não era lugar para um respeitável rato de meia-idade que gostava de uma vida tranquila.
"Viva!" gritou Peter, de repente, "eu tive uma ideia." Ele se levantou e chutou o feno solto.
"O que?" disseram os outros, ansiosos.
"Bem, o Perks é tão legal com todo mundo. Deve haver muitas pessoas na vila que gostariam de ajudar a fazer um aniversário para ele. Vamos dar uma volta e perguntar a todos."
"A Mãe disse que não deveríamos pedir coisas às pessoas," disse Bobbie, duvidosa.
"Para nós mesmos, ela quis dizer, boba, não para outras pessoas. Vou pedir para o velho senhor também. Vocês vão ver," disse Peter.
"Vamos pedir à Mãe primeiro," disse Bobbie.
"Oh, qual é a utilidade de incomodar a mãe com cada pequena coisa?" disse Peter, "especialmente quando ela está ocupada. Vamos lá. Vamos descer para a vila agora e começar."
Então eles foram. A senhora idosa dos Correios disse que não via por que Perks deveria ter um aniversário mais do que qualquer outra pessoa.
"Não," disse Bobbie, "eu gostaria que todos tivessem um. Só que sabemos quando é o dele."
"O meu é amanhã," disse a velha senhora, "e pouco aviso alguém vai tomar. Vão embora vocês."
Então eles foram.
E algumas pessoas foram gentis, e algumas foram rabugentas. E algumas dariam e outras não. É um

trabalho bastante difícil pedir coisas, mesmo para outras pessoas, como você, sem dúvida, descobriu se já tentou isso.

Quando as crianças chegaram em casa e contaram o que foi dado e o que foi prometido, sentiram que, para o primeiro dia, não estava tão ruim. Peter anotou as listas das coisas no pequeno caderninho onde guardava os números de suas locomotivas. Estas eram as listas:

DADOS.

Um cachimbo de tabaco da loja de doces.

Meio quilo de chá do armazém.

Um cachecol de lã ligeiramente desbotado da loja de tecidos,

que ficava do outro lado do armazém.

Um esquilo empalhado do Doutor.

PROMETIDOS.

Um pedaço de carne do açougueiro.

Seis ovos frescos da mulher que morava na antiga casa do pedágio.

Um favo de mel e seis cadarços do sapateiro, e uma

pá de ferro do ferreiro.

Muito cedo na manhã seguinte, Bobbie se levantou e acordou Phyllis. Isso havia sido combinado entre elas. Elas não contaram a Peter porque pensaram que ele acharia bobo. Mas contaram a ele depois, quando tudo deu certo.

Elas cortaram um grande buquê de rosas, e colocaram em uma cesta com o livro de costura que Phyllis havia feito para Bobbie em seu aniversário e uma gravata azul muito bonita de Phyllis. Então escreveram em um papel:

'Para a Sra. Ransome, com nosso maior carinho, porque é seu aniversário', e colocaram o papel na cesta, e levaram aos Correios, e entraram e colocaram no balcão e saíram correndo antes que a velha senhora dos Correios tivesse tempo de chegar na loja.
Quando voltaram para casa, Peter tinha se tornado confidente enquanto ajudava a Mãe a preparar o café da manhã e contou a ela seus planos.
"Não há mal nisso," disse a Mãe, "mas depende COMO vocês fazem. Eu só espero que ele não fique ofendido e ache que é CARIDADE. Pessoas pobres são muito orgulhosas, sabe."
"Não é porque ele é pobre," disse Phyllis; "é porque nós gostamos dele."
"Vou encontrar algumas coisas que Phyllis não usa mais," disse a Mãe, "se vocês tiverem certeza de que podem dá-las a ele sem que ele se sinta ofendido. Eu gostaria de fazer alguma coisinha por ele porque ele tem sido tão gentil com vocês. Não posso fazer muito porque nós mesmos somos pobres. O que você está escrevendo, Bobbie?"
"Nada em particular," disse Bobbie, que tinha começado de repente a rabiscar. "Tenho certeza de que ele gostaria das coisas, Mãe."
A manhã do dia quinze foi passada muito alegremente ao buscar os pãezinhos e ver a Mãe colocar A. P. neles com açúcar rosa.
Vocês sabem como é feito, é claro? Você bate claras de ovo e mistura açúcar em pó, e coloca algumas gotas de corante. E então faz um cone de papel branco limpo com um pequeno buraco na ponta, e coloca o açúcar de ovo

rosa na parte grande. Ele escorre lentamente pela ponta e você escreve as letras com ele, como se fosse uma caneta grande cheia de tinta de açúcar rosa.
Os pãezinhos ficaram lindos com A. P. em cada um, e, quando foram colocados em um forno frio para o açúcar endurecer, as crianças foram à vila recolher o mel e a pá e as outras coisas prometidas.
A velha senhora dos Correios estava na sua porta. As crianças disseram "Bom dia," educadamente, ao passarem.
"Aqui, esperem um pouco," disse ela.
Então elas pararam.
"Aquelas rosas," disse ela.
"Você gostou delas?" disse Phyllis; "elas estavam fresquinhas. Eu fiz o livro de costura, mas foi presente da Bobbie." Ela pulava alegremente enquanto falava.
"Aqui está sua cesta," disse a mulher dos Correios. Ela entrou e trouxe a cesta. Estava cheia de groselhas vermelhas e gordas.
"Imagino que as crianças do Perks gostariam delas," disse ela.
"VOCÊ é um doce de pessoa," disse Phyllis, jogando seus braços ao redor da gorda cintura da velha senhora. "Perks VAI ficar contente."
"Ele não ficará metade tão contente quanto eu fiquei com seu livro de costura e a gravata e as flores bonitas e tudo," disse a velha senhora, dando tapinhas no ombro de Phyllis. "Vocês são almas boas, sim são. Olhem aqui. Tenho um carrinho de bebê lá nos fundos da casa de madeira. Foi comprado para o primeiro da minha Emmie, que não viveu mais de seis meses, e ela nunca teve

outro. Gostaria que a Sra. Perks o tivesse. Seria uma ajuda para ela com aquele grande menino dela. Vocês querem levar isso também?"
"OH!" disseram todas as crianças juntas.
Quando a Sra. Ransome tirou o carrinho de bebê e retirou os papéis cuidadosos que o cobriam, e o limpou por completo, ela disse:
"Bem, aí está. Eu não saberia dizer, mas acho que já teria dado isso para ela antes se tivesse pensado nisso. Só que não sabia exatamente se ela aceitaria de mim. Vocês digam a ela que era o carrinho do pequeno da minha Emmie—"
"Oh, NÃO é adorável pensar que vai ter um bebê de verdade nele de novo!"
"Sim," disse a Sra. Ransome, suspirando e depois rindo; "aqui, vou dar a vocês algumas pastilhas de hortelã para os pequenos, e então vocês saiam antes que eu dê a vocês o telhado da minha cabeça e as roupas do meu corpo."
Todos os itens coletados para Perks foram colocados no carrinho de bebê, e às três e meia Peter, Bobbie e Phyllis o levaram até a pequena casa amarela onde Perks morava.
A casa estava muito arrumada. No parapeito da janela havia um jarro de flores silvestres, grandes margaridas, e azedos vermelhos, e gramíneas floridas e plumas. Havia um som de splashes vindo do lavatório, e um garoto parcialmente lavado colocou a cabeça na porta.
"A mamãe está se trocando," ele disse.
"Já desço," uma voz soou pela estreita escada recém-lavada. As crianças esperaram. No momento seguinte, a

escada rangeu e a Sra. Perks desceu, abotoando seu corpete. Seu cabelo estava muito bem penteado e apertado, e seu rosto brilhava de tanto sabão e água.
"Estou um pouco atrasada para me trocar, senhorita," disse ela a Bobbie, "por causa de uma limpeza extra hoje, já que o Perks lembrou que hoje é seu aniversário. Não sei o que o levou a pensar em uma coisa dessas. Nós comemoramos os aniversários das crianças, é claro; mas ele e eu—somos muito velhos para essas coisas, geralmente."
"Nós sabíamos que hoje era o aniversário dele," disse Peter, "e temos alguns presentes para ele lá fora, no carrinho de bebê."
Enquanto os presentes eram desempacotados, a Sra. Perks ficou boquiaberta. Quando estavam todos desempacotados, ela surpreendeu e horrorizou as crianças ao sentar-se repentinamente em uma cadeira de madeira e começar a chorar.
"Oh, não!" disseram todos; "oh, por favor, não chore!" E Peter acrescentou, talvez um pouco impacientemente: "O que está acontecendo? Você não quer dizer que não gostou, né?"
A Sra. Perks apenas soluçava. As crianças Perks, agora com os rostos tão brilhantes quanto se poderia desejar, estavam na porta da lavanderia, olhando com raiva para os intrusos. Houve um silêncio, um silêncio constrangedor.
"Você NÃO gostou?" disse Peter novamente, enquanto suas irmãs davam tapinhas nas costas da Sra. Perks.
Ela parou de chorar tão de repente quanto havia começado.

"Pronto, pronto, não se preocupe comigo. EU estou bem!" ela disse. "Gostar? Ora, é um aniversário como o Perks nunca teve, nem mesmo quando era menino e ficava com seu tio, que tinha sua própria loja de cereais. Ele faliu depois. Gostar? Oh—" e então ela continuou dizendo todo tipo de coisa que eu não vou escrever, porque tenho certeza de que Peter, Bobbie e Phyllis não gostariam que eu dissesse. Seus ouvidos ficaram cada vez mais quentes, e seus rostos cada vez mais vermelhos, com as coisas gentis que a Sra. Perks disse. Eles sentiram que não tinham feito nada para merecer tanto elogio. Finalmente Peter disse: "Olhe, estamos felizes que você esteja contente. Mas se continuar dizendo coisas assim, teremos que ir embora. E queríamos ficar e ver se o Sr. Perks também ficará contente. Mas não aguentamos isso."

"Eu não direi mais uma palavra," disse a Sra. Perks, com um rosto radiante, "mas isso não precisa me impedir de pensar, precisa? Pois se algum dia—"

"Podemos pegar um prato para os bolos?" Bobbie perguntou abruptamente. E então a Sra. Perks apressadamente arrumou a mesa para o chá, e os bolos e o mel e as groselhas foram colocados em pratos, e as rosas foram colocadas em dois potes de vidro, e a mesa de chá parecia, como disse a Sra. Perks, "digna de um príncipe."

"Imaginem!" ela disse, "eu limpei o lugar mais cedo, e os pequenos pegaram as flores silvestres e tudo—quando nunca pensei que haveria algo mais para ele além de seu fumo predileto que comprei no sábado e estive

guardando para ele desde então. Que benção! Ele ESTÁ adiantado!"
De fato, Perks já havia destrancado o portão da pequena entrada da frente.
"Oh," sussurrou Bobbie, "vamos nos esconder na cozinha dos fundos, e VOCÊ conta a ele sobre isso. Mas dê-lhe o tabaco primeiro, porque você comprou para ele. E quando você tiver contado, nós todos entraremos e gritaremos, 'Feliz aniversário!'"
Era um plano muito bom, mas não saiu exatamente como o planejado. Para começar, havia apenas tempo suficiente para Peter, Bobbie e Phyllis correrem para a lavanderia, empurrando as crianças Perks de boca aberta à sua frente. Não houve tempo de fechar a porta, de modo que, sem querer, tiveram que ouvir o que acontecia na cozinha. A lavanderia estava apertada para as crianças Perks e as crianças do Três Chaminés, além de toda a mobília própria da lavanderia, incluindo o espremedor e o caldeirão.
"Oi, querida!" eles ouviram a voz do Sr. Perks dizer; "olha só esse brinde!"
"É o seu chá de aniversário, Bert," disse a Sra. Perks, "e aqui está seu fumo predileto. Eu comprei no sábado, já que você lembrou que hoje era seu aniversário."
"Boa garota!" disse o Sr. Perks, e ouviu-se o som de um beijo.
"Mas o que esse carrinho de bebê está fazendo aqui? E o que são todos esses pacotes? E onde você conseguiu as guloseimas, e—"

As crianças não ouviram o que a Sra. Perks respondeu, porque nesse momento Bobbie se assustou, colocou a mão no bolso, e todo seu corpo se enrijeceu de horror.
"Oh!" ela sussurrou para os outros, "o que vamos fazer? Eu esqueci de colocar as etiquetas em qualquer uma das coisas! Ele não saberá o que vem de quem. Ele vai pensar que é tudo NOSSO, e que estamos tentando ser importantes ou caridosos ou algo horrível."
"Shh!" disse Peter.
E então eles ouviram a voz do Sr. Perks, alta e bastante irritada.
"Eu não me importo," ele disse; "não vou tolerar isso, e vou te dizer direto."
"Mas," disse a Sra. Perks, "são aquelas crianças de quem você fala tanto—as crianças do Três Chaminés."
"Eu não me importo," disse Perks, firmemente, "nem se fosse um anjo do Céu. Nós nos viramos bem todos esses anos e nunca pedimos favores. Não vou começar essa história de caridade nesta fase da vida, então nem pense nisso, Nell."
"Oh, cala a boca!" disse a pobre Sra. Perks; "Bert, cala essa língua tola, pelo amor de Deus. Os três estão na lavanderia ouvindo cada palavra que você diz."
"Então eu vou dar a eles algo para ouvir," disse o irritado Perks; "eu já falei o que penso para eles antes, e farei isso de novo," ele acrescentou, e deu dois passos até a porta da lavanderia, e a abriu com força—tão aberta quanto pôde, com as crianças espremidas atrás dela.
"Saíam," disse Perks, "saíam e me digam o que querem dizer com isso. Alguma vez eu reclamei com vocês de

estar passando necessidade, para que vocês venham com essa de caridade?"
"OH!" disse Phyllis, "eu pensei que você ia gostar tanto; eu nunca mais tentarei ser gentil com ninguém pelo resto da minha vida. Não, eu não vou, nunca."
Ela começou a chorar.
"Não tínhamos intenção de incomodá-lo," disse Peter.
"Não é tanto o que vocês querem dizer, mas o que vocês FAZEM," disse Perks.
"Oh, NÃO DIZ!" exclamou Bobbie, tentando ser mais corajosa que Phyllis, e encontrar mais palavras do que Peter encontrou para explicar. "Nós achamos que você ia adorar. Nós sempre temos coisas nos nossos aniversários."
"Oh, sim," disse Perks, "seus próprios parentes; isso é diferente."
"Oh, não," Bobbie respondeu. "NÃO são nossos próprios parentes. Todos os empregados nos davam coisas em casa, e nós dávamos a eles quando era o aniversário deles. E quando foi o meu, e a mamãe me deu o broche como uma botões-de-ouro, a Sra. Viney me deu dois belos potes de vidro, e ninguém pensou que ela estava fazendo caridade conosco."
"Se fossem potes de vidro aqui," disse Perks, "eu não teria dito tanto. É esse monte de coisas que eu não suporto. Não—não vou, mesmo."
"Mas não são todas de nós—" disse Peter, "só que esquecemos de colocar os rótulos. São de todos os tipos de pessoas da vila."
"Quem os deu a ideia, eu gostaria de saber?" perguntou Perks.

"Nós," fungou Phyllis.
Perks se sentou pesadamente na cadeira de braço e olhou para eles com o que Bobbie depois descreveu como olhares desanimadores de desespero sombrio.
"Então vocês andaram dizendo aos vizinhos que não conseguimos nos sustentar? Bem, agora que vocês nos envergonharam o máximo que podem na vizinhança, podem simplesmente levar de volta toda essa tralha para onde veio. Muito obrigado, tenho certeza. Não duvido que vocês tiveram boas intenções, mas eu preferiria não ter mais conhecimento de vocês, se não se importarem."
Ele deliberadamente virou a cadeira de costas para as crianças. As pernas da cadeira rangeram no chão de tijolos, e esse foi o único som que rompeu o silêncio.
Então, de repente, Bobbie falou.
"Olhe aqui", ela disse, "isso é terrível."
"É o que eu digo", disse o Perks, sem se virar.
"Olha aqui", disse Bobbie, desesperadamente, "nós vamos embora se você quiser—e você não precisa ser amigo da gente mais se não quiser, mas—"
"NÓS sempre seremos amigos de VOCÊ, por mais malvado que você seja com a gente", fungou Phyllis, desesperadamente.
"Fique quieta", disse Peter, num sussurro feroz.
"Mas antes de irmos", Bobbie continuou desesperada, "deixe a gente te mostrar as etiquetas que escrevemos para colocar nas coisas."
"Eu não quero ver nenhuma etiqueta", disse Perks, "exceto as etiquetas de bagagem adequadas no meu próprio caminhar de vida. Você acha que me mantive

respeitável e sem dívidas com o que ganho, e ela tendo que pegar roupa para lavar, para virar motivo de risada para todos os vizinhos?"
"Rir?" disse Peter; "você não sabe."
"Você é um cavalheiro muito precipitado", choramingou Phyllis; "você sabe que estava errado uma vez antes, sobre a gente não te contar o segredo sobre o russo. Deixe a Bobbie te contar sobre as etiquetas!"
"Bem. Vá em frente!" disse Perks, a contragosto.
"Bem, então", disse Bobbie, mexendo miseravelmente, mas não sem esperança, no bolso cheio, "escrevemos tudo o que todo mundo disse quando nos deram as coisas, com os nomes das pessoas, porque Mãe disse que deveríamos ter cuidado—porque—mas eu escrevi o que ela disse—e você vai ver."
Mas Bobbie não conseguiu ler as etiquetas logo de imediato. Ela teve que engolir uma ou duas vezes antes de começar.
A Sra. Perks estava chorando constantemente desde que seu marido abriu a porta da lavanderia. Agora ela prendeu a respiração, engasgada, e disse:
"Não fique chateada, mocinha. Eu sei que você fez por bondade, mesmo que ele não entenda."
"Posso ler as etiquetas?" perguntou Bobbie, chorando nos papeizinhos enquanto tentava organizá-los. "Primeiro a da mamãe. Diz:
"'Roupinhas para os filhos da Sra. Perks.' Mãe disse, 'Vou encontrar algumas coisas da Phyllis das quais ela já cresceu se você tiver certeza de que o Sr. Perks não ficaria ofendido e achasse que é esmola. Eu gostaria de fazer alguma coisinha por ele, porque ele é tão gentil

com vocês. Não posso fazer muito porque somos pobres também.'"
Bobbie parou.
"Está tudo bem", disse Perks, "sua mãe é uma verdadeira dama. Vamos ficar com os vestidinhos e tudo mais, Nell."
"Então há o carrinho de bebê, as groselhas e os doces", disse Bobbie, "são da Sra. Ransome. Ela disse: 'Acho que os filhos do Sr. Perks gostariam dos doces. E o carrinho de bebê foi comprado para o primeiro da minha Emmie—não viveu mais que seis meses, e ela nunca teve mais de um. Gostaria que a Sra. Perks ficasse com ele. Seria uma ajuda com o menino dela. Eu teria dado antes se tivesse certeza de que ela aceitaria de mim.' Ela me disse para te contar", Bobbie acrescentou, "que era o carrinho do bebê da Emmie."
"Não posso devolver esse carrinho, Bert", disse a Sra. Perks, firmemente, "e não vou. Então não me peça—"
"Eu não estou pedindo nada", disse Perks, grunhindo.
"Então a pá", disse Bobbie. "O Sr. James fez para você pessoalmente. E ele disse—onde está? Ah, sim, aqui! Ele disse, 'Diga ao Sr. Perks que é um prazer fazer uma coisinha para um homem tão respeitado', e então ele disse que gostaria de poder ferrar seus filhos e os filhos dele, como fazem com os cavalos, porque, bem, ele sabia o que era couro de sapato."
"James é um cara bem decente", disse Perks.
"Então o mel", disse Bobbie, rapidamente, "e os cadarços. ELE disse que respeitava um homem que pagava suas contas—e o açougueiro disse a mesma coisa. E a velha senhora do pedágio disse que muitas vezes

você lhe ajudou no jardim quando era jovem—e coisas assim nos retornam—eu não sei o que ela quis dizer. E todo mundo que deu alguma coisa disse que gostava de você, e que nossa ideia foi muito boa; e ninguém disse nada sobre caridade ou nada horrível assim. E o velho cavalheiro deu uma libra de ouro para o Peter para você, e disse que você era um homem que conhecia seu trabalho. E eu pensei que você adoraria saber como as pessoas gostam de você, e eu nunca fui tão infeliz na minha vida. Adeus. Espero que você nos perdoe algum dia—"

Ela não conseguiu dizer mais nada, e se virou para ir embora.

"Pare", disse Perks, ainda de costas para eles; "retiro tudo o que disse em contrário ao que vocês desejariam. Nell, ponha a chaleira no fogo."

"Vamos levar as coisas embora se você estiver chateado com elas", disse Peter; "mas acho que todo mundo vai ficar muito decepcionado, além de nós."

"Eu não estou chateado com elas", disse Perks; "não sei", acrescentou, de repente girando a cadeira e mostrando um rosto muito estranho e apertado, "não sei se algum dia fiquei mais satisfeito. Não tanto com os presentes—embora sejam uma coleção de primeira—mas com o respeito gentil dos nossos vizinhos. Isso vale a pena ter, hein, Nell?"

"Acho que tudo isso vale a pena", disse a Sra. Perks, "e você fez um alvoroço mais ridículo por nada, Bert, se quer saber."

"Não, não fiz", disse Perks, firmemente; "se um homem não se respeita, ninguém faria isso por ele."

"Mas todo mundo te respeita", disse Bobbie; "todos disseram isso."
"Eu sabia que você ia gostar quando realmente entendesse", disse Phyllis, animadamente.
"Humph! Vocês ficam para o chá?" disse o Sr. Perks.
Mais tarde, Peter propôs um brinde à saúde do Sr. Perks. E o Sr. Perks propôs um brinde, também honrado com chá, e o brinde foi: "Que a grinalda da amizade esteja sempre verde", que foi muito mais poético do que alguém esperava dele.
"Boas crianças, essas", disse o Sr. Perks à sua esposa enquanto iam para a cama.
"Oh, eles são bons, abençoados sejam seus corações", disse sua esposa; "é você que é a coisa mais irritante que já existiu. Eu fiquei com vergonha de você—te digo —"
"Você não precisava, querida. Desci do salto assim que entendi que não era caridade. Mas caridade é algo que eu nunca suportei, e nem suportarei."
Todos os tipos de pessoas ficaram felizes com aquela festa de aniversário. O Sr. Perks e a Sra. Perks e os pequenos Perks por todas as coisas legais e pelos pensamentos gentis dos seus vizinhos; as crianças da Três Chaminés pelo sucesso, indubitável embora inesperadamente atrasado, de seu plano; e a Sra. Ransome toda vez que via o bebê gordinho dos Perks no carrinho de bebê. A Sra. Perks fez uma verdadeira rodada de visitas para agradecer às pessoas pelos gentis presentes de aniversário, e após cada visita sentia que tinha um amigo melhor do que pensava.

"Sim", disse Perks, pensativo, "não é tanto o que você faz, mas o que você quer dizer; é o que eu digo. Agora se fosse caridade—"
"Ah, dane-se a caridade", disse a Sra. Perks; "ninguém vai te oferecer caridade, Bert, por mais que você precise, aposto. Aquilo foi só amizade, foi."
Quando o pastor visitou a Sra. Perks, ela lhe contou tudo sobre isso. "Foi amizade, não foi, senhor?" disse ela.
"Acho", disse o pastor, "que foi o que às vezes chamamos de amor e bondade."
Então, você vê, tudo acabou bem no final. Mas se alguém faz esse tipo de coisa, precisa ter cuidado para fazer do jeito certo. Pois, como disse o Sr. Perks, quando teve tempo de pensar, não é tanto o que você faz, mas o que você quer dizer.

Capítulo 10: Um Terrível Segredo

Quando eles foram morar na casa chamada "Três Chaminés", as crianças falavam muito sobre o pai, e faziam várias perguntas sobre ele: o que ele estava fazendo, onde ele estava e quando ele voltaria para casa. A mãe sempre respondia às perguntas o melhor que podia. Mas com o passar do tempo, eles passaram a falar menos dele. Bobbie percebeu, quase desde o início, que por algum motivo triste, essas perguntas machucavam a mãe e a deixavam triste. E, pouco a pouco, os outros também começaram a ter essa

sensação, embora não soubessem expressá-la em palavras.
Um dia, quando a mãe estava tão ocupada que não podia parar nem por dez minutos, Bobbie levou o chá dela para o grande quarto vazio que chamavam de oficina da mãe. Quase não tinha móveis, apenas uma mesa, uma cadeira e um tapete. Mas sempre vasos grandes de flores nos peitoris das janelas e na lareira. As crianças cuidavam disso. E das três longas janelas sem cortinas, podia-se ver a bela extensão do prado e do charneca, o distante violeta das colinas e a inconstância constante das nuvens e do céu.
"Aqui está seu chá, querida mãe", disse Bobbie; "beba enquanto está quente."
A mãe pousou a caneta entre as páginas espalhadas sobre a mesa, páginas cobertas com sua escrita, que era quase tão clara quanto impressão, e muito mais bonita. Ela passou as mãos pelo cabelo, como se estivesse prestes a arrancá-lo aos punhados.
"Oh, pobre e querida cabeça", disse Bobbie, "está doendo?"
"Não—sim—não muito," disse a mãe. "Bobbie, você acha que Peter e Phil estão se ESQUECENDO do pai?"
"NÃO," disse Bobbie, indignada. "Por quê?"
"Nenhum de vocês fala mais dele agora."
Bobbie ficou primeiro em uma perna, depois na outra.
"Conversamos sobre ele quando estamos sozinhos," ela disse.
"Mas não comigo," disse a mãe. "Por quê?"
Bobbie não achou fácil dizer por quê.

"Eu—você—" ela começou e parou. Ela foi até a janela e olhou para fora.
"Bobbie, venha aqui," disse a mãe, e Bobbie foi.
"Agora," disse a mãe, envolvendo o braço em volta de Bobbie e deitando sua cabeça despenteada contra o ombro de Bobbie, "tente me contar, querida."
Bobbie se mexeu inquieta.
"Conte para a mamãe."
"Bem então," disse Bobbie, "eu pensei que você estava tão infeliz com o papai não estando aqui, que isso fazia você pior quando eu falava dele. Então parei de fazer isso."
"E os outros?"
"Não sei sobre os outros," disse Bobbie. "Nunca disse nada sobre ISSO para eles. Mas acho que sentiram o mesmo que eu."
"Querida Bobbie," disse a mãe, ainda encostada nela, "eu vou te contar. Além de estar separada do pai, ele e eu tivemos uma grande tristeza—oh, terrível—pior do que qualquer coisa que você possa imaginar, e no começo doía ouvir vocês todos falando dele como se tudo fosse igual. Mas seria muito mais terrível se vocês o esquecessem. Isso seria pior que qualquer coisa."
"O problema," disse Bobbie, em uma voz muito baixa—"prometi que nunca faria perguntas, e nunca fiz, fiz? Mas—esse problema—não vai durar para sempre?"
"Não," disse a mãe, "o pior vai passar quando o pai voltar para nós."
"Eu queria poder te confortar," disse Bobbie.
"Oh, minha querida, você acha que não pode? Você pensa que não percebo o quanto vocês têm sido bons,

não brigando tanto quanto costumavam—e todas as pequenas gentilezas que fazem por mim—as flores, limpando meus sapatos, e correndo para fazer minha cama antes que eu tenha tempo de fazê-la sozinha?"
Bobbie ÀS VEZES se perguntava se a mãe notava essas coisas.
"Isso não é nada," ela disse, "comparado com o—"
"EU PRECISO continuar com meu trabalho," disse a mãe, dando a Bobbie um último abraço. "Não diga nada aos outros."
Naquela noite, na hora antes de dormir, em vez de ler para as crianças, a mãe contou histórias sobre os jogos que ela e o pai costumavam jogar quando eram crianças e moravam perto um do outro no campo—histórias das aventuras do pai com os irmãos da mãe quando todos eram meninos juntos. Eram histórias muito engraçadas, e as crianças riram enquanto escutavam.
"Tio Edward morreu antes de crescer, não foi?" disse Phyllis, enquanto a mãe acendia as velas do quarto.
"Sim, querida," disse a mãe, "você teria adorado ele. Ele era um menino tão corajoso, e tão aventureiro. Sempre aprontando, e ainda assim amigo de todos, apesar disso. E seu tio Reggie está no Ceilão—quanto ao pai, ele também está longe. Mas acho que eles gostariam de saber que aproveitamos ao falar sobre as coisas que costumavam fazer. Você não acha?"
"Não o tio Edward," disse Phyllis, em um tom chocado; "ele está no céu."
"Você não acha que ele nos esqueceu e de todos os bons tempos, porque Deus o levou, mais do que eu

esqueço dele. Oh, não, ele lembra. Ele só vai ficar longe por um tempinho. Vamos vê-lo algum dia."
"E o tio Reggie—e o pai também?" disse Peter.
"Sim," disse a mãe. "O tio Reggie e o pai também. Boa noite, meus queridos."
"Boa noite," disseram todos. Bobbie abraçou a mãe mais forte do que o normal e sussurrou em seu ouvido: "Oh, como eu te amo, mamãe—eu amo—amo mesmo—"
Quando Bobbie veio pensar sobre tudo isso, ela tentou não se perguntar qual era o grande problema. Mas nem sempre conseguia evitar. O pai não estava morto—como o pobre tio Edward—a mãe já tinha dito isso. E ele não estava doente, senão a mãe estaria com ele. A pobreza não era o problema. Bobbie sabia que era algo mais próximo do coração do que dinheiro poderia ser.
"Eu não devo tentar imaginar o que é," ela disse para si mesma; "não, não devo. Eu estou feliz que a mãe notou que não brigamos tanto. Vamos continuar assim."
E, infelizmente, naquela mesma tarde ela e Peter tiveram o que Peter chamou de "uma baita briga."
Eles não estavam há uma semana em Três Chaminés quando pediram à mãe para deixar que cada um tivesse um pedacinho de jardim próprio, e ela concordou, e a borda sul debaixo dos pessegueiros foi dividida em três partes e eles puderam plantar o que quisessem lá. Phyllis plantou miosótis, capuchinhas e flox-de-dama no dela. As sementes cresceram, e embora parecessem apenas ervas daninhas, Phyllis acreditava que um dia dariam flores. O flox-de-dama justificou sua fé bem rápido, e seu jardim ficou alegre com uma faixa de

pequenas flores brilhantes, rosa, branca, vermelha e lilás.
"Não posso capinar por medo de arrancar as coisas erradas," ela costumava dizer tranquilamente; "isso poupa muito trabalho."
Peter plantou sementes de vegetais no dele—cenouras, cebolas e nabos. As sementes foram dadas a ele pelo fazendeiro que morava na charmosa casa preta e branca, toda de madeira e estuque, logo além da ponte. Ele criava perus e galinhas d'angola, e era um homem muito amigável. Mas os vegetais de Peter nunca tiveram muita chance, porque ele gostava de usar a terra de seu jardim para cavar canais, e fazer fortes e terraplenagens para seus soldadinhos. E as sementes de vegetais raramente crescem bem em um solo que é constantemente remexido para fins de guerra e irrigação.
Bobbie plantou roseiras em seu jardim, mas todas as pequenas folhas novas das roseiras encolheram e murcharam, talvez porque ela as moveu de outra parte do jardim em maio, que não é a época certa para transplantar rosas. Mas ela não admitiria que estavam mortas, e mantinha a esperança, até o dia em que Perks veio ver o jardim e disse claramente que todas as rosas estavam mortas como pregos.
"Apenas boas para fogueiras, senhorita," ele disse. "Você só tem que desenterrá-las e queimá-las, e eu vou te dar algumas raízes frescas do meu jardim; amores-perfeitos, cravos, e não-me-esqueças. Vou trazê-las amanhã se você preparar o solo."

Então, no dia seguinte, ela começou a trabalhar, e isso aconteceu no dia em que a mãe a elogiou sobre não brigar. Ela moveu as roseiras e as levou para outro canto do jardim, onde estava o monte de lixo que pretendiam transformar em fogueira quando chegasse o Dia de Guy Fawkes.

Enquanto isso, Peter decidiu achatar todos os seus fortes e terraplenagens, com a intenção de fazer uma maquete do túnel ferroviário, corte, aterro, canal, aqueduto, pontes e tudo mais.

Então, quando Bobbie voltou de sua última jornada espinhosa com as roseiras mortas, ele tinha pego o ancinho e estava usando-o.

"Eu estava usando o ancinho," disse Bobbie.

"Bem, eu estou usando ele agora," disse Peter.

"Mas eu o tive primeiro," disse Bobbie.

"Então agora é a minha vez," disse Peter. E foi assim que a briga começou.

"Você sempre é desagradável por causa de nada," disse Peter, depois de algum argumento acalorado.

"Eu estava com o ancinho primeiro," disse Bobbie, corada e desafiadora, segurando no cabo.

"Não—eu te disse que disse esta manhã que pretendia tê-lo. Não disse, Phil?"

Phyllis disse que não queria se misturar nas brigas deles. E instantaneamente, é claro, ela estava.

"Se você se lembra, deveria dizer."

"Claro que ela não lembra—mas podia dizer."

"Eu queria ter um irmão em vez de duas irmãzinhas choronas," disse Peter. Isso sempre era reconhecido como indicando o ápice da raiva de Peter.

Bobbie deu a resposta que sempre dava.
"Eu não consigo entender por que meninos foram inventados," e exatamente quando disse isso, olhou para cima, e viu as três longas janelas da oficina da mãe refletindo os raios vermelhos do sol. A visão trouxe de volta aquelas palavras de elogio:— "Vocês não brigam como costumavam fazer."
"OH!" gritou Bobbie, justamente como se tivesse sido atingida, ou tivesse prendido o dedo em uma porta, ou tivesse sentido o início horrível de uma dor de dente.
"O que foi?" disse Phyllis.
Bobbie queria dizer: "Vamos parar de brigar. A mamãe detesta isso," mas, apesar de tentar muito, não conseguiu. Peter estava com uma expressão tão desagradável e insultante.
"Então pegue o ancinho horrível," foi o melhor que ela conseguiu dizer. E de repente largou o cabo. Peter estava segurando firme e puxando, e quando a força contrária parou de repente, ele tropeçou e caiu para trás, com os dentes do ancinho entre os pés.
"Bem feito," disse Bobbie, antes de conseguir se conter.
Peter ficou imóvel por meio segundo — tempo suficiente para assustar um pouco Bobbie. Então ele a assustou ainda mais, pois se sentou, gritou uma vez, ficou pálido, e então se deitou e começou a gritar, fraco mas constantemente. Parecia exatamente como um porco sendo morto a quinhentos metros de distância.
A mãe colocou a cabeça para fora da janela, e não passou meio minuto até que ela estivesse no jardim ajoelhada ao lado de Peter, que não parou de chiar nem por um instante.

"O que aconteceu, Bobbie?" a mãe perguntou.
"Foi o ancinho," disse Phyllis. "Peter estava puxando, Bobbie também, e ela soltou e ele caiu."
"Pare com esse barulho, Peter," disse a mãe. "Vamos. Pare já."
Peter usou o restante do fôlego que tinha em um último grito e parou.
"Agora," disse a mãe, "você está machucado?"
"Se ele estivesse realmente machucado, não faria tanto escândalo," disse Bobbie, ainda tremendo de raiva; "ele não é covarde!"
"Acho que meu pé está quebrado, só isso," disse Peter, bufando, e se sentou. Então ele ficou completamente branco. A mãe colocou o braço ao redor dele.
"Ele ESTÁ machucado," ela disse; "ele desmaiou. Bobbie, sente-se e coloque a cabeça dele no seu colo."
Então a mãe desamarrou as botas de Peter. Quando tirou a do pé direito, algo escorreu do pé dele para o chão. Era sangue vermelho. E quando a meia saiu, havia três feridas vermelhas no pé e tornozelo de Peter, onde os dentes do ancinho o haviam mordido, e seu pé estava coberto de manchas vermelhas.
"Corra para buscar água — uma bacia cheia," disse a mãe, e Phyllis correu. Ela derramou a maior parte da água da bacia na pressa, e teve que buscar mais em um jarro.
Peter não abriu os olhos novamente até que a mãe enrolou seu lenço ao redor do pé dele, e ela e Bobbie o levaram para dentro e o colocaram no banco de madeira marrom na sala de jantar. A essa altura, Phyllis estava a meio caminho para chamar o doutor.

A mãe sentou-se com Peter e lavou seu pé enquanto conversava com ele, e Bobbie saiu para preparar chá e colocar a chaleira no fogo.
"É tudo o que posso fazer," disse ela a si mesma. "Oh, e se Peter morrer, ou ficar um inválido para o resto da vida, ou tiver que andar de muletas, ou usar uma bota com uma sola como um tronco de madeira!"
Ela ficou parada na porta dos fundos refletindo sobre essas possibilidades sombrias, seus olhos fixos no reservatório de água.
"Queria nunca ter nascido," disse, e disse em voz alta.
"Por que, misericórdia, por quê?" perguntou uma voz, e Perks se colocou à sua frente com uma cesta de vime cheia de coisas verdes com folhas e terra solta e macia.
"Oh, é você," disse ela. "Peter machucou o pé com um ancinho — três grandes feridas abertas, como de soldados. E foi em parte por minha culpa."
"Isso não foi, aposto," disse Perks. "O doutor já viu ele?"
"Phyllis foi chamar o doutor."
"Ele ficará bem; você vai ver que sim," disse Perks. "Ora, um primo segundo do meu pai teve uma forquilha enfiada nele, bem dentro do corpo, e ficou bom em poucas semanas, exceto por ficar um pouco fraco da cabeça depois, e disseram que foi por causa de uma insolação no campo de feno, e não pela forquilha. Lembro bem dele. Um sujeito bondoso, mas meio lerdo, por assim dizer."
Bobbie tentou deixar que essa lembrança a animasse.
"Bem," disse Perks, "você não deve querer se incomodar com a jardinagem agora, imagino. Me mostre onde fica seu jardim e eu coloco essas mudinhas para você. E vou

ficar por aqui, se não for muito abuso, para ver o doutor quando ele sair e ouvir o que ele diz. Anime-se, mocinha. Aposto uma libra que ele não está machucado, pelo menos não muito.
Mas ele estava. O doutor veio, olhou o pé e o enfaixou muito bem, dizendo que Peter não deveria pisar no chão por pelo menos uma semana.
"Ele não vai ficar manco, ou ter que usar muletas ou um calombo no pé, vai?" sussurrou Bobbie, ansiosamente, na porta.
"Minha nossa! Não!" disse o Dr. Forrest; "ele estará tão ágil quanto antes em duas semanas. Não se preocupe, pequena Mamãe Ganso."
Foi quando a mãe foi até o portão com o doutor para pegar as últimas instruções e Phyllis estava enchendo a chaleira para o chá, que Peter e Bobbie se encontraram sozinhos.
"Ele disse que você não vai ficar manco nem nada," disse Bobbie.
"Claro que não vou, boba," disse Peter, muito aliviado apesar de tudo.
"Oh, Peter, eu ESTOU tão arrependida," disse Bobbie, após uma pausa.
"Está tudo bem," disse Peter, rudemente.
"Foi tudo minha culpa," disse Bobbie.
"Bobagem," disse Peter.
"Se não tivéssemos brigado, isso não teria acontecido. Eu sabia que era errado brigar. Queria dizer isso, mas de alguma forma não consegui."
"Não fale besteira," disse Peter. "Eu não teria parado mesmo que você tivesse dito. Não é provável. E além

disso, nossa briga não teve nada a ver com isso. Eu poderia ter prendido o pé na enxada, ou cortado os dedos na máquina de cortar palha ou explodido o nariz com fogos de artifício. Teria me machucado do mesmo jeito, quer estivéssemos brigando ou não."
"Mas eu sabia que era errado brigar," disse Bobbie, em lágrimas, "e agora você está machucado e—"
"Agora veja aqui," disse Peter, firmemente, "você só precisa parar. Se você não tiver cuidado, vai se transformar em uma beata de escola dominical, estou te avisando."
"Eu não quero ser beata. Mas é tão difícil não ser quando você realmente está tentando ser bom."
(O Leitor Gentil pode talvez ter sofrido com essa dificuldade.)
"Não é nada disso," disse Peter; "é uma coisa muito boa que não foi você que se machucou. Estou contente que foi EU. Aí está! Se tivesse sido você, você estaria deitada no sofá parecendo um anjo sofredor e sendo a luz da casa ansiosa e tudo mais. E eu não poderia suportar isso."
"Não, eu não iria," disse Bobbie.
"Sim, iria," disse Peter.
"E estou te dizendo que não."
"E estou te dizendo que sim."
"Oh, crianças," disse a voz da mãe à porta. "Brigando de novo? Já?"
"Não estamos brigando, de verdade," disse Peter.
"Gostaria que você não pensasse que é briga toda vez que não concordamos!" Quando a mãe saiu, Bobbie desabafou:

"Peter, eu ESTOU tão arrependida que você está machucado. Mas você É uma besta de dizer que sou uma beata."
"Bem," disse Peter inesperadamente, "talvez eu seja. Você disse que eu não era covarde, mesmo quando estava tão brava. A única coisa é: não vire uma beata, só isso. Abra os olhos e se sentir que a beatice está chegando, apenas pare a tempo. Entendeu?"
"Sim," disse Bobbie, "entendii."
"Então vamos dar as mãos," disse Peter, magnanimamente: "enterre-se o machado nas profundezas do passado. Vamos apertar as mãos. Ei, Bobbie, estou cansado."
Ele ficou cansado por muitos dias depois disso, e o banco parecia duro e desconfortável apesar de todos os travesseiros e almofadas e mantas dobradas. Era terrível não poder sair. Eles moveram o banco para a janela, e de lá Peter podia ver a fumaça dos trens serpenteando pelo vale. Mas ele não podia ver os trens.
No início Bobbie achou bem difícil ser tão legal com ele quanto queria, com medo de que ele achasse que ela estava sendo beata. Mas isso logo passou, e tanto ela quanto Phyllis eram, como ele observou, pessoas muito legais. A mãe sentava-se com ele quando as irmãs estavam fora. E as palavras, "ele não é um covarde," fizeram com que Peter se determinasse a não fazer qualquer escândalo por causa da dor no pé, embora estivesse bastante ruim, especialmente à noite.
Elogios ajudam as pessoas muitíssimo, às vezes.
Haviam visitas também. A senhora Perks veio perguntar como ele estava, assim como o chefe da estação e várias

pessoas da aldeia. Mas o tempo passava devagar, devagar.
"Eu gostaria tanto de ter algo para ler," disse Peter. "Eu já li todos os nossos livros cinquenta vezes."
"Vou até a casa do doutor," disse Phyllis; "ele certamente deve ter alguns."
"Provavelmente só sobre como ficar doente, e sobre as coisas feias das pessoas, eu acho," disse Peter.
"O Perks tem um monte de Revistas que vieram de trens quando as pessoas se cansam delas," disse Bobbie. "Vou descer e perguntar a ele."
Assim, as meninas seguiram seus caminhos.
Bobbie encontrou Perks ocupado limpando lampiões.
"E como está o jovem?" disse ele.
"Melhor, obrigada," disse Bobbie, "mas ele está terrivelmente entediado. Vim perguntar se você tem algumas Revistas que poderia emprestar a ele."
"Pois é," disse Perks, arrependido, esfregando a orelha com um pedaço de desperdício de algodão preto e oleoso, "por que não pensei nisso antes? Estava tentando pensar em algo que o divertisse hoje de manhã, e não consegui pensar em nada melhor que um porquinho-da-índia. E um rapaz que conheço vai trazer isso para ele hoje à tarde."
"Que ótimo! Um porquinho-da-índia de verdade! Ele vai adorar. Mas ele também gostaria das Revistas."
"Exatamente," disse Perks. "Acabei de mandar as melhores para o filho do Snigson — aquele que está se recuperando de pneumonia. Mas tenho muitos jornais ilustrados sobrando."

Ele se virou para a pilha de papéis no canto e pegou uma pilha de cerca de quinze centímetros.
"Aqui!" disse ele. "Vou apenas prender com um pedaço de barbante e um pouco de papel."
Ele puxou um jornal velho da pilha e fez um pacote bem-feito.
"Aqui," disse ele, "tem muitas imagens, e se ele quiser mexer com a caixa de tinta, ou giz colorido ou o que for, que mexa. Não preciso deles."
"Você é um amor," disse Bobbie, pegou o pacote e partiu. Os papéis eram pesados, e quando ela teve que esperar na passagem de nível enquanto um trem passava, ela descansou o pacote no topo do portão. E, distraidamente, ela olhou para a impressão no papel em que o pacote estava embrulhado.
De repente, ela apertou o pacote com mais força e inclinou a cabeça sobre ele. Parecia algum tipo de sonho horrível. Ela continuou lendo—o final da coluna estava rasgado—e não conseguiu ler mais.
Ela nunca se lembrou de como chegou em casa. Mas foi na ponta dos pés para o seu quarto e trancou a porta. Então, desfez o pacote e leu novamente aquela coluna impressa, sentada na beirada da cama, com as mãos e pés gelados e o rosto em chamas. Quando ela leu tudo o que havia, respirou fundo e de forma irregular.
"Então agora eu sei," ela disse.
O que ela tinha lido tinha o título: 'Fim do Julgamento. Veredicto. Sentença.'
O nome do homem que tinha sido julgado era o nome de seu pai. O veredicto foi "Culpado". E a sentença era "Cinco anos de Trabalho Forçado".

"Oh, papai," ela sussurrou, amassando o papel com força, "não é verdade—eu não acredito. Você nunca fez isso! Nunca, nunca, nunca!"
Houve uma batida na porta.
"O que é?" disse Bobbie.
"Sou eu," disse a voz de Phyllis; "o chá está pronto, e um garoto trouxe um porquinho-da-índia para Peter. Venha lá para baixo."
E Bobbie teve que ir.

Capítulo 11: E o Cão de Caça de Suéter Vermelho

"Meu amor", exclamou a mãe, levantando-se da bandeja de chá, "o que aconteceu?"
"Minha cabeça dói um pouco", disse Bobbie. E de fato doía.
"Aconteceu algo de errado?" a mãe perguntou.
"Estou bem, de verdade", disse Bobbie, e de seus olhos inchados ela transmitiu a breve e implorante mensagem para a mãe "NÃO diante dos outros!"
O chá não foi uma refeição alegre. Peter estava tão perturbado pelo fato óbvio de que algo horrível havia acontecido a Bobbie que limitou sua fala a repetir "Mais pão e manteiga, por favor," em intervalos assustadoramente curtos. Phyllis acariciava a mão de sua irmã debaixo da mesa para expressar simpatia, e derrubou sua xícara ao fazer isso. Buscar um pano e limpar o leite derramado ajudou Bobbie um pouco. Mas ela pensou que o chá nunca iria acabar. No entanto, no

final acabou, como todas as coisas acabam por fim, e quando a mãe levou a bandeja, Bobbie a seguiu.
"Ela foi confessar", disse Phyllis a Peter; "Eu me pergunto o que ela fez."
"Quebrou algo, eu suponho", disse Peter, "mas ela não precisava ser tão boba por isso. A mãe nunca dá bronca por acidentes. Ouça! Sim, elas estão subindo. Ela está levando a mãe para mostrar a ela, a jarra de água com as cegonhas, eu aposto que é isso."
Bobbie, na cozinha, segurou a mão da mãe enquanto ela colocava as coisas do chá.
"O que foi?" perguntou a mãe.
Mas Bobbie apenas disse: "Venha para o andar de cima, venha para onde ninguém possa nos ouvir."
Quando ela ficou sozinha com a mãe em seu quarto, trancou a porta e então ficou bem quieta e sem palavras. Durante todo o chá ela esteve pensando no que dizer; ela tinha decidido que "Eu sei de tudo", ou "Tudo é conhecido para mim", ou "O terrível segredo não é mais segredo", seria a coisa certa. Mas agora que ela e a mãe, e aquela terrível folha de jornal, estavam sozinhas no quarto juntas, ela achou que não conseguia dizer nada.
De repente, ela foi até a mãe, colocou os braços ao seu redor e começou a chorar novamente. E ainda assim não conseguia encontrar palavras, apenas "Oh, mamãe, oh, mamãe, oh, mamãe", repetidamente.
A mãe a segurou bem apertado e esperou.
De repente, Bobbie se afastou e foi até sua cama. De debaixo do colchão, puxou o jornal que havia escondido

lá e o estendeu, apontando para o nome do pai com um dedo que tremia.
"Oh, Bobbie," a mãe gritou, quando um pequeno olhar rápido mostrou a ela o que era, "você não ACREDITA nisso? Você não acredita que o papai fez isso?"
"NÃO," Bobbie quase gritou. Ela tinha parado de chorar.
"Isso está certo," disse a mãe. "Não é verdade. E eles o trancaram na prisão, mas ele não fez nada de errado. Ele é bom e nobre e honrado, e ele pertence a nós. Temos que pensar nisso, e nos orgulhar dele, e esperar."
Novamente Bobbie abraçou sua mãe, e novamente apenas uma palavra veio a ela, mas agora essa palavra era "Papai", e "Oh, papai, oh, papai, oh, papai!" repetidamente.
"Por que você não me contou, mamãe?" ela perguntou em seguida.
"Você vai contar para os outros?" a mãe perguntou.
"Não."
"Por quê?"
"Porque—"
"Exatamente", disse a mãe; "então você entende por que eu não contei para você. Nós duas devemos nos ajudar a ser corajosas."
"Sim", disse Bobbie; "Mamãe, vai te deixar mais infeliz se você me contar tudo sobre isso? Eu quero entender."
Então, sentada abraçada a sua mãe, Bobbie ouviu "tudo sobre isso." Ela ouviu como aqueles homens, que haviam pedido para ver o pai naquela última noite lembrada quando a máquina estava sendo consertada, tinham vindo para prendê-lo, acusando-o de vender segredos de Estado para os russos — de ser, de fato, um espião e

traidor. Ela ouviu sobre o julgamento e sobre as provas — cartas, encontradas na mesa do pai no escritório, cartas que convenceram o júri de que o pai era culpado.
"Oh, como eles puderam olhar para ele e acreditar nisso!" gritou Bobbie; "e como ALGUÉM poderia fazer algo assim!"
"ALGUÉM fez isso", disse a mãe, "e todas as evidências estavam contra o pai. Aquelas cartas—"
"Sim. Como as cartas chegaram na mesa dele?"
"Alguém as colocou lá. E a pessoa que as colocou lá foi a pessoa que era realmente culpada."
"ELE deve estar se sentindo muito mal todo esse tempo", disse Bobbie, pensativa.
"Eu não acredito que ele tinha sentimentos", disse a mãe, exaltada; "ele não poderia ter feito algo assim se tivesse."
"Talvez ele apenas tenha enfiado as cartas na mesa para escondê-las quando achou que ia ser descoberto. Por que você não conta aos advogados, ou a alguém, que deve ter sido essa pessoa? Não havia ninguém que machucaria o pai de propósito, havia?"
"Eu não sei—eu não sei. O homem abaixo dele que ocupou o lugar do papai quando ele—quando a coisa terrível aconteceu—ele sempre teve ciúmes do seu pai porque papai era tão inteligente e todos gostavam muito dele. E o papai nunca confiou totalmente nesse homem."
"Não poderíamos explicar tudo isso para alguém?"
"Ninguém vai ouvir," disse a mãe, muito amargamente, "ninguém mesmo. Você supõe que eu não tentei tudo? Não, minha querida, não há nada a ser feito. Tudo que podemos fazer, você e eu e o papai, é ser corajosos, e

pacientes, e—", ela falou bem suavemente—"rezar, Bobbie, querida."
"Mãe, você está muito magra," disse Bobbie, abruptamente.
"Um pouco, talvez."
"E oh", disse Bobbie, "eu acho que você é a pessoa mais corajosa do mundo além de ser a mais legal!"
"Não vamos mais falar sobre isso, vamos, querida?" disse a mãe; "devemos suportar e ser valentes. E, querida, tente não pensar nisso. Tente ser alegre, e se divertir e aos outros também. É muito mais fácil para mim se você puder ser um pouco feliz e aproveitar as coisas. Lave seu rostinho redondo e vamos para o jardim por um tempo."
Os outros dois foram muito gentis e atenciosos com Bobbie. E eles não perguntaram o que estava acontecendo. Foi ideia de Peter, e ele tinha instruído Phyllis, que teria feito uma centena de perguntas se tivesse sido deixada por conta própria.
Uma semana depois Bobbie conseguiu ficar sozinha. E mais uma vez escreveu uma carta. E mais uma vez era para o senhor idoso.
"Meu querido amigo," ela disse, "você vê o que está neste jornal. Não é verdade. O papai nunca fez isso. A mamãe diz que alguém colocou os papéis na mesa do papai, e ela diz que o homem abaixo dele que ocupou o lugar do papai depois estava com ciúmes do papai, e o papai suspeitou dele há muito tempo. Mas ninguém ouve uma palavra do que ela diz, mas você é tão bom e esperto, e descobriu sobre a esposa do cavalheiro russo diretamente. Não pode descobrir quem fez a traição

porque não foi o papai, eu juro; ele é inglês e incapaz de fazer tais coisas, e então eles libertariam o papai da prisão. É terrível, e a mamãe está ficando tão magra. Ela nos disse uma vez para rezar por todos os prisioneiros e cativos. Agora eu entendo. Oh, por favor, me ajude—só a mamãe e eu que sabemos, e não podemos fazer nada. Peter e Phil não sabem. Eu vou rezar por você duas vezes por dia enquanto eu viver se você apenas tentar—apenas tentar descobrir. Pense se fosse o seu papai, o que você sentiria. Oh, por favor, por favor, por favor me ajude. Com amor.

"Eu permaneço sua pequena amiga afetuosa,

"Roberta.

P.S. A mamãe enviaria suas lembranças se soubesse que estou escrevendo—mas não adianta dizer a ela que estou, caso você não possa fazer nada. Mas eu sei que você vai. Bobbie com muito amor."

Ela cortou a reportagem sobre o julgamento do pai do jornal com a grande tesoura de recorte da mãe e colocou no envelope com sua carta.

Então ela a levou até a estação, saindo pelos fundos e contornando pela estrada, para que os outros não a vissem e não oferecessem para ir com ela, e entregou a carta ao chefe da estação para que ele a entregasse ao senhor idoso na manhã seguinte.

"Onde você esteve?" gritou Peter, do topo do muro do quintal onde ele e Phyllis estavam.

"Na estação, é claro," disse Bobbie; "me dê uma mão, Pete."

Ela colocou o pé na tranca da porta do quintal. Peter estendeu a mão.

"O que é isso?" ela perguntou ao alcançar o topo do muro—pois Phyllis e Peter estavam muito enlameados. Um pedaço de argila molhada estava entre eles no muro, eles tinham cada um um pedaço de ardósia em uma mão muito suja, e atrás de Peter, fora do alcance de acidentes, estavam vários objetos arredondados estranhos bastante parecidos com salsichas muito gordas, ocas, mas fechadas em uma extremidade.
"São ninhos," disse Peter, "ninhos de andorinhas. Vamos secá-los no forno e pendurá-los com barbante sob as beiradas da casa de carruagens."
"Sim," disse Phyllis; "e então vamos guardar toda a lã e cabelo que conseguirmos, e na primavera vamos forrá-los, e como as andorinhas ficarão felizes!"
"Eu sempre achei que as pessoas não fazem o suficiente pelos animais indefesos", disse Peter com um ar de virtude. "Acho que as pessoas poderiam ter pensado em fazer ninhos para as pobre andorinhas antes disso."
"Ah", disse Bobbie, vagamente, "se todo mundo pensasse em tudo, não sobraria nada para alguém pensar depois."
"Olhe para os ninhos "não são bonitos?" disse Phyllis, estendendo a mão sobre Peter para pegar um ninho.
"Cuidado, Phil, sua bobinha", disse o irmão dela. Mas era tarde demais; seus dedinhos fortes haviam esmagado o ninho.
"Pronto", disse Peter.
"Não se preocupe", disse Bobbie.
"É um dos meus", disse Phyllis, "então você não precisa reclamar, Peter. Sim, nós colocamos nossas iniciais nos que fizemos, para que as andorinhas saibam a quem devem ser tão gratas e carinhosas."

"As andorinhas não sabem ler, boba", disse Peter.
"Bobo é você", retrucou Phyllis; "como você sabe?"
"Quem pensou em fazer os ninhos, afinal?" gritou Peter.
"Fui eu", gritou Phyllis.
"Mentira", retrucou Peter, "você só pensou em fazer ninhos de feno e colocá-los na hera para os pardais, e eles estariam encharcados muito antes da época de colocar os ovos. Fui eu que falei em argila e andorinhas."
"Eu não me importo com o que você disse."
"Olhe", disse Bobbie, "eu arrumei o ninho de novo. Me dê o pedaço de pau para marcar sua inicial nele. Mas como você vai fazer isso? A sua letra e a do Peter são as mesmas. P. de Peter, P. de Phyllis."
"Eu coloquei F. para Phyllis", disse a criança que tinha esse nome. "É assim que soa. As andorinhas não soletrariam Phyllis com um P., tenho certeza."
"Eles não podem soletrar de jeito nenhum", insistiu Peter.
"Então por que você os vê sempre em cartões de Natal e Dia dos Namorados com cartas em volta do pescoço? Como saberiam para onde ir se não pudessem ler?"
"Isso é só em figuras. Você nunca viu uma realmente com cartas em volta do pescoço."
"Bem, eu vi um pombo, então; pelo menos o papai me disse que eles tinham. Só que era debaixo das asas e não ao redor do pescoço, mas dá no mesmo, e—"
"Eu digo", interrompeu Bobbie, "vai ter uma corrida de papel amanhã."
"Quem?" Peter perguntou.

"Escola de Gramática. Perks acha que a lebre vai pelo caminho da linha no começo. Podemos ir pelo corte. Dá para ver bem lá."
A corrida de papel foi considerada um assunto mais interessante para conversa do que as habilidades de leitura das andorinhas. Bobbie esperava que fosse. E na manhã seguinte, a mãe deixou que levassem o almoço e saíssem para ver a corrida de papel.
"Se formos para o corte", disse Peter, "vamos ver os trabalhadores, mesmo se perdermos a corrida."
Claro que leva tempo para limpar a linha das pedras, terra e árvores que caíram quando o grande deslizamento aconteceu. Essa foi a ocasião, você se lembrará, quando as três crianças salvaram o trem de ser destruído agitando seis bandeirinhas vermelhas de flanela. Sempre é interessante assistir as pessoas trabalhando, especialmente quando trabalham com coisas tão interessantes como pás e picaretas, e carrinhos de mão, quando têm fogueiras vermelhas em potes de ferro com furos redondos, e lâmpadas vermelhas penduradas perto do trabalho à noite. Claro que as crianças nunca saíam à noite; mas uma vez, ao entardecer, quando Peter tinha saído pelo clarabóia do quarto para o telhado, viu a lâmpada vermelha brilhando à distância na borda do corte. As crianças frequentemente iam assistir o trabalho, e nesse dia o interesse por pás e picaretas, e carrinhos sendo empurrados por tábuas, fez com que eles esquecessem completamente da corrida de papel, até que eles pularam quando uma voz atrás deles arfou, "Com licença, por favor." Era a lebre — um garoto grandalhão,

de membros soltos, com cabelos escuros colados a uma testa muito úmida. O saco de papel rasgado debaixo do braço estava preso a um dos ombros por uma alça. As crianças ficaram para trás. A lebre correu ao longo da linha, e os trabalhadores apoiaram-se em suas picaretas para assisti-lo. Ele correu firmemente e desapareceu na boca do túnel.
"Isso é contra os regulamentos", disse o capataz.
"Por que se preocupar?" disse o trabalhador mais velho; "viva e deixe viver, sempre digo. Você nunca foi jovem, Sr. Bates?"
"Eu deveria denunciá-lo", disse o capataz.
"Porque estragar a diversão é o que eu sempre digo."
"Os passageiros estão proibidos de cruzar a linha sob qualquer pretexto", murmurou o capataz, duvidoso.
"Ele não é passageiro", disse um dos trabalhadores.
"Nem ele cruzou a linha, não onde pudéssemos vê-lo fazer isso", disse outro.
"Nem ele fez qualquer pretensão", disse um terceiro.
"E", disse o trabalhador mais velho, "ele está fora de vista agora. O que os olhos não veem o coração não sente, sempre digo."
E agora, seguindo a trilha da lebre pelas pequenas manchas brancas de papel espalhado, vinham os cães. Havia trinta deles, e todos desceram as escadas íngremes, parecidas com escadas de mão, de um em um, de dois em dois, de três em três, de seis em seis e de sete em sete. Bobbie, Phyllis e Peter os contaram enquanto passavam. Os da frente hesitaram um momento no pé da escada, então seus olhos pegaram o brilho da brancura espalhada ao longo da linha e eles se voltaram

para o túnel e, de um em um, de dois em dois, de três em três, de seis em seis e de sete em sete, desapareceram na boca escura dele. O último, em uma jersey vermelha, parecia ser extinto pela escuridão como uma vela que é apagada.
"Eles não sabem o que estão pretendendo", disse o capataz; "não é tão fácil correr no escuro. O túnel dá duas ou três voltas."
"Demorarão muito para atravessar, você acha?" Peter perguntou.
"Uma hora ou mais, não me surpreenderia."
"Então vamos cortar pelo topo e ver eles saírem do outro lado", disse Peter; "chegaremos lá muito antes deles."
A ideia parecia boa e eles foram.
Eles subiram os degraus íngremes de onde haviam colhido a flor da cerejeira selvagem para o túmulo do pequeno coelho selvagem, e, chegando ao topo do corte, voltaram-se na direção da colina através da qual o túnel foi cavado. Foi um trabalho árduo.
"É como os Alpes", disse Bobbie, sem fôlego.
"Ou Andes", disse Peter.
"É como os Himalaaias, ou qual é o nome?" ofegou Phyllis. "Monte Sem Fim. Vamos parar."
"Persistir", ofegou Peter; "você pegará seu segundo fôlego em um minuto."
Phyllis aceitou persistir — e eles continuaram, correndo quando o gramado estava liso e a descida fácil, escalando pedras, ajudando-se a subir rochas pelos galhos das árvores, rastejando por aberturas estreitas entre troncos de árvores e rochas, e assim por diante,

para cima e para cima, até que finalmente estavam no topo da colina onde tantas vezes desejavam estar.
"Alto!" gritou Peter, e se jogou na grama. Pois o topo da colina era um planalto coberto de grama lisa, pontilhado de rochas musgosas e pequenas árvores de sorveira.
As meninas também se jogaram no chão.
"Muito tempo", Peter ofegou; "o resto é todo para baixo."
Quando descansaram o suficiente para se sentarem e olharem ao redor, Bobbie exclamou:
"Oh, olhem!"
"O que?" disse Phyllis.
"A vista", disse Bobbie.
"Eu odeio vistas", disse Phyllis, "não odeia, Peter?"
"Vamos em frente", disse Peter.
"Mas isso não é como uma vista que te levam de charrete quando você está no litoral, todo mar e areia e colinas nuas. É como os 'condados coloridos' em um dos livros de poesia da Mamãe."
"Não é tão poeirento", disse Peter; "olhe para o Aqueduto cruzando o vale como uma centopéia gigante, e as cidades colocando suas torres de igrejas para fora das árvores como canetas para fora de um tinteiro. Eu acho que é mais como
"Lá ele poderia ver as bandeiras
De doze cidades bonitas brilhando."
"Eu adoro", disse Bobbie; "valeu a pena a escalada."
"A corrida de papel valeu a pena a escalada", disse Phyllis, "se não a perdermos. Vamos em frente. Agora é só descer."
"Eu disse isso há dez minutos", disse Peter.

"Bem, eu DISSE agora", disse Phyllis; "vamos em frente."
"Temos muito tempo", disse Peter. E tinham mesmo. Pois quando desceram ao nível do topo da boca do túnel — estavam alguns metros fora do cálculo e tiveram que rastejar pela face da colina "não havia sinal da lebre ou dos cães.
"Eles já foram faz tempo, claro", disse Phyllis, enquanto encostavam no parapeito de tijolo acima do túnel.
"Eu não acho", disse Bobbie, "mas mesmo que tivessem, é incrível aqui, e veremos os trens saindo do túnel como dragões saindo de suas tocas. Nunca vimos isso do lado de cima antes."
"Nem nós", disse Phyllis, parcialmente apaziguada.
Era realmente um lugar emocionante para estar. O topo do túnel parecia muito mais distante da linha do que imaginavam, e era como estar em uma ponte, mas uma ponte coberta de arbustos, cipós, grama e flores silvestres.
"Eu SEI que a corrida de papel já acabou faz tempo", disse Phyllis a cada dois minutos, e ela mal sabia se ficava satisfeita ou decepcionada quando Peter, inclinando-se sobre o parapeito, de repente gritou:
"Cuidado. Aqui ele vem!"
Todos se inclinaram sobre a parede de tijolos aquecida pelo sol a tempo de ver a lebre, indo muito devagar, emergir da sombra do túnel.
"Olha aí", disse Peter, "o que eu te disse? Agora para os cães!"
Muito em breve vieram os cães — de um em um, de dois em dois, de três em três, de seis em seis e de sete em

sete — e também estavam indo devagar e pareciam muito cansados. Dois ou três que estavam muito atrás dos outros saíram muito depois.
"Pronto", disse Bobbie, "isso é tudo — o que faremos agora?"
"Vamos ali na floresta escura e almoçamos", disse Phyllis; "podemos vê-los por quilômetros daqui."
"Ainda não", disse Peter. "Esse não é o último. Tem o que está na jersey vermelha ainda. Vamos ver o último deles saindo."
Mas embora esperassem e esperassem e esperassem, o garoto com a jersey vermelha não apareceu.
"Ah, vamos almoçar," disse Phyllis; "estou com dor no estômago de tanta fome. Você deve ter deixado de ver o de suéter vermelho quando ele saiu com os outros—"
Mas Bobbie e Peter concordaram que ele não tinha saído com os outros.
"Vamos descer até a entrada do túnel," disse Peter; "talvez a gente o veja vindo lá de dentro. Aposto que ele não estava se sentindo bem e descansou em um dos refúgios. Fique aqui em cima e observe, Bob, e quando eu sinalizar lá de baixo, você desce. Podemos perder de vê-lo no caminho, com todas essas árvores."
Então os outros desceram, e Bobbie esperou até que eles sinalizassem para ela da linha abaixo. E então ela também desceu pelo caminho escorregadio e sinuoso entre raízes e musgo até sair entre duas árvores e se juntar aos outros na linha. E ainda não havia sinal do suéter vermelho.

"Ah, POR FAVOR, vamos comer alguma coisa," implorou Phyllis. "Eu vou morrer se vocês não derem, e aí vocês vão ficar arrependidos."
"Dê a ela os sanduíches, pelo amor de Deus, e cale essa boca boba," disse Peter, sem ser muito indelicado. "Olha aqui," ele acrescentou, virando-se para Bobbie, "talvez seja melhor cada um de nós comer um também. Podemos precisar de todas as nossas forças. Mas não mais do que um, hein. Não temos tempo."
"O que?" perguntou Bobbie, com a boca já cheia, pois ela estava tão faminta quanto Phyllis.
"Você não vê," respondeu Peter, de maneira enfática, "que o de suéter vermelho teve um acidente—é isso o que aconteceu. Talvez, enquanto falamos, ele esteja deitado com a cabeça nos trilhos, uma presa fácil para qualquer trem expresso que passe—"
"Ah, não fale como num livro," gritou Bobbie, engolindo o que restava de seu sanduíche; "vamos. Phil, fique perto atrás de mim, e se um trem vier, fique colada à parede do túnel e segure suas saias bem juntinho."
"Me dê mais um sanduíche," implorou Phyllis, "e eu farei isso."
"Eu vou primeiro," disse Peter; "a ideia foi minha," e ele foi.
Claro que você sabe como é entrar em um túnel, né? A locomotiva dá um grito e, de repente, o barulho do trem correndo e chacoalhando muda e fica diferente e muito mais alto. Os adultos puxam as janelas e seguram pelas alças. A carruagem do trem de repente fica parecida com a noite—com luzes, claro, a menos que você esteja em um trem local lento, caso em que as luzes nem

sempre são providas. Então, pouco a pouco, a escuridão lá fora da janela da carruagem é tocada por sopros de nuvens brancas, depois você vê uma luz azul nas paredes do túnel, depois o som do trem em movimento muda novamente, e você está de volta ao bom ar livre, e os adultos soltam as alças. As janelas, todas embaçadas com o hálito amarelo do túnel, chacoalham de volta aos seus lugares, e você vê mais uma vez o balanço dos fios telegráficos ao lado da linha e as sebes de espinheiro cortadas retas com as pequenas árvores crescendo a cada trinta metros.

Tudo isso, claro, é o que um túnel significa quando você está em um trem. Mas tudo é bem diferente quando você entra em um túnel com os próprios pés e pisa em pedras e cascalho movediços em um caminho que desce das brilhantes linhas de ferro para a parede. Então você vê escorrimentos viscosos e lamacentos de água correndo pelo interior do túnel, e percebe que os tijolos não são vermelhos ou marrons, como são na entrada do túnel, mas de um verde baço, pegajoso e doentio. Sua voz, quando você fala, muda completamente do que era ao sol, e demora um bom tempo para que o túnel fique totalmente escuro.

Ainda não estava completamente escuro no túnel quando Phyllis agarrou a saia de Bobbie, rasgando metade de um metro dos franzidos, mas ninguém percebeu isso na hora.

"Quero voltar," ela disse, "não gosto disso. Vai ficar escuro em um minuto. NÃO vou seguir no escuro. Não me importa o que você diz, NÃO VOU."

"Não seja boba," disse Peter; "tenho um pedaço de vela e fósforos, e—o que é isso?"
"Aquilo" era um som baixo e zumbido na linha do trem, uma tremulação dos fios ao lado, um zumbido que aumentava conforme eles escutavam.
"É um trem," disse Bobbie.
"Em qual linha?"
"Me deixe voltar," gritou Phyllis, lutando para se soltar da mão com que Bobbie a segurava.
"Não seja covarde," disse Bobbie; "é seguro. Fique pra trás."
"Venham," gritou Peter, que estava alguns metros à frente. "Rápido! Refúgio!"
O rugido do trem que se aproximava estava agora mais alto do que o barulho que você ouve quando sua cabeça está debaixo d'água na banheira e ambas as torneiras estão abertas, e você está batendo os calcanhares contra os lados de lata da banheira. Mas Peter tinha gritado com todas as suas forças, e Bobbie o ouviu. Ela arrastou Phyllis até o refúgio. Phyllis, claro, tropeçou nos fios e machucou as pernas, mas eles a puxaram para dentro, e todos os três ficaram no escuro, úmido, recessos arqueados enquanto o trem rugia cada vez mais alto. Parecia que os ensurdeceria. E, à distância, podiam ver seus olhos de fogo crescendo maiores e mais brilhantes a cada instante.
"É mesmo um dragão—eu sempre soube que era—ele assume sua própria forma aqui, no escuro," gritou Phyllis. Mas ninguém a ouviu. Veja bem, o trem também estava gritando, e sua voz era maior que a dela.

E agora, com um rápido rugido, uma retumbante e longa série de janelas de carruagens iluminadas, um cheiro de fumaça e uma rajada de ar quente, o trem disparou, retinindo e reverberando no teto abobadado do túnel. Phyllis e Bobbie se agarraram uma à outra. Até mesmo Peter segurou o braço de Bobbie, "caso ela ficasse assustada", como explicou depois.
E agora, lenta e gradualmente, as luzes traseiras ficaram cada vez menores, assim como o barulho, até que, com um último ASSOBIO, o trem se retirou do túnel, e o silêncio voltou a se instalar em suas paredes úmidas e teto pingando.
"OH!" disseram as crianças, todas juntas em um sussurro.
Peter estava acendendo o pedaço de vela com a mão trêmula.
"Vamos," ele disse; mas teve que limpar a garganta antes de conseguir falar com sua voz normal.
"Ah," disse Phyllis, "se o de suéter vermelho estava no caminho do trem!"
"Precisamos ir ver," disse Peter.
"Não poderíamos ir e enviar alguém da estação?" disse Phyllis.
"Você prefere esperar aqui por nós?" perguntou Bobbie, duramente, e claro que isso resolveu a questão.
Assim, os três seguiram para a escuridão mais profunda do túnel. Peter liderava, segurando seu pedaço de vela alto para iluminar o caminho. A cera escorria em seus dedos e um pouco chegou até sua manga. Ele encontrou uma longa mancha do pulso ao cotovelo quando foi para a cama naquela noite.

Não havia mais de cento e cinquenta metros do ponto onde estavam quando o trem passou que Peter parou, gritou "Olá," e então avançou bem mais rápido do que antes. Quando os outros o alcançaram, ele parou. E ele parou a um metro do que eles tinham entrado no túnel para procurar. Phyllis viu um brilho de vermelho e apertou bem seus olhos. Ali, pela linha curva de cascalho, estava o de suéter vermelho. Suas costas estavam contra a parede, seus braços pendiam frouxos ao lado, e seus olhos estavam fechados.
"O vermelho era sangue? Está todo morto?" perguntou Phyllis, apertando ainda mais suas pálpebras.
"Morto? Bobagem!" disse Peter. "Não há nada vermelho nele a não ser o suéter. Ele só desmaiou. O que diabos devemos fazer?"
"Podemos movê-lo?" perguntou Bobbie.
"Não sei; ele é um sujeito grande."
"Suponha que lavemos a testa dele com água. Não, eu sei que não temos nenhuma, mas leite é molhado igual. Tem uma garrafa inteira."
"Sim," disse Peter, "e dizem que esfregam as mãos das pessoas, acredito."
"Queimam penas, eu sei," disse Phyllis.
"Que adianta dizer isso se não temos penas?"
"Por acaso," disse Phyllis, em um tom de triunfo exasperado, "tenho uma peteca no meu bolso. Então, aí vai!"
E agora Peter esfregava as mãos do de suéter vermelho. Bobbie queimava as penas da peteca uma a uma sob seu nariz, Phyllis respingava leite morno em sua testa, e os

três continuavam dizendo o mais rápido e sinceramente que podiam:"
"Oh, olhe pra cima, fale comigo! Por mim, fale!"

Capítulo 12: O que Bobbie Trouxe para Casa

"Oh, olhe para cima! Fale comigo! Por mim, fale!" As crianças repetiam as palavras continuamente para o menino desacordado com o suéter vermelho, que estava sentado com os olhos fechados e o rosto pálido encostado na parede do túnel.
"Molhem as orelhas dele com leite", disse Bobbie. "Eu sei que fazem isso com pessoas que desmaiam—usam água de Colônia. Mas eu acho que leite serve também."
Então eles molharam as orelhas dele, e um pouco do leite escorreu pelo pescoço por baixo do suéter vermelho. Estava muito escuro no túnel. O pedaço de vela que Peter carregava, e que agora queimava sobre uma pedra plana, quase não iluminava nada.
"Oh, POR FAVOR, olhe para cima", disse Phyllis. "Por minha causa! Acho que ele está morto."
"Por minha causa", repetiu Bobbie. "Não, ele não está."
"Por QUALQUER razão", disse Peter; "saia disso." E ele sacudiu o garoto pelo braço.
Então o menino de suéter vermelho suspirou, abriu os olhos, os fechou novamente e disse, em uma voz bem pequena, "Larga mão."
"Oh, ele NÃO está morto", disse Phyllis. "EU SABIA que ele não estava", e começou a chorar.

"O que houve? Estou bem", disse o menino.
"Beba isso", disse Peter, firmemente, enfiando o bico da garrafa de leite na boca do garoto. O menino se debateu, e um pouco do leite foi derramado antes que ele pudesse liberar a boca para dizer:—
"O que é isso?"
"É leite", disse Peter. "Não tema, você está em mãos amigas. Phil, você para de choramingar agora."
"Beba, vá", disse Bobbie, gentilmente; "vai te fazer bem."
Então ele bebeu. E os três ficaram ali parados, sem falar com ele.
"Deixe ele quieto um minuto", Peter sussurrou; "ele vai ficar bem assim que o leite começar a correr como fogo pelas veias dele."
E ele ficou.
"Estou melhor agora", ele anunciou. "Lembro tudo sobre o que aconteceu." Tentou se mover, mas o movimento terminou em um gemido. "Droga! Acho que quebrei a perna", ele disse.
"Você caiu?" perguntou Phyllis, fungando.
"Claro que não—não sou um bebê", disse o menino, indignado; "foi um daqueles fios horríveis que me derrubou, e quando tentei me levantar de novo não consegui, então sentei. Caramba, como dói. Como VOCÊS chegaram aqui?"
"Vimos você entrar no túnel e depois fomos pela colina ver vocês saírem. Os outros saíram—todos, menos você, e você não saiu. Então nós somos a equipe de resgate", disse Peter, com orgulho.

"Vocês são bem corajosos, tenho que dizer", comentou o menino.
"Oh, isso não é nada", disse Peter, modestamente. "Você acha que conseguiria andar se nós te ajudássemos?"
"Eu poderia tentar", disse o menino.
Ele tentou. Mas só conseguiu ficar em pé sobre um pé; o outro arrastava de um jeito bem ruim.
"Aqui, deixe-me sentar. Estou me sentindo como se fosse morrer," disse o menino. "Me soltem—me soltem, rápido—"
Ele se deitou e fechou os olhos. Os outros se entreolharam à luz fraca da pequena vela.
"O que fazer agora!" disse Peter.
"Olha aqui," disse Bobbie, rapidamente, "vocês têm que ir buscar ajuda. Vão até a casa mais próxima."
"Sim, essa é a única coisa a fazer", disse Peter. "Vamos lá."
"Se você segurar os pés e Phil e eu segurarmos a cabeça, poderíamos carregá-lo até o poço de inspeção."
Eles fizeram isso. Talvez fosse melhor para o sofredor que ele tivesse desmaiado novamente.
"Agora," disse Bobbie, "eu vou ficar com ele. Vocês levem o pedaço mais longo de vela e, oh—sejam rápidos, porque esse pedacinho não vai durar muito."
"Eu acho que a mamãe não gostaria que eu deixasse você," disse Peter, hesitante. "Deixe-me ficar, e você e a Phil vão."
"Não, não," disse Bobbie, "você e a Phil vão—e me empresta sua faca. Eu vou tentar tirar a bota dele antes que ele acorde de novo."
"Espero que estejamos fazendo a coisa certa," disse Peter.

"Claro que estamos," disse Bobbie, impacientemente. "O que mais VOCÊ faria? Deixá-lo aqui sozinho só porque está escuro? Bobagem. Apressem-se, é só isso."
Então eles se apressaram.
Bobbie observou as figuras escuras deles e a pequena luz da pequena vela com uma sensação estranha de ter chegado ao fim de tudo. Ela agora sabia, pensava, o que as freiras que foram emparedadas vivas em conventos sentiam. De repente, ela se deu um pequeno sacolejo. "Não seja uma menininha boba," ela disse. Ela sempre ficava muito zangada quando alguém a chamava de menininha, mesmo se o adjetivo que vinha antes não fosse "boba", mas "legal" ou "boa" ou "esperta". E só quando ela estava muito zangada consigo mesma permitia que Roberta usasse essa expressão para Bobbie.
Ela fixou o pequeno toco de vela em um tijolo quebrado perto dos pés do menino de suéter vermelho. Então ela abriu a faca de Peter. Era sempre difícil de manejar— costumava ser necessário uma moeda para conseguir abrir. Desta vez, de alguma forma Bobbie conseguiu abrir com a unha. Ela quebrou a unha, e doeu horrores. Então cortou o cadarço da bota do garoto, e tirou a bota. Ela tentou puxar a meia dele, mas a perna estava terrivelmente inchada e não parecia ter o formato certo. Então ela cortou a meia devagar e cuidadosamente. Era uma meia marrom de tricô, e ela se perguntou quem a teria tricotado, e se a mãe do garoto estava se sentindo ansiosa por ele e como ela se sentiria quando visse ele chegar com a perna quebrada. Quando Bobbie tirou a meia e viu a pobre perna, sentiu

como se o túnel estivesse ficando mais escuro, e o chão parecia instável, e nada parecia muito real.
"Boba de uma menininha!" disse Roberta a Bobbie, e se sentiu melhor.
"A pobre perna", ela disse a si mesma; "ela devia ter um travesseiro—ah!"
Ela se lembrou do dia em que ela e a Phyllis tinham rasgado suas anáguas de flanela vermelha para fazer sinais de perigo para parar o trem e evitar um acidente. Sua anágua de flanela hoje era branca, mas seria tão macia quanto uma vermelha. Ela a tirou.
"Oh, como as anáguas de flanela são úteis!" ela disse; "o homem que as inventou devia ter uma estátua erguida a ele." E ela disse isso em voz alta, porque parecia que qualquer voz, mesmo a dela, seria um consolo naquela escuridão.
"O QUE deveria ser erguido? Para quem?" perguntou o garoto, de repente e muito debilmente.
"Oh," disse Bobbie, "agora você está melhor! Segure os dentes e não deixe doer muito. Agora!"
Ela havia dobrado a anágua, e levantando a perna dele, colocou-a sobre o travesseiro de flanela dobrada.
"Não desmaie de novo, POR FAVOR não," disse Bobbie, enquanto ele gemia. Ela rapidamente molhou o lenço dela com leite e o pousou sobre a pobre perna.
"Oh, isso dói," gritou o garoto, encolhendo-se. "Oh—não, não dói—é bom, na verdade."
"Qual é o seu nome?" perguntou Bobbie.
"Jim."
"O meu é Bobbie."
"Mas você é uma menina, não é?"

"Sim, meu nome completo é Roberta."
"Ei—Bobbie."
"Sim?"
"Não tinha mais gente com você agora há pouco?"
"Sim, Peter e Phil—são meu irmão e irmã. Eles foram buscar alguém para te carregar para fora."
"Que nomes estranhos. Todos de meninos."
"Sim—eu gostaria de ser um menino, e você?"
"Acho que você está bem como é."
"Não quis dizer isso—quis dizer se você não gostaria de ser um menino, mas claro que você é sem precisar querer."
"Você é tão corajosa quanto um menino. Por que você não foi com os outros?"
"Alguém tinha que ficar com você," disse Bobbie.
"Vou te contar, Bobbie," disse Jim, "você é um amor. Aperte a mão." Ele estendeu um braço com suéter vermelho e Bobbie apertou a mão dele.
"Eu não vou sacudir," ela explicou, "porque isso iria te agitar, e isso mexeria sua pobre perna, e isso doeria. Você tem um lenço?"
"Acho que não." Ele procurou no bolso. "Sim, tenho. Para quê?"
Ela pegou e molhou com leite e colocou na testa dele.
"Isso é gostoso," ele disse; "o que é isso?"
"Leite," disse Bobbie. "Nós não temos água—"
"Você é uma enfermeira muito boa," disse Jim.
"Eu faço isso pela Mãe às vezes," disse Bobbie—"não leite, claro, mas perfume, ou vinagre com água. Olha, vou ter que apagar a vela agora, porque talvez não tenhamos tempo com a outra para te tirar daqui."

"Por Deus," ele disse, "você pensa em tudo."
Bobbie soprou. A vela se apagou. Você não faz ideia de quão negra-aveludada a escuridão era.
"Vou te contar, Bobbie," disse uma voz através da escuridão, "você não tem medo do escuro?"
"Não—não muito, quer dizer—"
"Vamos dar as mãos," disse o garoto, e isso foi realmente muito gentil da parte dele, porque ele era como a maioria dos garotos da idade dele e odiava todas as demonstrações materiais de afeto, como beijos e dar as mãos. Ele chamava essas coisas de "mimagens" e as detestava.
A escuridão era mais suportável para Bobbie agora que sua mão estava sendo segurada pela grande mão áspera do sofredor de suéter vermelho; e ele, segurando a pequena mão lisa e quente dela, ficou surpreso ao descobrir que não se importava tanto quanto esperava. Ela tentou falar, para diverti-lo, e "fazê-lo esquecer" de seus sofrimentos, mas é muito difícil continuar falando no escuro, e logo eles se encontraram em um silêncio, somente quebrado de vez em quando por um—
"Você está bem, Bobbie?"
ou um—
"Eu temo que esteja doendo muito, Jim. Eu sinto muito."
E estava muito frio.

* * * * * *

Peter e Phyllis caminhavam pelo longo caminho do túnel em direção à luz do dia, com a cera da vela pingando nos dedos de Peter. Não houve acidentes, a menos que você considere Phyllis ter agarrado seu vestido em um

arame, rasgando um longo rasgo irregular, ou tropeçando no cadarço quando ele se desfez, ou caindo sobre as mãos e joelhos, todos os quatro arranhados.
"Esse túnel não tem fim", disse Phyllis — e de fato parecia muito, muito longo.
"Continue firme", disse Peter; "tudo tem um fim, e você chega lá se continuar."
O que é bastante verdade, se você parar para pensar, e algo útil de se lembrar em momentos de dificuldade — como sarampo, aritmética, imposições, e aqueles momentos em que você está em desgraça e sente que ninguém jamais o amará novamente, e você nunca — nunca mais — amará alguém.
"Viva", disse Peter, de repente, "lá está o fim do túnel - parece um furo de agulha em um pedaço de papel preto, não parece?"
O furo de agulha ficou maior — luzes azuis estavam ao longo dos lados do túnel. As crianças podiam ver o caminho de cascalho à sua frente; o ar ficava mais quente e mais doce. Mais vinte passos e já estavam no bom e alegre sol com as árvores verdes de ambos os lados.
Phyllis respirou fundo.
"Eu nunca entrarei em um túnel novamente enquanto viver", disse ela, "nem se houver vinte ou cem mil milhões de cães lá dentro com camisetas vermelhas e suas pernas quebradas."
"Não seja uma boba", disse Peter, como de costume.
"Você teria que entrar."
"Eu acho que foi muito corajoso e bom da minha parte," disse Phyllis.

"Nada disso," disse Peter; "você não entrou porque foi corajosa, mas porque Bobbie e eu não somos covardes. Agora, onde será a casa mais próxima, eu imagino? Você não pode ver nada aqui por causa das árvores."
"Há um telhado ali," disse Phyllis, apontando para longe.
"É a casa de sinalização," disse Peter, "e você sabe que não é permitido falar com operadores de sinal em serviço. É errado."
"Eu não estou nem um pouco com medo de fazer algo errado como estava de entrar naquele túnel," disse Phyllis. "Vamos," e ela começou a correr ao longo da linha. Então Peter também correu.
Estava muito quente sob o sol e as duas crianças estavam quentes e sem fôlego quando pararam, inclinando suas cabeças para olhar as janelas abertas da casa de sinalização, gritaram "Oi!" tão alto quanto seu estado sem fôlego permitia. Mas ninguém respondeu. A casa de sinalização estava quieta como um berçário vazio, e o corrimão das escadas estava quente ao toque das mãos das crianças enquanto subiam suavemente. Eles espiaram pela porta aberta. O operador estava sentado em uma cadeira inclinada contra a parede. Sua cabeça estava inclinada para o lado, e sua boca estava aberta. Ele estava profundamente adormecido.
"Minha nossa!" gritou Peter; "acorde!" E ele gritou em uma voz terrível, pois sabia que se um operador de sinal dormir durante o serviço, corre o risco de perder seu emprego, sem mencionar todos os outros riscos terríveis para os trens que esperam que ele lhes indique quando é seguro seguir seu caminho.

O operador não se moveu. Então Peter correu até ele e o sacudiu. E lentamente, bocejando e se espreguiçando, o homem acordou. Mas no momento em que acordou, ele saltou e colocou as mãos na cabeça "como um louco maníaco", como Phyllis disse depois, e gritou:—
"Oh, meu Deus — que horas são?"
"Doze e treze," disse Peter, e de fato eram pelo relógio redondo e de rosto branco na parede da casa de sinalização.
O homem olhou para o relógio, correu até as alavancas, e as puxou para cá e para lá. Uma campainha elétrica tilintou — os fios e manivelas rangiam, e o homem se jogou em uma cadeira. Ele estava muito pálido, e o suor estava em sua testa "como grandes gotas de orvalho em um repolho branco," como Phyllis comentou depois. Ele também estava tremendo; as crianças podiam ver suas grandes mãos peludas tremerem de lado a lado, "com tremores de tamanho extra," para usar as palavras subsequentes de Peter. Ele respirava fundo. Então de repente ele gritou: "Graças a Deus, graças a Deus que vocês entraram quando entraram — oh, graças a Deus!" e seus ombros começaram a tremer e seu rosto ficou vermelho novamente, e ele o escondeu naquelas grandes mãos peludas dele.
"Oh, não chore — não chore," disse Phyllis, "está tudo bem agora," e ela deu tapinhas em um dos grandes ombros largos dele, enquanto Peter batia conscientemente no outro.
Mas o operador parecia bastante abalado, e as crianças tiveram que dar tapinhas e bater nele por um bom tempo antes que ele encontrasse seu lenço — um

vermelho com ferraduras malva e brancas — e limpasse o rosto e falasse. Durante esse intervalo de tapinhas e batidas, um trem passou ruidosamente.
"Eu estou profundamente envergonhado, estou mesmo," foram as palavras do grande operador quando parou de chorar; — choramingando como um garoto. Então de repente ele pareceu ficar zangado. "E o que vocês estavam fazendo aqui, de qualquer maneira?" ele disse; "vocês sabem que não é permitido."
"Sim," disse Phyllis, "nós sabíamos que era errado, mas eu não estava com medo de fazer algo errado, e acabou dando certo. Você não está arrependido de termos vindo."
"Deus o abençoe — se vocês não tivessem vindo —" ele parou e então continuou. "É uma vergonha, isso sim, dormir no serviço. Se isso viesse a ser conhecido — mesmo como está, quando nenhum dano veio disso."
"Não virá a ser conhecido," disse Peter; "não somos fofoqueiros. De qualquer forma, você não deveria dormir durante o serviço, é perigoso."
"Me diga algo que eu não sei," disse o homem, "mas eu não posso evitar. Eu sei bem o suficiente como seria. Mas eu não pude sair. Eles não conseguiram ninguém para assumir meu serviço. Eu digo que não dormi dez minutos nos últimos cinco dias. Meu menino está doente "pneumonia, o Doutor diz "e não há ninguém além de mim e da irmãzinha dele para cuidar dele. É isso. A menina deve ter seu sono. Perigoso? Sim, eu acredito em você. Agora vá e me denuncie se quiser."

"Claro que não vamos," disse Peter, indignado, mas Phyllis ignorou a maior parte do discurso do operador, exceto as primeiras seis palavras.
"Você nos pediu," disse ela, "para te dizer algo que você não sabe. Bem, eu vou. Há um garoto no túnel lá com uma camiseta vermelha e a perna quebrada."
"O que ele queria fazer entrando no túnel, então?" disse o homem.
"Não fique tão irritado," disse Phyllis, gentilmente. "NÓS não fizemos nada de errado além de vir te acordar, e isso foi certo, como aconteceu."
Então Peter contou como o garoto veio a estar no túnel.
"Bem," disse o homem, "não vejo o que eu posso fazer. Não posso deixar a caixa."
"Você poderia nos dizer onde ir procurar alguém que não esteja em uma caixa, não é," disse Phyllis.
"Há a fazenda de Brigden logo ali — onde você vê a fumaça subindo pelas árvores," disse o homem, cada vez mais rabugento, como Phyllis notou.
"Bem, então até logo," disse Peter.
Mas o homem disse, "Espere um minuto." Ele colocou a mão no bolso e tirou algum dinheiro, um monte de moedas de um e dois shillings e seis pences e um meio coroa. Ele escolheu dois shillings e os segurou.
"Aqui," ele disse. "Vou te dar isso para manter a boca fechada sobre o que aconteceu hoje."
Houve uma breve pausa desagradável. Então:—
"Você É um homem desagradável, não é?" disse Phyllis.
Peter deu um passo à frente e bateu na mão do homem, de modo que os shillings pularam e rolaram no chão.

"Se algo PUDESSE qu te deduraria, ISSO eu faria!" ele disse. "Vamos, Phil," e marchou para fora da casa de sinalização com as bochechas em chamas.
Phyllis hesitou. Então ela pegou a mão, ainda estendida estupidamente, que tinha as moedas.
"Eu te perdoo," ela disse, "mesmo que Peter não. Você não está em seu perfeito juízo, ou nunca teria feito isso. Eu sei que a falta de sono deixa as pessoas loucas. Minha mãe me disse. Espero que seu garotinho melhore logo, e—"
"Vamos, Phil," gritou Peter, ansiosamente.
"Eu dou minha palavra de honra sagrada que nunca diremos a ninguém. Vamos fazer as pazes e seja meu amigo," disse Phyllis, sentindo como era nobre de sua parte tentar fazer as pazes em uma briga na qual ela não tinha culpa.
O operador se abaixou e a beijou.
"Acho que estou um pouco fora de mim, Sissy," ele disse. "Agora corram para casa e para a mamãe. Eu não quis incomodá-los — pronto."
Então Phil deixou a quente casa de sinalização e seguiu Peter através dos campos até a fazenda.
Quando os homens da fazenda, liderados por Peter e Phyllis e carregando um obstáculo coberto com cobertores de cavalo, chegaram ao poço de visita no túnel, Bobbie estava dormindo profundamente e Jim também. Exaustos com a dor, disse o Doutor depois.
"Onde ele mora?" perguntou o administrador da fazenda quando Jim foi colocado na maca.
"Em Northumberland," respondeu Bobbie.

"Eu estou na escola em Maidbridge," disse Jim. "Acho que tenho que voltar para lá, de algum modo."
"Me parece que o Doutor deveria dar uma olhada primeiro," disse o administrador.
"Oh, leve-o para nossa casa," disse Bobbie. "É só um pouquinho pela estrada. Tenho certeza de que a mamãe diria que deveria."
"Será que sua mãezinha vai gostar de você levando estranhos para casa com pernas quebradas?"
"Ela mesma levou o pobre russo para casa," disse Bobbie. "Eu sei que ela diria que deveríamos."
"Certo," disse o administrador, "você deve saber o que sua mãezinha gostaria. Eu não levaria para nossa casa sem perguntar à esposa primeiro, e eles me chamam de Mestre, também."
"Tem certeza de que sua mãe não vai se importar?" sussurrou Jim.
"Estou certa," disse Bobbie.
"Então devemos levá-lo para Três Chaminés?" disse o administrador.
"Claro," disse Peter.
"Então meu garoto vai até o Doutor de bicicleta e diz a ele para vir para cá. Agora, caras, levantem-no suave e com cuidado. Um, dois, três!"

* * * * * *

Assim aconteceu que a Mãe, escrevendo freneticamente uma história sobre uma Duquesa, um vilão traiçoeiro, uma passagem secreta e um testamento desaparecido, deixou cair a caneta quando a porta de seu escritório se abriu de repente, e se virou para ver Bobbie sem chapéu e vermelha de tanto correr.

"Ah, Mãe," ela gritou, "por favor, venha. Encontramos um cão de caça com um suéter vermelho no túnel, e ele quebrou a perna e estão trazendo-o para casa."
"Deviam levá-lo ao veterinário," disse a Mãe, com um franzir preocupado na testa, "eu realmente NÃO POSSO ter um cão aleijado aqui."
"Ele não é realmente um cão - ele é um menino," disse Bobbie, entre risos e ofegante.
"Então ele deveria ser levado para casa, para a mãe dele."
"A mãe dele está morta," disse Bobbie, "e o pai dele está em Northumberland. Ah, Mãe, você será gentil com ele? Eu disse para ele que tinha certeza de que você ia querer que o trouxéssemos para casa. Você sempre quer ajudar todo mundo."
A Mãe sorriu, mas também suspirou. É bom que seus filhos acreditem que você está disposta a abrir a casa e o coração para qualquer um que precise de ajuda. Mas é um pouco embaraçoso às vezes, também, quando eles agem baseados nessa crença.
"Bem, então," disse a Mãe, "nós devemos fazer o melhor que pudermos."
Quando Jim foi carregado para dentro, terrivelmente pálido e com os lábios apertados cujo vermelho tinha desbotado para uma horrível cor azulada violeta, a Mãe disse:
"Estou contente que vocês o trouxeram para cá. Agora, Jim, vamos colocá-lo confortável na cama antes que o Doutor chegue!"
E Jim, olhando nos olhos bondosos dela, sentiu um pequeno, quente e reconfortante sopro de nova coragem.

"Vai doer bastante, não vai?" ele disse. "Eu não quero ser um covarde. Você não vai me achar um covarde se eu desmaiar de novo, vai? Eu realmente e verdadeiramente não faço isso de propósito. E eu realmente odeio dar todo esse trabalho para você."
"Não se preocupe," disse a Mãe; "é você que está com problemas, querido, não nós."
E ela o beijou como se ele fosse Peter. "Adoramos tê-lo aqui — não é, Bobbie?"
"Sim," disse Bobbie "e ela viu pelo rosto da Mãe como tinha agido corretamente ao trazer para casa o ferido cão de caça no suéter vermelho.

Capítulo 13: O Avô do Cão de Caça

A mãe não voltou a escrever o dia todo, pois o garoto de suéter vermelho que as crianças trouxeram para os Três Chaminés precisava ser posto para dormir. E então o Doutor veio e o machucou terrivelmente. A mãe ficou com ele durante tudo, e isso fez com que fosse um pouco melhor do que seria, mas "o péssimo já era o melhor", como disse a Sra. Viney.
As crianças estavam sentadas na sala de estar no andar de baixo e ouviam o som das botas do Doutor indo para frente e para trás no chão do quarto. E uma ou duas vezes houve um gemido.
"É horrível," disse Bobbie. "Ah, eu gostaria que o Dr. Forrest se apressasse. Ah, pobre Jim!"

"É HORRÍVEL," disse Peter, "mas é muito emocionante. Gostaria que os doutores não fossem tão metidos sobre quem eles aceitam na sala quando estão fazendo coisas. Eu adoraria ver um osso ser ajustado. Acredito que os ossos fazem um barulho horrível."
"Pare!" disseram as duas garotas de uma vez.
"Bobagem!" disse Peter. "Como vocês vão ser enfermeiras da Cruz Vermelha, como estavam falando ao voltar para casa, se não conseguem nem ouvir eu falar sobre ossos estalando? Vocês teriam que ouvi-los estalar no campo de batalha—e ficar cobertas de sangue até os cotovelos, quem sabe, e—"
"Parem com isso!" gritou Bobbie, com o rosto pálido; "você não sabe quão estranho você está me fazendo sentir."
"Eu também," disse Phyllis, cujo rosto estava corado.
"Covardes!" disse Peter.
"Eu não sou," disse Bobbie. "Eu ajudei a mamãe com o seu pé ferido pelo ancinho, e a Phil também ajudou—você sabe disso."
"Então pronto!" disse Peter. "Agora, veja só. Seria uma boa coisa para vocês se eu falasse todos os dias por meia hora sobre ossos quebrados e o interior das pessoas, para que vocês se acostumassem."
Uma cadeira foi movida acima.
"Ouçam," disse Peter, "isso é o osso estalando."
"Eu realmente gostaria que você não fizesse isso," disse Phyllis. "A Bobbie não gosta."
"Eu vou te contar o que eles fazem," disse Peter. Não consigo entender o que o fez ser tão horrível. Talvez fosse porque ele tinha sido tão gentil e amável durante

toda a parte anterior do dia, e agora precisava mudar. Isso é chamado de reação. Nota-se isso de vez em quando em si mesmo. Às vezes, quando se foi extremamente bom por mais tempo do que o usual, de repente é atacado por uma violenta crise de não ser bom. "Vou te contar o que eles fazem," disse Peter; "eles prendem o homem quebrado para que ele não possa resistir ou interferir nos planos médicos deles, e então alguém segura sua cabeça, e alguém segura sua perna—a quebrada, e a puxa até que os ossos se encaixem—com um estalo, veja bem! Então eles o enfaixam e—vamos brincar de ajustar ossos!"
"Ah, não!" disse Phyllis.
Mas Bobbie disse de repente: "Tudo bem—VAMOS! Eu serei o médico, e a Phil pode ser a enfermeira. Você pode ser o quebrado; podemos mexer nas suas pernas mais facilmente porque você não usa saia."
"Vou buscar as talas e ataduras," disse Peter; "você prepara o sofá do sofrimento."
As cordas que tinham amarrado as caixas que vieram de casa estavam todas em uma caixa de madeira no porão. Quando Peter trouxe uma emaranhado delas, e duas tábuas para talas, Phyllis estava rindo animadamente.
"Agora sim," ele disse, e deitou no sofá, gemendo dolorosamente.
"Não tão alto!" disse Bobbie, começando a enrolar a corda ao redor dele e do sofá. "Você puxa, Phil."
"Não tão apertado," gemeu Peter. "Você vai quebrar minha outra perna."
Bobbie continuou em silêncio, enrolando mais e mais corda nele.

"Já chega," disse Peter. "Não posso me mexer. Ah, minha pobre perna!" Ele gemeu novamente.
"TEM CERTEZA que não pode se mexer?" perguntou Bobbie, num tom um tanto estranho.
"Absoluta certeza," respondeu Peter. "Devemos fingir que está sangrando muito ou não?" ele perguntou alegremente.
"VOCÊ pode brincar do que quiser," disse Bobbie, severamente, cruzando os braços e olhando para ele onde ele estava completamente enrolado com a corda. "Phil e eu vamos embora. E não vamos te desamarrar até que você prometa nunca, nunca falar conosco sobre sangue e feridas a menos que a gente diga que pode. Vamos, Phil!"
"Seu monstro!" disse Peter, contorcendo-se. "Nunca vou prometer, nunca. Vou gritar, e a mamãe virá."
"Faça isso," disse Bobbie, "e diga a ela por que te amarramos! Vamos, Phil. Não, eu não sou uma fera, Peter. Mas você não parou quando pedimos e—"
"Pff," disse Peter, "nem foi ideia sua. Você copiou do Stalky!"
Bobbie e Phil, retirando-se com dignidade silenciosa, encontraram-se na porta com o Doutor. Ele entrou esfregando as mãos e parecendo contente consigo mesmo.
"Bem," ele disse, "ESSE trabalho está feito. É uma fratura limpa, e vai se recuperar, sem dúvida. Jovem corajoso, também—oh! o que é isso?"
Seus olhos pousaram em Peter, que estava quieto em suas amarras no sofá.

"Brincando de prisioneiros, hein?" ele disse; mas suas sobrancelhas se levantaram um pouco. De alguma forma, ele não pensou que Bobbie estaria brincando enquanto, no quarto acima, alguém estava tendo um osso ajustado.
"Oh, não!" disse Bobbie, "não de PRISIONEIROS. Estávamos brincando de ajustar ossos. Peter é o quebrado, e eu era o médico."
O doutor franziu a testa.
"Então devo dizer," ele disse, e disse um tanto severamente, "que é um jogo muito insensível. Vocês não têm imaginação suficiente para ao menos imaginar vagamente o que está acontecendo lá em cima? Aquele pobre rapaz, com gotas de suor na testa, mordendo os lábios para não gritar, e cada toque na perna é uma agonia e—"
"VOCÊ deveria estar amarrado," disse Phyllis; "você é tão mau quanto—"
"Silêncio," disse Bobbie; "sinto muito, mas realmente não fomos insensíveis."
"Eu fui, suponho," disse Peter, irritado. "Tudo bem, Bobbie, não continue sendo nobre e me protegendo, porque eu realmente não quero. Eu só continuei falando sobre sangue e feridas. Queria treiná-las para serem enfermeiras da Cruz Vermelha. E não parei quando me pediram."
"E daí?" disse Dr. Forrest, sentando-se.
"E daí—então eu disse, 'Vamos brincar de ajustar ossos.' Era só besteira. Eu sabia que a Bobbie não faria. Eu só disse isso para provocá-la. E então quando ela disse 'sim,' claro que tive que continuar. E elas me amarraram. Elas

tiraram isso do Stalky. E eu acho isso uma tremenda injustiça."
Ele conseguiu contorcer-se e esconder o rosto contra o encosto de madeira do sofá.
"Eu não pensei que alguém saberia, apenas nós," disse Bobbie, indignada, respondendo à acusação não verbalizada de Peter. "Nunca pensei que você entraria. E ouvir sobre sangue e feridas realmente me faz sentir extremamente estranha. Foi só uma brincadeira nós amarrá-lo. Deixe-me te desamarrar, Pete."
"Não me importo se você nunca me desamarrar," disse Peter; "E se essa é sua ideia de uma piada—"
"Se eu fosse você," disse o Doutor, embora realmente ele não soubesse bem o que dizer, "Eu me desamarraria antes que sua mãe descesse. Você não quer preocupá-la agora, quer?"
"Não prometo nada sobre não falar de feridas, entenda," disse Peter, em tom muito mal-humorado, enquanto Bobbie e Phyllis começavam a desatar os nós.
"Sinto muito, Pete," Bobbie sussurrou, inclinando-se perto dele enquanto mexia com o grande nó sob o sofá; "mas se você soubesse quão enjoada você me fez sentir."
"Você me fez sentir bem enjoado, eu te garanto," Peter respondeu. Então ele sacudiu as cordas soltas e se levantou.
"Eu dei uma passada," disse o Dr. Forrest, "para ver se um de vocês podia vir até o consultório. Há algumas coisas que sua mãe vai precisar imediatamente, e eu dei um dia de folga ao meu assistente para ir ver o circo; você vem, Peter?"

Peter foi sem uma palavra ou olhar para suas irmãs. Os dois andaram em silêncio até o portão que levava do campo dos Três Chaminés para a estrada. Então Peter disse:
"Deixe-me carregar sua bolsa. Caramba, está pesada—o que tem aqui dentro?"
"Oh, facas e lancetas e diferentes instrumentos para machucar pessoas. E o frasco de éter. Tive que dar éter a ele, sabe—a agonia era tão intensa."
Peter ficou em silêncio.
"Conte-me tudo sobre como você encontrou aquele rapaz," disse o Dr. Forrest.
Peter contou. E então o Dr. Forrest contou a ele histórias de resgates corajosos; ele era um homem muito interessante para se conversar, como Peter já havia observado muitas vezes.
Então, no consultório, Peter teve uma chance melhor do que nunca de examinar a balança do médico, seu microscópio, suas escalas e copos medidores. Quando todas as coisas estavam prontas para Peter levar de volta, o Doutor disse de repente:
"Você desculpa eu me intrometer, não é? Mas gostaria de dizer algo a você."
"Agora vem um sermão," pensou Peter, que vinha se perguntando como tinha escapado de um.
"Algo científico," acrescentou o Doutor.
"Sim," disse Peter, brincando com o fóssil de amonite que o Doutor usava como peso de papel.
"Bem, aí está. Meninos e meninas são apenas homens e mulheres pequenos. E NÓS somos muito mais duros e resistentes do que eles são—" (Peter gostou do "nós."

Talvez o Doutor soubesse que ele gostaria.)—"e muito mais fortes, e coisas que os machucam não nos machucam. Você sabe que não deve bater em uma garota—"
"Eu penso que não, realmente," murmurou Peter, indignado.
"Nem mesmo se ela for sua própria irmã. Isso porque as meninas são muito mais suaves e fracas que nós; elas têm que ser, sabe," ele acrescentou, "porque se não fossem, não seria bom para os bebês. E é por isso que todos os animais são tão bons com as mães animais. Eles nunca lutam com elas, sabe."
"Eu sei", disse Peter, interessado; "dois coelhos machos lutam o dia todo se você deixar, mas não machucam uma fêmea."
"Não; e animais selvagens mesmo—leões e elefantes—são extremamente gentis com as fêmeas. E nós temos que ser também."
"Entendi", disse Peter.
"E os corações delas são sensíveis também", continuou o Doutor, "e coisas que não pensamos muito as machucam terrivelmente. Então, um homem tem que ser muito cuidadoso, não só com os punhos, mas também com as palavras. Elas são muito corajosas, sabe", ele prosseguiu. "Pense na Bobbie esperando sozinha no túnel com aquele pobre rapaz. É estranho—a mais suave e facilmente ferida a mulher é, melhor ela consegue se controlar para fazer o que PRECISA ser feito. Já vi mulheres muito valentes—sua mãe é uma delas", ele terminou abruptamente.
"Sim", disse Peter.

"Bem, é isso. Desculpe por mencionar isso. Mas ninguém sabe de tudo sem que lhe digam. E você entende o que quero dizer, não entende?"
"Sim", disse Peter. "Desculpe. Pronto!"
"Claro que você está! As pessoas sempre estão—assim que elas entendem. Todos deveriam ser ensinados sobre esses fatos científicos. Até logo!"
Eles apertaram as mãos calorosamente. Quando Peter voltou para casa, suas irmãs o olharam com desconfiança.
"É Pax", disse Peter, colocando a cesta na mesa. "O Dr. Forrest esteve me falando sobre ciência. Não adianta eu contar o que ele disse; vocês não entenderiam. Mas, no fim, ele disse que vocês, meninas, são pobres, frágeis, fracas e assustadas como coelhas, então nós, homens, temos que suportá-las. Ele disse que vocês eram bestas fêmeas. Devo levar isso para a mamãe, ou vocês levam?"
"Eu sei o que são os MENINOS", disse Phyllis, com as bochechas ardendo; "são apenas os mais desagradáveis, rudes—"
"Eles são muito corajosos", disse Bobbie, "às vezes."
"Ah, você quer dizer o cara lá em cima? Entendi. Vá em frente, Phil—vou suportar o que você disser porque você é uma pobre, fraca, assustada, suave—"
"Não se eu puxar seu cabelo, você não vai", disse Phyllis, pulando em cima dele.
"Ele disse 'Pax'", disse Bobbie, puxando-a. "Não percebe", ela sussurrou enquanto Peter pegava a cesta e saía com ela, "ele está realmente arrependido, só que não quer admitir? Vamos dizer que sentimos muito."

"É tão bonzinho", disse Phyllis, duvidosa; "ele disse que éramos bestas fêmeas, e suaves e assustadas—"
"Então vamos mostrar a ele que não temos medo dele achando que somos boazinhas", disse Bobbie; "e não somos mais bestas do que ele é."
E quando Peter voltou, ainda com o queixo erguido, Bobbie disse:—
"Sentimos muito por ter amarrado você, Pete."
"Eu sabia que vocês estariam arrependidas", disse Peter, muito rígido e superior.
Isso foi difícil de suportar. Mas—
"Bem, somos sim", disse Bobbie. "Agora que a honra seja satisfeita de ambos os lados."
"Eu pedi Pax", disse Peter, em um tom ofendido.
"Então que seja Pax", disse Bobbie. "Vamos, Phil, vamos preparar o chá. Pete, poderia pôr a mesa?"
"Eu digo", disse Phyllis, quando a paz foi realmente restaurada, o que não ocorreu até estarem lavando as xícaras após o chá, "o Dr. Forrest não DISSE REALMENTE que éramos bestas fêmeas, disse?"
"Sim", disse Peter, firmemente, "mas acho que ele quis dizer que nós, homens, éramos bestas selvagens também."
"Que engraçado!" disse Phyllis, quebrando uma xícara.

* * * * * *

"Posso entrar, mãe?" Peter estava à porta da sala de escrita da mãe, onde ela estava sentada à mesa com duas velas à sua frente. As chamas pareciam laranja e violeta contra o azul-cinza claro do céu, onde algumas estrelas já brilhavam.

"Sim, querido", disse a mãe, distraidamente, "algo errado?" Ela escreveu mais algumas palavras e então colocou a caneta de lado e começou a dobrar o que tinha escrito. "Eu estava apenas escrevendo ao avô do Jim. Ele mora aqui perto, sabe."
"Sim, você disse isso no chá. É o que quero dizer. Você realmente precisa escrever para ele, mãe? Não poderíamos ficar com o Jim e não dizer nada à família dele até ele estar bem? Seria uma surpresa incrível para eles."
"Bem, sim", disse a mãe, rindo, "eu acho que seria."
"Veja", continuou Peter, "é claro que as meninas estão bem e tal—não estou dizendo nada contra ELAS. Mas eu gostaria de ter outro rapaz para conversar às vezes."
"Sim", disse a mãe, "sei que é entediante para você, querido. Mas não posso evitar. No próximo ano, talvez eu possa mandá-lo para a escola—você gostaria, não gostaria?"
"Eu sinto falta dos outros rapazes, meio que sinto", confessou Peter; "mas se o Jim pudesse ficar depois que a perna dele estivesse bem, poderíamos nos divertir muito."
"Não tenho dúvida disso", disse a mãe. "Bem—talvez ele possa, mas você sabe, querido, não somos ricos. Não posso pagar tudo o que ele precisará. E ele deve ter uma enfermeira."
"Você não pode cuidar dele, mãe? Você cuida das pessoas tão bem."
"É um elogio bonito, Pete—mas não posso fazer enfermagem e minha escrita ao mesmo tempo. Isso é o pior de tudo."

"Então você DEVE enviar a carta para o avô dele?"
"É claro—e para o mestre dele também. Enviamos um telegrama para ambos, mas também devo escrever. Eles estarão terrivelmente ansiosos."
"Eu digo, mãe, por que o avô dele não pode pagar uma enfermeira?" Peter sugeriu. "Isso seria ótimo. Imagino que o velho deve estar nadando em dinheiro. Avôs em livros sempre estão."
"Bem, este não está em um livro", disse a mãe, "então não devemos esperar que ele tenha muito."
"Eu digo", disse Peter, pensativo, "não seria legal se nós ESTIVÉSSEMOS em um livro, e você estivesse escrevendo ele? Então você poderia fazer todo tipo de coisas legais acontecerem, e fazer a perna do Jim melhorar de repente e ficar boa amanhã, e o pai voltar para casa logo e—"
"Você sente muita falta do seu pai?" A mãe perguntou, um tanto friamente, Peter achou.
"Um monte", disse Peter, brevemente.
A mãe estava envelopando e endereçando a segunda carta.
"Veja", continuou Peter lentamente, "não é só por ele SER pai, mas agora que ele está longe não há outro homem na casa além de mim—isso é o motivo pelo qual eu quero que o Jim fique aqui tanto. Você não gostaria de estar escrevendo aquele livro com todos nós dentro, mãe, e fazer o papai voltar logo para casa?"
A mãe de Peter o abraçou repentinamente e o apertou em silêncio por um minuto. Então ela disse:—
"Você não acha que é meio legal pensar que estamos em um livro que Deus está escrevendo? Se eu estivesse

escrevendo o livro, poderia cometer erros. Mas Deus sabe como fazer a história terminar bem—do jeito que é melhor para nós."
"Você realmente acredita nisso, mãe?" Peter perguntou calmamente.
"Sim", ela disse, "eu realmente acredito—quase sempre—exceto quando estou tão triste que não consigo acreditar em nada. Mas mesmo quando não consigo acreditar, eu sei que é verdade—e tento acreditar. Você não sabe como eu tento, Peter. Agora leve as cartas ao correio e não vamos ficar tristes mais. Coragem, coragem! Essa é a melhor de todas as virtudes! Eu diria que o Jim ficará aqui por mais duas ou três semanas."
Pelo restante da noite, Peter estava tão angelical que Bobbie temia que ele estivesse ficando doente. Ela ficou bastante aliviada pela manhã ao vê-lo trançando o cabelo de Phyllis na parte de trás da cadeira como costumava fazer.
Foi logo após o café da manhã que uma batida veio à porta. As crianças estavam ocupadas limpando os castiçais de latão em honra à visita de Jim.
"Deve ser o médico", disse a mãe; "vou atender. Fechem a porta da cozinha—vocês não estão apresentáveis."
Mas não era o médico. Eles souberam pela voz e pelo som das botas que subiam as escadas. Eles não reconheceram o som das botas, mas todos tinham certeza de que já tinham ouvido a voz antes.
Houve um intervalo um tanto longo. As botas e a voz não desceram novamente.
"Quem pode ser?" eles ficaram se perguntando e perguntando uns aos outros.

"Talvez", disse Peter finalmente, "o Dr. Forrest foi atacado por bandidos e deixado para morrer, e este é o homem para quem ele telegrafou para substituí-lo. A senhora Viney disse que ele tinha um inquilino local para fazer seu trabalho quando saía de férias, não disse, Mrs. Viney?"
"Disse sim, querido", respondeu Mrs. Viney da cozinha nos fundos.
"Ele caiu em um desmaio, mais provavelmente", disse Phyllis, "todos os socorros humanos desesperados. E este é o homem que veio dar a notícia para a mãe."
"Bobagem!" disse Peter, rapidamente; "A mãe não teria levado o homem até o quarto do Jim. Por que ela faria isso? Ouçam—a porta está abrindo. Agora eles vão descer. Vou abrir a porta uma fresta."
Ele fez isso.
"Não é escuta", respondeu indignado aos comentários escandalizados de Bobbie; "ninguém em sã consciência contaria segredos nas escadas. E a mãe não teria segredos para contar com o cocheiro do Dr. Forrest—e você disse que era ele."
"Bobbie", chamou a voz da mãe.
Eles abriram a porta da cozinha, e a mãe se inclinou sobre o corrimão da escada.
"O avô do Jim chegou", ela disse; "lavem as mãos e o rosto e então poderão vê-lo. Ele quer ver vocês!" A porta do quarto se fechou novamente.
"Agora sim!" disse Peter; "imagine a gente nem pensar nisso! Vamos pegar um pouco de água quente, Mrs. Viney. Estou tão sujo quanto seu chapéu."

Os três estavam realmente sujos, pois o produto que limpa castiçais de latão está longe de limpar o limpador. Ainda estavam ocupados com sabão e flanela quando ouviram as botas e a voz descerem as escadas e entrarem na sala de jantar. E quando estavam limpos, embora ainda molhados—porque leva tanto tempo para secar as mãos adequadamente, e eles estavam muito impacientes para ver o avô—entraram enfileirados na sala de jantar.

A mãe estava sentada no banco da janela, e na poltrona de couro que o pai sempre usava na outra casa estava—

O SENHOR IDOSO AMIGO DELES!

"Bem, sem chances", disse Peter, antes mesmo de dizer "Como vai?" Ele estava, como explicou depois, tão surpreso que até esqueceu de que existe tal coisa como a polidez—muito menos para praticá-la.

"É o nosso amigo senhor idoso!" disse Phyllis.

"Oh, é você!" disse Bobbie. E então eles se lembraram de si mesmos e de suas maneiras e disseram: "Como vai?", de maneira muito educada.

"Este é o avô do Jim, Sr. ——" disse a Mãe, mencionando o nome do velho cavalheiro.

"Que maravilhoso!" disse Peter; "é exatamente como em um livro, não é, Mãe?"

"É, um pouco", disse a Mãe, sorrindo; "às vezes acontecem coisas na vida real que são um pouco parecidas com livros."

"Estou tão feliz que é VOCÊ", disse Phyllis; "quando você pensa na quantidade de senhores idosos que existem no mundo—poderia ter sido quase qualquer pessoa."

"Mas veja", disse Peter, "você não vai levar o Jim embora, vai?"
"Por enquanto não", disse o velho cavalheiro. "Sua Mãe gentilmente consentiu em deixá-lo ficar aqui. Pensei em enviar uma enfermeira, mas sua Mãe foi generosa o suficiente para dizer que cuidará dele pessoalmente."
"Mas e a escrita dela?" disse Peter, antes que alguém pudesse interrompê-lo. "Não haverá nada para ele comer se a Mãe não escrever."
"Está tudo bem", disse a Mãe, apressadamente.
O velho cavalheiro olhou com muita gentileza para a Mãe.
"Entendo", ele disse, "você confia em seus filhos."
"Claro", disse a Mãe.
"Então posso contar a eles sobre nosso pequeno arranjo", ele disse. "Sua Mãe, meus queridos, consentiu em parar de escrever por um tempo e se tornar a Diretora do meu Hospital."
"Oh!" disse Phyllis, espantada; "e vamos ter que sair de Três Chaminés e da Ferrovia e de tudo?"
"Não, não, querida", disse a Mãe, apressadamente.
"O Hospital se chama Hospital Três Chaminés", disse o velho cavalheiro, "e meu azarado Jim é o único paciente, e espero que continue assim. Sua Mãe será a Diretora, e haverá uma equipe hospitalar composta por uma empregada e uma cozinheira—até que Jim esteja bem."
"E então a Mãe voltará a escrever?", perguntou Peter.
"Veremos", disse o velho cavalheiro, com um rápido olhar para Bobbie; "talvez algo bom aconteça e ela não precise."
"Eu amo escrever", disse a Mãe, rapidamente.

"Eu sei", disse o velho cavalheiro; "não tenha medo de que eu vá tentar interferir. Mas nunca se sabe. Coisas muito maravilhosas e bonitas acontecem, não é? E vivemos a maior parte de nossas vidas na esperança delas. Posso voltar para ver o menino?"
"Com certeza", disse a Mãe, "e não sei como agradecer por tornar possível que eu cuide dele. Querido menino!"
"Ele continuou chamando pela Mamãe durante a noite", disse Phyllis. "Acordei duas vezes, eu ouvi."
"Ele não se referia a mim", disse a Mãe, em voz baixa ao velho cavalheiro; "por isso eu queria tanto mantê-lo."
O velho cavalheiro levantou-se.
"Estou tão feliz", disse Peter, "que você vai cuidar dele, Mãe."
"Cuide da sua Mãe, meus queridos", disse o velho cavalheiro. "Ela é uma mulher extraordinária."
"Sim, não é?", sussurrou Bobbie.
"Deus a abençoe", disse o velho cavalheiro, segurando as mãos da Mãe, "Deus a abençoe! Ah, e ela será abençoada. Meu Deus, onde está meu chapéu? Bobbie irá comigo até o portão?"
No portão ele parou e disse:
"Você é uma boa criança, minha querida—recebi sua carta. Mas não era necessária. Quando li sobre o caso do seu pai nos jornais na época, tive minhas dúvidas. E desde que descobri quem vocês eram, tenho tentado descobrir algumas coisas. Ainda não fiz muito. Mas tenho esperanças, minha querida—tenho esperanças."
"Oh!" disse Bobbie, engasgando um pouco.

"Sim—posso dizer grandes esperanças. Mas guarde seu segredo ainda um pouco. Não seria bom perturbar sua Mãe com uma falsa esperança, seria?"
"Oh, mas não é falsa!" disse Bobbie; "EU SEI que você pode fazer isso. Eu sabia que você podia quando escrevi. Não é uma falsa esperança, é?"
"Não", ele disse, "não acho que seja uma falsa esperança, ou eu não teria te contado. E acho que você merece saber que HÁ uma esperança."
"E você não acha que o Pai fez isso, acha? Oh, diga que não acha que ele fez."
"Minha querida", ele disse, "tenho CERTEZA ABSOLUTA de que ele não fez."
Se era uma falsa esperança, era uma esperança muito radiante que permanecia aquecida no coração de Bobbie, e nos dias que se seguiram iluminou seu rostinho como uma lanterna japonesa iluminada pela vela dentro dela.

Capítulo 14: O Fim

A vida em Três Chaminés nunca mais foi a mesma depois que o velho cavalheiro veio ver seu neto. Embora agora soubessem seu nome, as crianças nunca o chamavam assim—pelo menos, quando estavam sozinhas. Para eles, ele continuava sendo o velho cavalheiro, e acho melhor que ele seja o velho cavalheiro para nós também. Não pareceria mais real para vocês, não é mesmo, se eu dissesse que o nome dele era Snooks ou Jenkins (o que não era)? — e, afinal, eu tenho o direito de guardar um segredo. É o único; eu contei tudo o mais, exceto o que vou contar neste capítulo, que é o último. Pelo menos,

claro, não contei TUDO. Se fizesse isso, o livro nunca teria fim, e isso seria uma pena, não seria?
Bem, como eu estava dizendo, a vida em Três Chaminés nunca mais foi a mesma. A cozinheira e a empregada eram muito simpáticas (não me importo de contar os nomes delas: eram Clara e Ethelwyn), mas elas disseram à Mãe que não gostavam muito da Sra. Viney, e que ela era uma velha atrapalhada. Assim, a Sra. Viney vinha somente dois dias por semana para lavar e passar roupa. Então, Clara e Ethelwyn disseram que poderiam fazer o trabalho se não fossem interrompidas, e isso significava que as crianças não preparavam mais o chá, nem arrumavam a mesa, lavavam a louça do chá ou espanavam os cômodos.
Isso deixaria um espaço vazio em suas vidas, embora muitas vezes tivessem fingido para si mesmas e entre si que odiavam o trabalho doméstico. Mas agora que a Mãe não tinha que escrever nem fazer tarefas de casa, ela tinha tempo para aulas. E aulas as crianças tinham que fazer. Por mais simpática que seja a pessoa que está lhe ensinando, aulas são aulas em todo o mundo, e na melhor das hipóteses são menos divertidas do que descascar batatas ou acender o fogo.
Por outro lado, se a Mãe agora tinha tempo para aulas, também tinha tempo para brincar, e para inventar pequenas rimas para as crianças como costumava fazer. Ela não tinha tido muito tempo para rimas desde que chegou a Três Chaminés.
Havia algo muito estranho sobre essas aulas. O que quer que as crianças estivessem fazendo, elas sempre queriam estar fazendo outra coisa. Quando Peter

estudava Latim, ele achava que seria melhor estar aprendendo História como Bobbie. Bobbie teria preferido Aritmética, que era o que Phyllis estava fazendo, e Phyllis, claro, achava Latim a lição mais interessante. E assim por diante.

Então, um dia, quando se sentaram para as aulas, cada um deles encontrou uma pequena rima em seu lugar. Incluí as rimas para mostrar que a Mãe deles realmente entendia um pouco como as crianças se sentem sobre as coisas, e também o tipo de palavras que elas usam, o que é algo que poucas pessoas adultas fazem. Suponho que a maioria dos adultos tem memória muito ruim, e esqueceram como se sentiam quando eram pequenos. Claro que os versos são supostos para serem falados pelas crianças.

PETER

Eu achava César fácil de aprender—
  Quão ingênuo eu fui para crer!
Quando nos ensinam César a valer
  Mal sabemos o que isso irá ser.
Oh, verbos são coisas bobas e más.
Prefiro aprender datas reais!

BOBBIE

O pior de todas as lições
  É saber quem sucedeu a quem
Em longas filas de rainhas e reis,
  Com datas de tudo que eles fazem:
Com datas que te deixam mal;—
Gostaria que fosse Aritmética!

PHYLLIS

Maçãs e mais maçãs enchem

Meu quadro—qual o preço que você pagaria?
Você risca os números até
Chorar sobre o dividendo.
Quebraria o quadro e gritaria de alegria
Se fizesse Latim como os meninos!

Esse tipo de coisa, claro, tornava as aulas muito mais divertidas. É algo saber que a pessoa que te ensina vê que não é tudo fácil para você, e não pensa que é apenas burrice sua não saber as lições até aprendê-las! Depois que a perna de Jim foi melhorando, era muito agradável subir e sentar com ele e ouvir histórias sobre sua vida escolar e os outros meninos. Havia um garoto chamado Parr, de quem Jim parecia ter a pior impressão possível, e outro garoto chamado Wigsby Minor, cujas opiniões Jim respeitava muito. Também havia três irmãos chamados Paley, e o mais jovem era chamado Paley Terts, e se envolvia muito em brigas.

Peter absorvia tudo com grande alegria, e a Mãe parecia ter ouvido com algum interesse, pois um dia deu a Jim uma folha de papel na qual escrevera uma rima sobre Parr, mencionando Paley e Wigsby de uma maneira mais maravilhosa, assim como todas as razões de Jim para não gostar de Parr, e a sábia opinião de Wigsby a respeito. Jim ficou extremamente satisfeito. Ele nunca tinha tido uma rima escrita especialmente para ele antes. Ele a leu até decorá-la, e então a enviou para Wigsby, que gostou quase tanto quanto Jim. Talvez você também goste.

O NOVO MENINO

Seu nome é Parr: ele diz que
Come pão e leite no chá.

Diz que seu pai matou um urso.
Diz que sua mãe corta seu cabelo.
Usa galochas quando está molhado.
Ouvi seus pais chamá-lo de "Querido"!
Ele não tem vergonha;
Contou aos rapazes seu nome de batismo.
Não consegue guardar o wicket
Tem medo da bola de críquete.
Lê em casa por horas a fio.
Sabe os nomes de flores horríveis.
Fala francês como o Mossoo—
Uma coisa horrivelmente pretensiosa—
Não guarnece a caverna, furta sua vez
E diz que veio à escola para aprender!
Não joga futebol, diz que dói;
Não lutaria com Paley Terts;
Não conseguiria assobiar se tentasse,
E quando rimos dele, chorou!
Agora Wigsby Minor diz que Parr
É apenas como todos os novos meninos são.
Eu sei que quando cheguei à escola
Eu não era tão bobo alegre!

Jim nunca conseguia entender como a Mãe podia ser tão inteligente para fazer aquilo. Para os outros parecia legal, mas normal. Você vê, eles sempre foram acostumados a ter uma mãe que poderia escrever versos do jeito que as pessoas falam, até mesmo a expressão chocante no final da rima, que era única de Jim.

Jim ensinou a Peter a jogar xadrez e damas e dominó, e ao todo foi um período calmo e agradável.

Somente a perna de Jim foi melhorando e melhorando, e uma sensação geral começou a se desenvolver entre Bobbie, Peter e Phyllis de que algo deveria ser feito para entretê-lo; não apenas jogos, mas algo realmente grandioso. Mas era extremamente difícil pensar em algo.
"Não adianta", disse Peter, quando todos eles pensaram e pensaram até suas cabeças ficarem pesadas e inchadas; "se não conseguirmos pensar em algo para entretê-lo, simplesmente não conseguimos, e ponto final. Talvez algo aconteça por conta própria que ele goste."
"As coisas às vezes acontecem por si só, sem que você as faça", disse Phyllis, como se, normalmente, tudo o que acontecesse no mundo fosse obra dela.
"Gostaria que algo acontecesse", disse Bobbie, sonhadoramente, "algo maravilhoso."
E algo maravilhoso realmente aconteceu exatamente quatro dias depois que ela disse isso. Gostaria de poder dizer que foi três dias depois, porque nos contos de fadas é sempre três dias depois que as coisas acontecem. Mas esta não é uma história de fadas, e além disso, realmente foram quatro e não três, e eu sou nada senão estritamente verdadeiro.
Eles pareciam quase não ser mais crianças da Ferrovia naqueles dias, e à medida que os dias passavam, cada um tinha uma sensação desconfortável sobre isso que Phyllis expressou um dia.
"Eu me pergunto se a Ferrovia sente nossa falta", disse ela, queixosa. "Nós nunca mais vamos vê-la agora."
"Parece ingratidão", disse Bobbie; "gostávamos tanto dela quando não tínhamos mais ninguém para brincar."

"Perks está sempre vindo perguntar por Jim," disse Peter, "e o filhinho do sinalizador está melhor. Ele me disse isso."
"Não quis dizer as pessoas", explicou Phyllis; "quis dizer a querida Ferrovia em si."
"A coisa que não gosto", disse Bobbie, nesse quarto dia, que era uma terça-feira, "é termos parado de acenar para o das 9:15 e mandar nosso amor para o Papai por ela."
"Vamos começar de novo", disse Phyllis. E eles o fizeram.
De alguma forma, a mudança de tudo que foi feita por ter empregados na casa e a Mãe não escrevendo nada, fez o tempo parecer extremamente longo desde aquela estranha manhã no início das coisas, quando eles se levantaram tão cedo e queimaram o fundo da chaleira e comeram torta de maçã no café da manhã e viram a Ferrovia pela primeira vez.
Agora era setembro, e a relva na inclinação para a Ferrovia estava seca e crocante. Pequenas hastes de capim se erguiam como pedaços de arame dourado, frágeis bluebells tremiam em seus caules delgados e resistentes, rosas ciganas se abriam largas e planas mostrando seus discos lilás, e as estrelas douradas de Erva-de-São-João brilhavam nas bordas do poço que ficava no caminho até a Ferrovia. Bobbie colheu um punhado generoso das flores e pensou quão bonitas elas pareceriam deitadas sobre o cobertor verde e rosa de seda-de-ouro que agora cobria a pobre perna quebrada de Jim.
"Apressa-te", disse Peter, "ou perderemos o das 9:15!"

"Eu não posso me apressar mais do que estou fazendo", disse Phyllis. "Ah, droga! Meu cadarço se desamarrou de NOVO!"
"Quando você se casar", disse Peter, "seu cadarço vai se desamarrar enquanto você estiver subindo ao altar da igreja, e o homem com quem você vai se casar vai tropeçar nele e quebrar o nariz no chão ornamentado; e daí você vai dizer que não vai casar com ele, e terá que ser uma solteirona."
"Eu não vou", disse Phyllis. "Eu preferiria muito mais me casar com um homem com o nariz quebrado do que não me casar com ninguém."
"Seria horrível se casar com um homem com o nariz quebrado, mesmo assim", continuou Bobbie. "Ele não conseguiria sentir o cheiro das flores no casamento. Não seria terrível!"
"Que se dane as flores do casamento!" gritou Peter. "Olhem! o sinal está abaixado. Nós precisamos correr!"
Eles correram. E mais uma vez acenaram com seus lenços, sem se importar se estavam limpos ou não, para o trem das 9h15.
"Levem nosso amor para o Papai!" gritou Bobbie. E os outros também gritaram:
"Levem nosso amor para o Papai!"
O velho cavalheiro acenou da janela de seu vagão de primeira classe. Acenou violentamente. E não havia nada de estranho nisso, pois ele sempre acenava. Mas o que foi realmente notável foi que de todas as janelas lenços tremulavam, jornais sinalizavam, mãos acenavam freneticamente. O trem passou com um ruído e estrondo, as pequenas pedras saltaram e dançaram

debaixo dele enquanto passava, e as crianças ficaram olhando umas para as outras.
"Bem!" disse Peter.
"BEM!" disse Bobbie.
"BEM!" disse Phyllis.
"O que diabos isso significa?" perguntou Peter, mas ele não esperava nenhuma resposta.
"Eu não sei", disse Bobbie. "Talvez o velho cavalheiro tenha dito ao pessoal da estação dele para ficar de olho em nós e acenar. Ele sabia que nós gostaríamos!"
E curiosamente, foi exatamente isso que aconteceu. O velho cavalheiro, que era muito conhecido e respeitado na estação dele, chegou lá cedo naquela manhã e esperou na porta onde o jovem fica segurando a máquina interessante que corta os bilhetes, e disse algo a cada passageiro que passou por aquela porta. E depois de acenar para o que o velho tinha dito - e acenos expressaram toda a gama de surpresa, interesse, dúvida, prazer alegre e concordância rabugenta - cada passageiro foi para a plataforma e leu uma certa parte do jornal. E quando os passageiros entraram no trem, eles contaram para os outros passageiros que já estavam lá o que o velho cavalheiro tinha dito, e então os outros também olharam seus jornais e pareceram muito surpresos e, na maioria, contentes. Então, quando o trem passou pela cerca onde as três crianças estavam, jornais e mãos e lenços foram acenados loucamente, até que todo aquele lado do trem ficou tremulante de branco como os quadros da Coroação do Rei no cinema de Maskelyne e Cook's. Para as crianças parecia quase que o trem estava vivo, e estava finalmente respondendo

ao amor que elas tinham dado tão livremente e por tanto tempo.
"É tudo muito extraordinário!" disse Peter.
"Muito extraordinário!" ecoou Phyllis.
Mas Bobbie disse: "Vocês não acham que os acenos do velho senhor pareciam mais significativos do que o usual?"
"Não", disseram os outros.
"Eu acho", disse Bobbie. "Eu pensei que ele estava tentando nos explicar algo com o jornal dele."
"Explicar o quê?" perguntou Peter, com razão.
"Eu não sei", respondeu Bobbie, "mas eu realmente sinto algo muito estranho. Eu sinto exatamente como se algo estivesse para acontecer."
"O que vai acontecer", disse Peter, "é que a meia da Phyllis vai cair."
Isso era muito verdade. O suspensório tinha se soltado na agitação dos acenos para o trem das 9h15. O lenço de Bobbie serviu como primeiros socorros à machucada, e todos foram para casa.
As lições foram mais difíceis do que o usual para Bobbie naquele dia. Na verdade, ela se envergonhou tão profundamente em relação a uma conta bem simples sobre a divisão de 48 libras de carne e 36 libras de pão entre 144 crianças famintas que a Mãe a olhou preocupada.
"Você não está se sentindo bem, querida?" ela perguntou.
"Eu não sei", foi a resposta inesperada de Bobbie. "Eu não sei como me sinto. Não é que eu esteja preguiçosa.

Mãe, você vai me dispensar das lições hoje? Eu estou sentindo que quero ficar completamente sozinha."
"Sim, é claro que te dispenso", disse a Mãe, "mas—"
Bobbie deixou cair a sua lousa. Ela quebrou bem na linha verde que é tão útil para desenhar padrões ao redor, e nunca mais foi a mesma lousa. Sem esperar para pegar, ela saiu correndo. A Mãe a pegou no corredor procurando às cegas entre as capas de chuva e os guarda-chuvas por seu chapéu de jardim.
"O que foi, minha querida?" disse a Mãe. "Você não está se sentindo mal, está?"
"EU NãO sei", respondeu Bobbie, um pouco ofegante, "mas eu quero ficar sozinha e ver se minha cabeça realmente ESTÁ toda boba e meu interior todo revirando."
"Não seria melhor você deitar?" disse a Mãe, passando a mão carinhosamente em seu cabelo.
"Eu acho que estaria mais animada no jardim", disse Bobbie.
Mas ela não conseguiu ficar no jardim. As malvas-rosa e os ásteres e as rosas tardias todas pareciam estar esperando por algo para acontecer. Era um daqueles dias de outono parados e brilhantes, quando tudo parece estar esperando.
Bobbie não podia esperar.
"Vou descer até a estação", ela disse, "e falar com Perks e perguntar sobre o filhinho do sinalizador."
Então ela desceu. No caminho, ela passou pela velha senhora do correio, que a beijou e abraçou, mas, curiosamente para Bobbie, sem palavras exceto:

"Deus te abençoe, querida—" e, após uma pausa, "corra —vá."
O rapaz da loja de tecidos, que às vezes tinha sido um pouco menos que civilizado e um pouco mais que desdenhoso, agora tocou seu boné, e disse as notáveis palavras:
"Bom dia, senhorita, tenho certeza—"
O ferreiro, vindo com um jornal aberto na mão, foi ainda mais estranho em seu jeito. Ele sorriu amplamente, embora, geralmente, fosse um homem que não costumava sorrir, e acenou com o jornal muito antes de chegar até ela. E quando passou por ela, ele disse, em resposta ao "Bom dia" dela:
"Bom dia para você, mocinha, e muitos deles! Eu desejo felicidades para você, disso eu tenho certeza!"
"Oh!" disse Bobbie para si mesma, e seu coração acelerou seus batimentos, "algo ESTÁ para acontecer! Eu sei que está—todo mundo está tão estranho, como as pessoas estão nos sonhos."
O Chefe de Estação apertou a mão dela calorosamente. Na verdade, ele a balançou para cima e para baixo como uma bomba d'água. Mas ele não deu a ela nenhum motivo para essa saudação tão entusiasmada. Ele apenas disse:
"O das 11h54 está um pouco atrasado, senhorita—por causa das bagagens extras nesta época de feriado," e foi depressa para aquele Templo interior que nem mesmo Bobbie ousava seguir.
Perks não estava à vista, e Bobbie dividiu a solidão da plataforma com o Gato da Estação. Essa dama de casca de tartaruga, geralmente de disposição reservada, veio

hoje se esfregar contra as meias marrons de Bobbie com as costas arqueadas, rabo balançando e ronronados reverberantes.
"Meu Deus!" disse Bobbie, inclinando-se para acariciá-la, "como todo mundo está gentil hoje—até você, Gatinha!"
Perks não apareceu até que o trem das 11h54 foi sinalizado, e então ele, como todo mundo naquela manhã, tinha um jornal na mão.
"Olá!" ele disse, "aqui está você. Bem, se ESTE é o trem, vai ser bem rápido! Bem, Deus te abençoe, minha querida! Eu vi isso no jornal, e acho que nunca fiquei tão feliz com nada em toda minha vida!" Ele olhou para Bobbie por um momento e então disse: "Um eu preciso ter, senhorita, e não tome como ofensa, eu sei, em um dia como este aqui!" e com isso ele beijou-a, primeiro em uma bochecha e depois na outra.
"Você não está ofendida, está?" ele perguntou ansiosamente. "Eu não tomei uma liberdade muito grande? Em um dia como este, você sabe—"
"Não, não," disse Bobbie, "é claro que não é uma liberdade, caro Sr. Perks; nós te amamos quase como se você fosse um tio nosso—mas—em um dia COMO O QUÊ?"
"Como este aqui!" disse Perks. "Não te disse que vi no jornal?"
"Viu O QUÊ no jornal?" perguntou Bobbie, mas já o trem das 11h54 estava chegando na estação e o Chefe de Estação estava olhando para todos os lugares onde o Perks não estava e deveria estar.
Bobbie ficou sozinha, o Gato da Estação observando-a debaixo do banco com olhos dourados amigáveis.

É claro que você já sabe exatamente o que estava para acontecer. Bobbie não era tão esperta. Ela tinha a vaga, confusa, expectante sensação que envolve o coração nos sonhos. O que seu coração esperava eu não posso dizer - talvez a própria coisa que você e eu sabemos que estava para acontecer - mas sua mente não esperava nada; estava quase em branco, e sentia nada além de cansaço e estupidez e um sentimento de vazio, como seu corpo sente quando você teve uma longa caminhada e já é muito fora da hora do jantar.

Apenas três pessoas desceram do trem das 11h54. O primeiro foi um homem do campo com dois cestos cheios de galinhas vivas que colocavam suas cabeças ruivas para fora ansiosamente pelas barras de vime; a segunda era a Srta. Peckitt, prima da esposa do quitandeiro, com uma caixa de lata e três pacotes de papel pardo; e o terceiro—

"Oh! meu papai, meu papai!" Aquele grito foi como uma faca no coração de todos no trem, e as pessoas colocaram suas cabeças para fora das janelas para ver um homem alto e pálido, com os lábios apertados em uma linha fina e uma garotinha agarrada a ele com braços e pernas, enquanto seus braços a apertavam fortemente.

* * * * * * *

"Eu sabia que algo maravilhoso ia acontecer", disse Bobbie, enquanto subiam a estrada, "mas eu não pensei que seria isso. Oh, meu papai, meu papai!"

"Então a mamãe não recebeu minha carta?" perguntou o pai.

"Não houve cartas esta manhã. Oh! Papai! realmente é você, não é?"
O aperto de uma mão que ela não havia esquecido assegurou-lhe que era. "Você deve entrar sozinha, Bobbie, e dizer à mãe bem tranquilamente que está tudo bem. Eles pegaram o homem que fez isso. Todos sabem agora que não foi seu papai."
"Eu sempre soube que não era," disse Bobbie. "Eu e mamãe e nosso velho cavalheiro."
"Sim," ele disse, "foi tudo por causa dele. Mamãe escreveu e me contou que vocês descobriram. E ela me contou o que você tem sido para ela. Minha própria garotinha!" Eles pararam um instante então.
E agora eu os vejo atravessando o campo. Bobbie entra na casa, tentando impedir que seus olhos falem antes que seus lábios encontrem as palavras certas para "contar para a mamãe bem tranquilamente" que a tristeza, a luta e a separação terminaram, e que o papai voltou para casa.
Eu vejo o papai andando no jardim, esperando— esperando. Ele está olhando para as flores, e cada flor é um milagre para olhos que, durante todos esses meses de primavera e verão, viram apenas lajes de pedra, cascalho e um pouco de grama escassa. Mas seus olhos continuam se voltando para a casa. E logo ele deixa o jardim e vai para fora da porta mais próxima. É a porta dos fundos, e do outro lado do pátio as andorinhas estão circulando. Elas estão se preparando para voar para longe dos ventos frios e da geada intensa para a terra onde é sempre verão. São as mesmas andorinhas para

as quais as crianças construíram os pequenos ninhos de barro.
Agora a porta da casa se abre. A voz de Bobbie chama: "Entre, papai; entre!"
Ele entra e a porta se fecha. Acho que não devemos abrir a porta ou segui-lo. Acho que agora não somos necessários lá. Acho que será melhor para nós irmos embora rápida e silenciosamente. No final do campo, entre as finas hastes douradas de grama e os sinos-de-lebre e rosas ciganas e ervas-de-são-joão, podemos dar uma última olhada, por sobre os ombros, para a casa branca onde nem nós nem ninguém mais é necessário agora.